

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TORNANDO-SE PSICÓLOGO CLÍNICO

Recife
2006

VIRGÍNIA TELES CARNEIRO

TORNANDO-SE PSICÓLOGO CLÍNICO

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco como
parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Recife
2006

Virgínia Teles Carneiro

TORNANDO-SE PSICÓLOGO CLÍNICO

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Marcus Túlio Caldas
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Prof^a Dr^a Ana Lúcia Francisco
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Prof^a Dr^a Henriette Tognetti Penha Morato
Universidade de São Paulo – USP

Este trabalho se destina especialmente àqueles que já se marcaram de forma tão profunda que as marcas parecem esconder-se por sob a pele.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua infinita bondade e pelos caminhos tortuosos que me faz trilhar.

À minha família, em especial à minha mãe Lucília, meu pai Metódio e minha irmã Luciana. Pelo amor incondicional e pelo apoio a mim concedido em todos os momentos de minha vida.

A Adriano pela presença presente, pelo apoio, acolhimento e surpreendentes momentos de compreensão. Nosso amor torna a vida e seu ofício mais simples de viver. Você tem o dom de trazer à luz, de me mostrar o chão.

A Raíla, companheira fiel desta e de outras viagens. Quantos lugares iguais e diferentes visitamos, quantas línguas aprendemos, quantas vivências dividimos. Mas talvez a maior aprendizagem tenha sido a descoberta uma da outra, pois depois de tantos anos de convivência, finalmente nos demos a conhecer. Obrigada pelos momentos em que nos fizemos necessárias.

A Lucyanna, minha outra companheira de viagem e de aprendizagem. Dividir com você esta jornada me mostrou quão sinuosos podem ser os caminhos, quão divina pode ser a aprendizagem. Obrigada por todos os momentos de partilha em que nomeamos nossas afetações.

A Dimitri, querido mestre e amigo, por me mostrar outros espaços do mesmo terreno, pela provocação e confiança depositada.

A Marcus, querido orientador, por me deixar caminhar livremente em busca de minha destinação. Por me permitir lançar à aventura, por confiar em meu lançamento... E pelos momentos de profunda compreensão e de estímulo durante este percurso.

A Henriette por destruir a ilusão. Por me convocar para mim mesma e bifurcar a direção, pondo setas contrárias no meio do caminho. Não que tenha sido fácil fazer a travessia! Porém, tudo se re-configura quando se tem uma referência de partida. Agradeço com carinho os momentos provoca-dores.

À Ana Lúcia pela leitura cuidadosa e atenta deste trabalho.

À Vânia Ferreira, pelo acolhimento, abertura e disponibilidade que extrapolam os limites da sala de aula.

A Waldeliz pela escuta, compreensão, acolhimento, provocação e paciência. A clínica ganha uma outra significação quando podemos nos interpretar na posição daquele que demanda atenção e cuidado.

A todos os clientes que passaram e que passam por mim, pela aprendizagem compartilhada.

Aos interlocutores que co-laboraram com esta pesquisa, pela disponibilidade e partilha de vivências e afetações.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / CAPES, pelo investimento e estímulo concedido à pesquisa.

À Coordenação do Mestrado em Psicologia Clínica e à Secretaria dos Mestrados pelo auxílio durante todo o curso.

A todos que de alguma forma me auxiliaram no cumprimento desta jornada.

- Assim como o corpo – respondiam os doutos – assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas atitudes e funções a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade, indulgente, acolhe, na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento.

Michel Serres

RESUMO

O presente estudo versa sobre como estagiários do curso de psicologia vivenciam a experiência de se tornarem psicólogos clínicos, tendo como referência o trânsito entre um modo de saber prático, ancorado na experiência pessoal, e um modo de saber advindo de teorias. A legitimação desta pesquisa está em tornar evidente a necessidade de reformulações na formação do psicólogo clínico, que vão além das sugeridas pelas reformas curriculares. Dito de outro modo, a contribuição está em apontar para a incongruência da formação de um profissional que cuida, mas que, pelo instituído formal e oficial, é descuidado. A pesquisa tem como referência metodológica a fenomenologia existencial, utilizando como recurso a metodologia de relatos orais. Como contexto, optou-se por duas instituições de ensino superior localizadas em João Pessoa - PB, a saber, a Universidade Federal da Paraíba/ UFPB e o Centro Universitário de João Pessoa/ UNIPÊ. Os colocutores foram oito estagiários que já haviam se iniciado na prática psicológica e clínica e que estavam em supervisão. A pesquisa em campo ocorreu em dois momentos: primeiramente; em cada instituição foi realizado um grupo de discussão; posteriormente, foram realizadas entrevistas individuais com os participantes, no intuito de possibilitar a autenticação do que foi revelado no momento do grupo. Os depoimentos colhidos indicam aspectos pertinentes para a compreensão do objetivo proposto, como a cisão da experiência vivenciada através da própria estrutura do curso; o espaço que a supervisão ocupa na formação clínica; a importância da prática no contexto da formação; a necessidade premente de se avaliar a formação do psicólogo.

Palavras-chave: formação em psicologia clínica; prática clínica; supervisão.

ABSTRACT

The present study discuss how non-graduated Psychology trainees live deeply the experience of becoming clinical psychologists, having as reference the interchange between a practical knowledge, anchored in the personal experience, and theoretical knowledge. The legitimation of this research is to evidence the necessity of reformulation in clinical psychologists formation, that go beyond the suggest ones for the curricular reforms. In other words, the contribution comes from showing the incongruence on the formation of a professional that treats, but when considering the formal and official institutes, is neglected. Existential phenomenology is the methodological reference for this research, using verbal reports as resource. Two respected education institutions, Universidade Federal da Paraíba / UFPB and Centro Universitário de João Pessoa / UNIPÊ, both located in João Pessoa – PB, were used as scenery. Eight trainees from these institutions, which were already initiated in both clinical psychological practice and supervision, act as collaborators on this research. The field research occurs in two different moments: first, a discussion group was organized in each institution; second, individual interviews were performed with the trainees trying to authenticate what was revealed on group discussions. The harvested testimony indicates pertinent aspects for understanding the proposed objective: the evident split of lived experience that comes from the graduation course structure itself; the extension of supervision in clinical formation; the importance of practice on formation context; the urgent necessity of evaluating the psychologists' formation.

Key-words: Clinical Psychology formation; practical clinic; supervision.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO OU A VIAJANTE.....	12
2. O CONTEXTO DA QUESTÃO OU O DESTINO DA VIAGEM.....	21
2.1 A formação em psicologia clínica.....	21
2.2. Supervisão e psicologia clínica.....	26
3. ARTICULANDO A QUESTÃO OU BIFURCANDO EM POSSÍVEIS DIREÇÕES.....	38
3.1 Michael Polanyi e sua epistemologia.....	43
3.1.2 Ressonâncias do pensamento de Michael Polanyi para a psicologia clínica.....	51
3.2 Aprendizagem Significativa.....	58
3.3. Técnica e psicologia.....	65
4. METODOLOGIA OU A TRAVESSIA.....	74
4.1 Como pensamos em realizar a pesquisa.....	80
4.2 Como ela realmente aconteceu.....	82
5. UMA INTERPRETAÇÃO OU O “LUGAR MESTIÇO”.....	88
5.1 Grupo Um.....	89
5.2 Grupo Dois.....	112
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	158

REFERÊNCIAS	164
ANEXOS.....	169
Anexo A.....	170
Anexo B.....	171

1. APRESENTAÇÃO OU A VIAJANTE

De fato, nada aprendi sem que tenha partido, nem ensinei ninguém sem convidá-lo a deixar o ninho (...) Nenhum aprendizado dispensa a viagem.

Michel Serres

Toda pesquisa origina-se a partir de uma questão. Uma questão que clama por atenção e cuidado de alguém específico. Cabe ao sujeito olhar para esta questão, aceitando a condição de inquietação que a mesma provoca. Inquietação esta, que não ocorre por acaso, assim como não ocorre por acaso o aparecimento da questão.

Vale ressaltar, que a afetação que a questão provoca no pesquisador denota a implicação de ambos. É justamente pelo fato de acreditar que questão e pesquisador fazem parte um do outro, que me permito contar um pouco de minha história com a psicologia.

Minha questão me inquieta desde que comecei a vislumbrar minha ação enquanto psicóloga. Surgiu durante o período de formação em psicologia e vem se construindo desde quando me percebi em minha própria formação buscando compreender, de certa forma, como se aprende a ser psicólogo.

Em meu percurso durante o curso de formação, me senti “perdida” em diversos momentos, pois as disciplinas do curso me mostravam uma psicologia muito mais ampla do que eu poderia imaginar. A descoberta dos diversos campos de trabalho do psicólogo demonstrava uma abertura a possibilidades, mas também uma sensação de “falta de território”. Dito de outra forma, não havia nada em que eu pudesse me apegar de concreto que me desse a segurança suficiente para responder questionamentos como: “o que é ser psicólogo afinal?”, ou “o que faz do

psicólogo um psicólogo?”, “qual a habilidade que tenho que desenvolver?”. Estas perguntas me perseguiram (e porque não confessar, me perseguem até hoje), de modo que procurei me “engajar” em espaços onde eu imaginava que pudessem me ajudar a compreender melhor tantas interrogações.

Particpei durante três anos de um grupo de pesquisas que buscava compreender a relação entre trabalho e subjetividade. Foi uma experiência muito preciosa, pois aprendi muito além do que os estudos acerca da psicologia do trabalho poderiam me proporcionar. Comecei a perceber uma certa afeição em fazer pesquisas, e até mesmo uma certa habilidade, porém havia algo que me incomodava, mas que eu ainda não conseguia compreender. Eu buscava entender a minha ação naquele meio, ou seja, qual a relação entre o meu trabalho e a minha subjetividade.

Aproximadamente no terceiro ano do curso, busquei fazer uma psicoterapia, o que é bastante comum entre estudantes de psicologia. A partir disto, comecei a sentir que a psicologia clínica me “chamava”. Algo ainda em torno do indizível, mas que me surpreendeu pela forma como a psicoterapia se refletiu em minha vida. Comecei a perceber que havia algo na clínica que me chegava como estritamente pessoal, mas que me levava a tentar compreender, também, o que outros já haviam dito, no sentido de buscar teorias acerca do que minha psicoterapeuta dizia ser a perspectiva que orientava sua prática, no caso, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

Os fatos foram se sucedendo como se eu buscasse compreender melhor a psicologia. Então, paralelamente à minha prática na pesquisa em psicologia do trabalho, eu buscava compreender melhor a psicologia clínica, a partir de minha experiência como cliente. Cursei algumas disciplinas, como as de Aconselhamento

Psicológico, participei de alguns encontros teórico-vivenciais, de forma que, no final do curso, na época de escolher qual seria o meu estágio supervisionado, firmei minha opção pelo estágio em psicologia clínica, e dentre as opções possíveis, que eram Psicanálise e ACP, optei pela ACP.

O momento do estágio supervisionado foi de suma importância, pois o via como uma passagem para o campo profissional, e, para mim, *precisava* ser o início de uma prática na psicologia clínica, pois era estando nela que me percebia podendo *ser*, para, então, poder *fazer*. De modo implícito, eu sentia que dentro daquele contexto específico da psicologia do trabalho, *eu* não teria esta possibilidade. Então, mesmo antes de iniciar o estágio supervisionado eu já estava inserida na psicologia clínica, mas, ao mesmo tempo, sentindo-me profundamente desalojada, por ter a sensação de que finalmente eu iria conseguir responder antigas interrogações.

O período do estágio supervisionado foi quando pude experienciar a angústia de existir, de estar no mundo. A supervisão era feita em grupo, havendo horários para discussões teóricas, para elaboração da experiência pessoal, também chamada “sensibilização”, e, após alguns meses, os atendimentos propriamente ditos. Foi um período de encontro interior muito complexo, pois sentia a ambigüidade típica da condição humana vibrando dentro de mim. Sentia uma solidão enorme que doía, mas que me confortava. Havia o grupo de estágio, onde compartilhávamos nossas experiências, e eu sentia que ao compartilhar minhas experiências pessoais, era quando podia torná-las ainda mais minhas. Era, então, para mim, um momento de encontro com outros, que fazia encontrar a mim, e me sentir solidária e solitária na mesma proporção e ao mesmo tempo.

Paralelamente, eu me iniciava em minha prática clínica. Então, o período de intenso encontro interior, era também o momento de me expor ao outro como alguém disponível a acolher e cuidar daquilo que ele demandava.

Os primeiros atendimentos foram chocantes no sentido de que eu não imaginava o *quanto* tinha que estar presente ali, diante de quem quer ser escutado. Eu não fazia idéia de como era sentir tão vividamente ser eu mesma o próprio instrumento de trabalho. Não havia nada a que eu pudesse recorrer além de mim mesma. Isso me deixou num estado tal de perplexidade que gerou questionamentos acerca do que de fato eu estava fazendo ali. Como a sessão se passava sem que eu pudesse ter o controle ou a total compreensão do que de fato estava sendo feito naquele momento? O fato era que eu não sabia o que ou como estava fazendo, mas mesmo sem entender, o cliente voltava na sessão seguinte.

Além disso, percebi que precisava da supervisão para tentar compreender melhor minhas experiências de ser alguém que atende quem procura ser atendido. Aos poucos, porém, percebi que apesar de a supervisão ser um espaço de extrema importância, ela não dava conta da minha experiência, pois muitas vezes, o sentido que eu buscava encontrava em outros espaços. A supervisão se mostrou para mim como um espaço onde poderia elaborar melhor os meus questionamentos e não as respostas. Um dia eu falei para meu supervisor: “Não é apenas a supervisão que me faz compreender o que aconteceu naquela sessão. É a própria vida também. É uma coisa que acontece lá fora, é como se fosse o segundo atendimento que me fizesse compreender melhor o que aconteceu no primeiro”. De modo implícito, eu já havia percebido que a supervisão não era um espaço para discussão de casos clínicos. E sim um espaço também clínico para que os supervisandos pudessem elaborar suas experiências nos atendimentos, já que ela não dava diretrizes do que ou como

deveria ser feito. Dito de outra forma, me encontrava num “sem chão” constante. Percebia-me diferente em cada atendimento, fosse com o mesmo ou com novos clientes. Porém, sentia necessidade de descobrir qual era o meu “jeito de ser”. O que havia de meu que me possibilitava desenvolver uma escuta acolhedora. Mas o fato era que estava sempre me surpreendendo comigo e com os clientes, de forma que não havia como captar ou talvez “encapsular” o meu modo de fazer clínica.

A partir do momento em que comecei a perceber que não poderia “segurar com as mãos” nem a mim, nem o cliente, comecei a perceber que talvez esta fosse exatamente a condição de se dispor a ser clínica. Foi muito assustador. Era uma abertura a possibilidades muito maior do que poderia imaginar. E cheguei a questionar se de fato estava disposta a seguir este caminho, que vai muito além de uma simples escolha profissional. É viver na profissão o que vivemos na vida sem nos darmos conta, que é sermos seres de projecto. Somos lançados no mundo e o que nos resta é viver este lançamento. Não há uma linha de chegada; há apenas a referência de partida e uma destinação.

Foi lendo *Filosofia Mestiça*, de Michel Serres (1993), que pude nomear essa angústia de “sem chão” constante de *travessia*. Serres fala que ninguém sabe nadar de fato, se não tiver enfrentado um rio, ou um mar agitado, turbulento. Nós somos lançados frente a um rio, que é a vida, a nossa existência; esse rio às vezes é calmo, as vezes agitado. Não sabemos, quando atravessamos um rio, exatamente o que vai acontecer, durante o percurso, a travessia. Só nos resta escolher: atravessar, ou não. E atravessar significa se lançar, arriscar, tentar nadar, enfrentar os imprevistos, enfim, suportar a travessia, que pode ser difícil. Mas caso aceitemos fazer a travessia, encontraremos do outro lado do rio a oportunidade de ver que há outras possibilidades. Sejam elas quais forem. O ato de atravessar é sofrido, mas é

nessa travessia que se desvelam possibilidades de ser e de criar. Porém, Serres diz que o nadador após atravessar um rio agitado percebe que pode atravessar outros. Então, se quisermos encontrar outras possibilidades, teremos que fazer novas travessias. Ou seja, o fim de uma travessia, é apenas a possibilidade do início de uma outra travessia.

Com essa metáfora, pude então, dar sentido ao que tanto me inquietava, que foi o fato de que “só se aprende a nadar, nadando”. Então eu só poderia me sentir psicóloga, sendo psicóloga de fato, no sentido de estar “mergulhada”, implicada naquilo que faço, por ser profundamente afetada e de fazer algo com essa afetação.

Foram inquietações que surgiram no período de meu estágio supervisionado, mas que continuam comigo, hoje como profissional. Então, sendo psicóloga nas diferentes modalidades clínicas que pude ser (psicoterapia individual, plantão psicológico e oficinas de criatividade), sempre me vinha a mesma questão que era de estar lançada ao imprevisível. E de que, como profissional, o que me resta é estar aberta a este imprevisível tendo como recursos apenas tudo o que vivi, o que experienciei, incluindo aí, minhas experiências com as teorias que passam por mim.

Desta forma, hoje posso nomear de que forma a leitura dos escritos de Luís Cláudio Figueiredo (1993; 2004) ajudou a dar sentido ao que me inquietava. De acordo com este autor, há uma necessidade de pertencimento que faz com que nos filiiemos à determinada abordagem ou escola, o que nos dá uma sensação de identidade profissional. Mas na realidade, o que não é oficial dentro da psicologia, é que esta escolha por abordagem ou linha, assim como a própria teoria, está misturada a tudo que o sujeito é, e a tudo que experienciou, de forma que o saber de ofício do psicólogo clínico torna-se algo profundamente pessoal.

Percebo, então, que minha inquietação surgiu a partir do momento em que senti o impacto de me perceber profundamente implicada com aquilo que faço. Entendi, finalmente, que a psicologia diz de ser humano, de *como é ser humano* (no sentido verbal da expressão). Logo, compreendi que é ferramenta essencial para a ação esta implicação, já que o psicólogo, afinal de contas, ao ter como foco de trabalho o *ser humano* tem como foco de trabalho, de certa forma, também a si próprio. Ou seja, olhar para a condição humana é também olhar para si mesmo. Foi impactante reconhecer diante de mim a multiplicidade constitutiva do domínio que abracei. Se *ser humano* é ao mesmo tempo foco e ferramenta de trabalho, fica claro que há um constante extravasamento dos limites dos aportes teóricos organizados em sistemas representacionais e que, enquanto psicóloga, tenho o desafio de desenvolver minhas atividades práticas lançando mão de diversos recursos, sendo o principal deles a pessoa que estou sendo.

Estas inquietações me levaram a continuar buscando respostas, trouxeram mais questionamentos e me conduziram para o mestrado. A mola que impulsiona esta pesquisa é a tentativa de *compreender, a partir do trânsito entre um modo de saber prático, ancorado na experiência pessoal, e um modo de saber advindo de uma teoria, como estagiários vivenciam a experiência de se tornarem psicólogos clínicos.*

Como contexto para interrogar minha questão, escolhi duas clínicas-escola de psicologia que tenho mais acesso, localizadas em João Pessoa - PB, local onde fiz a minha formação em psicologia. Apesar de ter feito minha formação em apenas uma das instituições, achei que seria interessante ampliar o meu campo de pesquisas, ouvindo pessoas de outro ambiente.

A opção pelo estagiário em psicologia clínica justifica-se por ser o período de estágio uma época de abertura para a prática profissional e também para si mesmo. É quando o “quase-profissional” terá que oficialmente olhar para sua prática e para si mesmo, já que é obrigatória a passagem pela supervisão. São com estas pessoas que estão vivenciando este momento em que o trânsito de seu fazer/saber está “à flor da pele” que pretendo compreender a questão que norteia esta pesquisa.

Até chegar à minha questão, passei um pouco pela minha história com a psicologia para que ficasse claro ao leitor como é a pesquisadora que aqui se apresenta como “viajante”. Para a utilização deste termo, me baseei num diálogo que ocorre entre três personagens (um casal e um amigo) no filme de Bernardo Bertolucci *O céu que nos protege*, ao qual Schmidt faz referência (*In*: MORATO, 1999, p. 91), para metaforizar como me reconheço no processo de pesquisar:

Amigo: Terra firme. Devemos ser os primeiros turistas desde a guerra.

Mulher: Somos viajantes, não turistas.

Amigo: Qual a diferença?

Marido: O turista pensa em voltar para casa assim que chega.

Mulher: E o viajante pode nem voltar.

Convido, então, o leitor a embarcar comigo nesta viagem, composta de quatro “paradas” ou capítulos: a primeira parada, ou segundo capítulo, tem como objetivo mostrar o sentido apontado pela questão que orienta este estudo, através de uma contextualização da mesma, tendo como recurso a discussão acerca da formação e supervisão em psicologia clínica; no terceiro capítulo tentei juntar, formando cadeias, aspectos que acredito que sejam relevantes para explorar diferentes facetas da questão, numa tentativa de ampliar a compreensão da mesma; no quarto capítulo, exponho o modo como encontrei para pôr a questão em ação, ou seja, a metodologia a qual recorri para que ela deixasse de ser apenas uma questão; no quinto capítulo apresento os depoimentos acompanhados por minhas interrogações

e interpretações, trazendo para o estudo a presença de outros “passageiros” que compartilharam as suas experiências de suas próprias viagens, me dando oportunidade de ser atravessada por elas, desvelando, assim, outras possibilidades para a questão; e, por fim, faço as considerações finais, trazendo lembranças da viagem, acolhendo e assimilando as aprendizagens que ela proporcionou.

2. O CONTEXTO DA QUESTÃO OU O DESTINO DA VIAGEM

A viagem é para lá. Mas a corrida segue curvas de nível, segundo um desempenho ou um perfil que dependem ao mesmo tempo das pernas do corredor e do terreno que ele atravessa.

Michel Serres

2.1 A formação em psicologia clínica

Refletir acerca da formação do psicólogo clínico é, irremediavelmente, refletir acerca da formação do psicólogo de um modo geral. Conseqüentemente, as questões levantadas aqui no intuito de compreender o percurso do estudante de psicologia dirigido à formação clínica, por vezes provocarão um espelhamento da formação do psicólogo, embora não seja este o foco central ao qual se pretende atentar no presente estudo.

Como se sabe, a estrutura curricular dos cursos de psicologia vem sendo reavaliada há algum tempo. O que se percebe é que embora haja uma certa diversidade curricular, no que se refere ao tipo de disciplinas oferecidas pelas instituições formadoras, há um modelo comum, que obedece a uma concepção de ciência dominante na modernidade que é a de privilegiar o conhecimento num nível informativo e cumulativo, através de disciplinas essencialmente teóricas, que funcionam como se fossem uma aproximação sucessiva da verdade científica e uma etapa preparatória para a aplicação da prática da psicologia.

Vale ressaltar que esta não é uma característica exclusiva do curso de psicologia, pois de acordo com Schön (2000), a racionalidade técnica serve de base para as escolas profissionais da universidade moderna, que é primordialmente dedicada à pesquisa. Portanto, o currículo normativo que foi assumido no início do século XX, ou seja, numa época em que as profissões especializadas ainda

buscavam ganhar prestígio através do meio acadêmico, “incorpora a idéia de que a competência prática torna-se profissional quando seu instrumental de solução de problemas é baseado no conhecimento sistemático, de preferência científico” (SCHÖN, 2000, p. 19). Assim, a norma curricular foi estabelecida de modo a seguir uma ordem: primeiramente a ciência básica, em seguida a ciência aplicada e, por último o ensino prático, no qual se presume que os alunos possam finalmente desenvolver suas habilidades aplicando o conhecimento acumulado nos anos anteriores.

Esta estruturação curricular além de confirmar a cisão entre a teoria e a prática, implicitamente carrega a noção de que “é preciso antes conhecer para depois atuar” (ANDALO, 1993, p. 42). Esta mesma autora afirma ainda que questionar a ênfase que é dada à teoria em detrimento da prática não significa pensar em uma inversão da estrutura educacional, ou seja, em priorizar a prática, prejudicando o conhecimento teórico, o que provavelmente ocasionaria uma redução do saber científico ao senso comum. Mas sim de trazer à tona o saber instituinte, como apontado por Chauí (1981, p. 5): “o saber é um trabalho para elevar à dimensão do conceito uma situação de não-saber, isto é, a experiência imediata, cuja obscuridade pede o trabalho de classificação”. Este adiamento da prática dificulta a possibilidade de construir um saber engendrado com a experiência.

Porém, vale ressaltar que não é apenas a postergação da prática que obscurece a experiência do aluno. Pois o curso de psicologia é estruturado de modo que o aluno precisa ter a capacidade de sobrepor o novo conhecimento ao antigo sem, na maioria das vezes, disponibilizar uma abertura para que o aluno possa articular não só as diversas teorias expostas, mas principalmente sua

experiência frente a elas. Há uma lacuna entre o conhecimento ensinado e a descoberta de si que o processo ensino/aprendizagem contém.

Desta forma, as várias tentativas de propor uma modificação do modelo curricular nos cursos de psicologia talvez precise ser visto de um outro ângulo. Mesmo porque é praticamente irrealizável definir as matérias constantes que correspondam ao desejo e a esperança de alunos e professores. Concordo com Figueiredo quando o mesmo afirma que:

É impossível montar um único currículo que seja equilibrado, fiel à diversidade, justo com as diferentes alternativas, profundo em cada uma delas, propiciando uma excelente base teórica e também boas oportunidades de exercício prático nas diferentes orientações, capaz de resgatar as histórias das diferentes psicologias e ao mesmo tempo atento às inovações teóricas e técnicas, etc. (FIGUEIREDO, 2004, p. 147).

Portanto, nas origens do descontentamento com o currículo há problemas originados na natureza mesma de nossa área de estudo e exercício profissional. Em vista da enorme multiplicidade teórica, metodológica e prática que vigora no campo da psicologia, o ensino nas universidades dirigido para uma formação única e uniforme que abarque todo o campo torna-se inviável.

Este mesmo autor afirma que ao invés de insistirmos na tentativa de chegar a um currículo ideal, deveríamos buscar um “currículo suficientemente bom” (*Ibidem*, p. 150), fazendo alusão à concepção de Winnicott quanto à relação mãe-bebê, onde a “mãe suficientemente boa” proporciona cuidados para manutenção e proteção do bebê, mas abre também possibilidades para que o mesmo cresça adquirindo uma certa autonomia. Dito de outro modo, assim como a “mãe suficientemente boa”, o “currículo suficientemente bom” pode e, na medida certa, deve falhar, para que propicie nos alunos o desejo de assumir sua própria preparação profissional. Destarte, para a elaboração do “currículo suficientemente bom”, deve-se prestar

atenção especial às falhas, que deverão ser conscientemente escolhidas. Em resumo, o “currículo suficientemente bom” deve sim “deixar a desejar” (FIGUEIREDO, 2004, p. 150), no sentido de “instaurar um campo de insatisfações mobilizadoras do trabalho pessoal do aluno (*Ibidem*, p. 151)”.

Diante do exposto, pensar na formação do psicólogo é pensar nas particularidades do próprio fazer psicológico, no qual estão conectados a teoria, a prática e o desenvolvimento pessoal. É um tripé no qual estes três fatores estão dispostos não apenas de modo inseparável, mas sim de um modo tão integrado que não há sequer como distinguir ou definir limites claros entre eles. É neste sentido que o psicólogo está inevitavelmente e também pessoalmente implicado em seu fazer. Uma implicação que se inicia desde a opção pela psicologia como profissão, por já se apresentar, nesse momento, um posicionamento frente ao ser humano que estará presente durante todo seu percurso acadêmico e profissional:

Comprometimento que está presente na relação acadêmica do estudante de Psicologia com o saber psicológico, pois o conteúdo do curso mobiliza nos estudantes inquietações intelectuais e sociais, provocando um envolvimento de ordem pessoal e afetiva (CARVALHO; BACCHI; KÓVACS, *In*: MORATO (Org.), 1999, p. 235).

Desta maneira, mesmo durante o tempo em que o estudante de psicologia é oficialmente ainda um aprendiz, já há um envolvimento que se presentifica e que clama por um olhar para si próprio. A questão é que, na maioria das vezes, este olhar só se torna mais visível quando ao estudante é permitido que se inicie na prática psicológica. Atravessado pela multiplicidade da psicologia, o estudante precisa cumprir a exigência de ter uma filiação teórica e uma coerência lógica que lhe direcionem para o momento final do curso, que é o do estágio supervisionado,

onde ele acredita que finalmente poderá pôr em prática o conhecimento acumulado nos anos anteriores.

É neste momento de se iniciar na prática psicológica, que se abre a possibilidade de compreender mais vividamente que o principal instrumento de trabalho do psicólogo é ele próprio; que a prática se vincula à teoria a partir “da inserção subjetiva do profissional ao seu fazer” (CARVALHO; BACCHI; KÓVACS, *In: MORATO (Org.)*, 1999, p. 238). Apesar de a teoria e a prática se encontrarem associadas em qualquer área de atuação, ora se corroborando, ora se desafiando, a prática é como um ponto de mutação, pois como afirma Bacchi (*In: MORATO (Org.)*, 1999, p. 235).

O campo se amplia, inclui o psicólogo, como transformando e sendo transformado pela sua prática. Prática e teoria, articulados inseparavelmente de maneira dialética, agora incluem um novo elemento: mundo interno desse sujeito, que assim dá sentido à sua prática e à teoria que a mantém.

Por isso, independente de que área específica o psicólogo ou estudante de psicologia pretenda realizar o seu ofício, há em comum o fato de ele próprio ser seu principal recurso. Pois como subjetividade presente, apreende o mundo a partir do próprio mundo interno, como afirma Trinca (1991, p. 53): “A partir do estado interno reorientamos nossa relação com a realidade visível”. O psicólogo sendo seu principal instrumento de trabalho está presente enquanto sujeito em seu ofício de conhecer o outro. Desta forma, torna-se extremamente relevante o aspecto do desenvolvimento pessoal do psicólogo, que ocorre nessa relação intersubjetiva.

Percebe-se, portanto, que a prática do psicólogo clínico não supõe uma neutralidade, e sim uma instrumentalização por parte deste profissional, que

acontece através do seu fazer e da sua reflexão deste fazer. Nesse sentido, o espaço da supervisão faz-se necessário, como vemos em Morato (1999, p. 71):

Sem dúvida, é na consecução dessa prática que a transmissão dos conhecimentos e ensinamentos teóricos e técnicos é garantida. Surgem os impasses e entrecruzamentos com a questão da formação de psicólogos, reconduzindo a outras articulações entre teoria e prática na Psicologia Clínica. É através da supervisão e no exercício de estágios profissionalizantes que o ofício e a aprendizagem dos conceitos teóricos e do manejo das técnicas se efetivam. Nesse contexto é que reside a possibilidade de mais uma vez a prática poder ser traída na especificidade do seu fazer e tornar-se incongruente com seus fundamentos originários.

Destarte, vemos que a prática clínica inspira tanto a aproximação quanto a articulação com a teoria, permitindo a atribuição de sentido e significação. É de suma importância, portanto, que esta prática seja além de vivenciada, também compreendida. A partir disto surge, então, a possibilidade de a supervisão da prática clínica ser um contexto que pode se tornar base essencial no processo de formação e capacitação profissional, caso dê condições para a ressignificação da própria prática realizada, como veremos mais atentamente a seguir.

2.2. Supervisão e psicologia clínica

Apesar de ser de difícil definição, de maneira geral pode-se dizer que supervisão na clínica psicológica se constitui como um contexto próprio para articulações entre teoria e prática clínica. Espaço este configurado pela presença do supervisor e do supervisionado, ou pelo grupo de supervisionados, que estabelecem uma relação. Porém, não há um consenso quanto ao que seja supervisão e quais os seus limites, principalmente com relação à psicoterapia.

Historicamente, a supervisão foi desenvolvida pela psicanálise por volta de 1920, quando surge a obrigatoriedade institucional do “controle”, sendo

concomitante, inclusive, com a oficialização da análise pessoal do analista. A partir daí, o estudo e a discussão das idéias freudianas, que desde o início mostraram-se indispensáveis, deixou de ser a única exigência para que pudesse haver inserção no campo da incipiente psicanálise.

De acordo com Band (1995), em alguns momentos é possível reconhecer em Freud uma aproximação com o trabalho de supervisão, a partir de sua atitude aconselhadora com vários de seus seguidores. Porém, é no Instituto Psicanalítico de Berlim que o controle surge como etapa obrigatória da transmissão psicanalítica institucionalizada, como forma de fiscalizar os pretendentes a psicanalistas. Outrossim, o controle atendia à necessidade de futuros analistas de buscar verificação para suas atividades clínicas e reconhecimento da capacidade de o serem.

O mesmo autor afirma que o termo “controle”, no entanto, foi bastante questionado por parte da comunidade psicanalítica, por ser um termo que autoriza a hierarquia. Buscou-se, então, uma terminologia compatível, numa tentativa de transpor a ênfase institucional, em direção à predominância do campo psicanalítico, chegando-se ao termo “supervisão”:

O surgimento do vocábulo "supervisão", de origem inglesa, acarretou críticas semelhantes às que se fizeram ao "controle", em função da posição de superioridade nele atribuída ao trabalho do supervisor. A estas críticas acrescentou-se a que aponta a ênfase que ele coloca no ver, típico do dispositivo médico, que se contrapõe ao que predominantemente se faz na psicanálise, que é escutar (*Ibidem*, p. 5).

Outros questionamentos foram – e são – levantados com relação à necessidade da supervisão para a formação do psicanalista. Alguns defendem que a investigação psicanalítica do trabalho do analista deve ser realizada exclusivamente através da análise pessoal, não necessitando do controle externo a esta. Além

disso, “alguns psicanalistas defendem a necessidade de se estabelecer fronteiras acauteladoras entre o que se faz em análise e o trabalho de supervisão” (BAND, 1995, p. 08).

Porém, a discussão acerca da necessidade da supervisão na clínica psicológica e de seus limites com relação à psicoterapia propriamente dita não se restringe aos psicanalistas. Justamente por ter se tornado uma prática estabelecida dentro das instituições formadoras como etapa preparatória e obrigatória para a formação do psicólogo clínico, necessita ser refletida.

Tendo como referencial a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Buys (1988, p. 16) enuncia algumas possíveis respostas quanto à necessidade da supervisão para a formação do psicólogo clínico:

Devido a certas características da atividade psicoterapêutica, [...] é absolutamente necessário que psicoterapeuta e cliente estejam a sós [...] Este requisito da situação em questão naturalmente impede que o psicoterapeuta iniciante aprenda seu ofício ou o aperfeiçoe através da participação ou assistência do desempenho de psicoterapeutas experimentados [...] A maneira de avaliar, corrigir e refletir sobre sua experiência é através da supervisão.

Porém, o autor acrescenta que este não é ainda o principal fator que justifica a necessidade da supervisão:

A finalidade da supervisão, a nosso ver, é dar ao psicoterapeuta iniciante, de forma sistemática, e mesmo ao psicoterapeuta experiente, eventualmente, o contexto relacional apropriado à reflexão sobre situação psicoterapêutica. O supervisor, baseado na sua experiência, deve ser capaz de refletir junto com o supervisionado na relação de supervisão a relação terapêutica – não a que *foi* vivida, mas como está sendo vivida naquele momento. Assim, na situação de supervisão, como a descrita, o supervisionado vai desenvolver, no aqui e agora, sua capacidade de refletir a relação na relação. A supervisão é o contexto próprio e único ao aperfeiçoamento desta habilidade fundamental do psicoterapeuta, que não coloca em risco nem o próprio psicoterapeuta nem o seu cliente (*ibidem*, p.17).

Percebemos no autor uma ênfase na relação firmada entre supervisor e supervisionado, a qual será um meio para que este último possa compreender sua relação terapêutica com o cliente. Ou seja, é através da sua relação com o supervisor que o supervisionado poderá refletir sobre sua prática clínica com determinado cliente.

Para o autor, o trabalho do supervisor ocorre em duas dimensões: “a dimensão psicoterapeuta-cliente e a dimensão experiencial-didática” (BUYS, 1988, p. 18). Na primeira, o supervisor pode pôr em foco tanto a experiência do psicoterapeuta quanto a do cliente, a partir do relato do psicoterapeuta. Significa que o supervisor será um facilitador, dando condições para que o psicoterapeuta possa compreender melhor sua relação com o cliente. A segunda dimensão citada, a experiencial-didática, se refere à possibilidade de o supervisor intervir, ou pondo em foco os sentimentos e emoções do psicoterapeuta e/ou do cliente, ou de maneira didática, num nível teórico ou técnico. “Esta última forma de intervenção revela o aspecto didático da supervisão, que é uma das características que a diferencia fundamentalmente da psicoterapia” (*Ibidem*, p. 18).

Percebe-se que o autor busca sistematizar a supervisão como uma técnica específica, inclusive tentando estabelecer limites claros com a psicoterapia. Porém, o próprio Rogers (1961) precursor da Abordagem Centrada na Pessoa, acredita que tanto na psicoterapia quanto na educação, ocorre uma aprendizagem decorrente de uma articulação entre o afeto e a cognição, o que chama de aprendizagem significativa, conceito que será mais bem explorado mais adiante. De acordo com Silva (2003), apesar de Buys considerar esta questão, parece não ser o bastante para a compreensão da supervisão em psicologia clínica. Mesmo porque “momentos terapêuticos também surgem na supervisão, assim como mobilizações emocionais e

correlações com aspectos pessoais” (SILVA, 2003, p. 89), o que torna a supervisão em psicologia clínica uma atividade de grande abrangência e de difícil delimitação.

A tentativa de Buys de delimitar a atividade de supervisão como uma situação com natureza e características próprias parece ser de grande valia. No entanto, é preciso lembrar que esta sistematização ocorre sob a perspectiva do referencial teórico específico da Abordagem Centrada na Pessoa, o que, obviamente, não abarca a compreensão da supervisão como uma modalidade da psicologia clínica.

Além disso, percebe-se que mesmo partindo de referenciais teóricos tão diferenciados como a psicanálise e a ACP para a compreensão da supervisão, há um sentido comum que subjaz a ambas, que é o de controle. Morato (1989, p. 122) descreve que a relação entre supervisão e controle está presente inclusive no sentido etimológico da palavra:

Penso no sentido etimológico de supervisão, que vem do latim super (sobre, além, acerca de, ação máxima) + videre (ver, assistir, descobrir, observar, perscrutar); e de super + visio (visão, criação de ver); aproxima-se então, de máxima criação de ver, ver além. Nesse sentido, supervisão pode ser entendida como superintendência ou fiscalização, se proveniente de supervidere como ver além de, visar a. Assim, supervisar ou supervisionar teria o sentido de dirigir, tomar a si a responsabilidade, administrar, controlar.

A mesma autora complementa que a supervisão toma para si esta qualidade autoritária e controladora da prática daquele que está em formação, sendo uma idéia de “aprendizagem visando ao objetivo de transmissão de uma habilidade, uma formação específica que deve ser controlada tanto pessoal como profissionalmente por um outro que vê além” (*ibidem*, p. 123), ou seja, o supervisionado é dirigido para onde deve ir. Aqui novamente vemos o sentido de controle dado à supervisão, como uma transmissão de ensinamentos técnicos e teóricos que poderão posteriormente ser aplicados pelo aprendiz.

Percebemos, então, que há uma concepção de controle que permeia o sentido de supervisão, seja na ACP ou na psicanálise. Além disso, é demonstrado também o tipo de aprendizagem que a supervisão possibilita, como se fosse “a aprendizagem técnica de uma técnica de atuação” (MORATO, 1989, p. 123). No entanto, se retomarmos a questão da multiplicidade da psicologia enquanto teoria, metodologia e campo de atuação, enxergaremos a existência de diferentes práticas, abordagens teóricas e estilos de supervisores.

Se voltarmos o olhar para o estagiário de psicologia clínica, constataremos que próximo ao término do curso, quando o aluno obtiver os pré-requisitos institucionais necessários e estiver apto a ingressar no estágio supervisionado, ele deverá escolher não apenas em que área da psicologia pretende atuar, como a psicologia clínica, mas também sob que perspectiva tenciona realizar esta ação. Ou seja, deverá definir também o referencial teórico que orientará sua prática dentre os disponíveis na instituição - pois é bom lembrar que nenhuma instituição consegue disponibilizar todas as perspectivas existentes na área da psicologia clínica, devido à multiplicidade já citada, além das inúmeras especializações dentro de cada abordagem teórica.

Outrossim, vale ressaltar que o estágio supervisionado é representado por um supervisor, que como tal, também tem suas preferências e especializações acerca da linha ou abordagem, o que influencia no próprio modo de ser supervisor e de supervisionar os estagiários. Como afirma Morato (1999), apesar de a supervisão na formação de psicólogos clínicos ser uma prática já institucionalizada e instituída, a comunicação e o ensinamento dessa prática estarão sendo exercidos por pessoas que terão determinada compreensão do significado de supervisão e sua função para o exercício do ofício. Portanto, independente de sua forma e do referencial teórico

que se adote, isto poderá “implicar num enfoque determinado por certo recorte, conduzindo a distorções no aprendiz sobre como compreender a experiência da prática clínica” (MORATO, 1999, p. 71). Ou ainda, poderá sim, o supervisor ter uma outra compreensão de sua função, como afirma a mesma autora (1989, p. 129):

Tanto quanto na Psicanálise encontramos na própria Abordagem Centrada na Pessoa o sentido de supervisão como uma forma de direção, onde o supervisor toma a si a responsabilidade de transmitir uma maneira de condução do processo terapêutico, orientando-se por um modelo teórico que acredita ser eficaz. Mas, ao mesmo tempo, há também, tanto na Abordagem Centrada na Pessoa quanto na Psicanálise, supervisores que se preocupam com uma coerência interna na sua forma de atuação. Buscam compreender supervisão em conformidade com as descobertas que na prática clínica engendram possibilidades para a compreensão do processo de crescimento.

Portanto, percebe-se que o supervisor tem grande importância no sentido que será dado à supervisão. Mais do que seu referencial teórico, seu posicionamento acerca da prática da psicologia clínica gera repercussões. Para Teixeira (2001), a supervisão é um contexto próprio para a convivência com as diferenças e uma prática que ultrapassa o limite de um modelo de aplicação e reprodução de teorias e técnicas psicológicas.

A autora faz uma reflexão sobre a dimensão ética e política da supervisão na prática clínica, sendo o compromisso ético “uma preocupação com o modo de estar do homem no mundo, seu *éthos* (morada)” (*Ibidem*, p. 21) e o compromisso político o “desdobramento do ético, na medida em que compreende o modo como o homem se situa no mundo, responsabiliza-o não só frente às suas escolhas, mas também firma seus modos de existência” (*Ibidem*, p. 21). Afirma que em virtude dos acontecimentos histórico-sociais que implicam no modo do homem ser-com-outros e estar no mundo, a prática psicológica não é mais compatível com um olhar dirigido apenas para o interno e individual do mesmo. Deste modo, a compreensão das

dimensões ética e política no espaço da supervisão pode favorecer uma mudança de paradigma na formação de psicólogos clínicos:

O compromisso ético e político estão imbricados na condição de existência relacional facilitada pela ação clínica do supervisor para acolher, para escutar os diferentes modos de ser-no-mundo, de possibilitar espaço de interlocução entre os diferentes tipos de conhecimento como uma forma de dialogar com a teoria e a prática, favorecendo a construção de novas subjetividades, de novas decisões éticas. De tal modo, a maneira como o supervisor compreende sua práxis se reflete no modo como ele forma outro psicólogo (TEIXEIRA, 2001, p. 21-22).

Destarte, a supervisão se mostra como um espaço possível para que o supervisando não apenas apreenda teorias e técnicas psicológicas, mas que favoreça a espontaneidade para a criação de novos significados em sua prática; que possa compreender a si próprio enquanto (futuro) profissional.

Porém, é importante lembrar que durante todo o curso de psicologia os alunos são instigados a buscar um aprofundamento no conhecimento teórico. Ao final do curso, quando são impelidos a realizar a prática, é que há uma abertura para um *fazer* e para um “se olhar fazendo”, que é legitimado pela supervisão. Nesse sentido, a supervisão torna-se o único espaço *oficial* dentro do curso de psicologia em que o aluno tem a possibilidade de refletir o *seu* próprio fazer, e não *sobre* o fazer de *outro*. É a partir daí também que há uma abertura pra um verdadeiro engendramento teórico. Verdadeiro porque próprio, porque implica em descoberta; na descoberta de si que o processo ensino-aprendizagem comporta.

Alguns autores (FIGUEIREDO, 2004; MORATO, 1999; ROGERS, 1983; TEIXEIRA, 2001) declaram a necessidade de se contemplar tanto a dimensão cognitiva quanto a dimensão afetiva na formação de profissionais das áreas de saúde e educação, visto que são profissionais que se propõem a trabalhar com outros indivíduos, ou seja, numa relação humana, o que torna a formação destes

profissionais de grande complexidade. Desta forma, para que não haja apenas uma reprodução meramente técnica, é premente a articulação entre a prática, a teoria e o desenvolvimento pessoal. É num contexto como este que a aprendizagem significativa se impõe como condição para esta articulação e como indispensável no processo ensino-aprendizagem (MORATO, 1999; ROGERS, 1983).

O conceito de aprendizagem significativa foi desenvolvido por Rogers (1961) a partir de sua experiência como psicoterapeuta e como educador. Vejamos suas palavras:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de factos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência (*Ibidem*, p.253).

Nesta perspectiva, o conhecimento é organizado no e pelo indivíduo, e não para o indivíduo, sendo a experiência a principal fonte para a ocorrência de uma aprendizagem significativa. Este é um conceito que merece nossa atenção por ter bastante relevância para o tema do presente estudo. No entanto, não pretendemos esgotar o assunto nesse momento, sendo o conceito de aprendizagem significativa melhor explorado mais adiante. Por enquanto, gostaríamos apenas de colocar que este conceito serviu de inspiração para o desenvolvimento de algumas práticas psicológicas, dentre as quais destaca-se o trabalho realizado pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, chamado Supervisão de Apoio Psicológico, que se originou a partir de questionamentos acerca das relações entre teoria e prática psicológicas, se tornando, a partir daí, uma prática inovadora no campo da psicologia clínica.

De acordo com Morato (1999), a Supervisão de Apoio Psicológico surgiu como tentativa de incluir os alunos diretamente no campo de trabalho, intervindo na comunidade, experimentando a função de psicólogo como praticante de ações que venham a contribuir para a transformação social, atuando também como multiplicador, através da participação do processo de capacitação de profissionais que atuam nas áreas de educação e saúde. Bacchi (*In*: MORATO (Org.), 1999, p. 215) assim define esse tipo de supervisão:

Supervisão de apoio psicológico é o nome dado à experiência de supervisão que tem por objetivo possibilitar a reflexão do profissional frente à sua prática, considerando-o como parte integrante do trabalho que realiza. Optou-se chamá-la de supervisão de apoio psicológico no sentido de diferenciá-la de algo como uma supervisão técnica, onde se enfatiza a consecução correta da tarefa. Na supervisão de apoio psicológico, a finalidade não é uma orientação, e sim instrumentalização do profissional, utilizando-se um referencial fenomenológico. Transpomos, assim, para o universo da saúde e educação a supervisão, prática comum, e até então restrita, à formação de terapeutas.

Percebe-se, portanto, um redimensionamento do sentido de supervisão, onde o supervisor será um facilitador, oferecendo condições para que o profissional se desenvolva. Para a autora, a partir do momento em que ao profissional é proporcionado um espaço para que ele possa ser quem realmente é, numa atitude verdadeira frente ao seu trabalho, e que possa reviver as experiências vividas sob um outro enfoque, abre-se uma nova perspectiva de sua prática e a geração de outros significados. Cabe ao facilitador entregar-se mantendo um “olhar distanciado, não-contaminado (...) que permite criação de sentidos, de aberturas, de novos caminhos, de reconhecimento, de idéias que modificam o fazer diário” (*Ibidem*, p. 218). Assim, a supervisão legitima a “instrumentalização” do profissional, o qual a partir de seu fazer e do seu olhar para o que foi feito pode reposicionar-se e apropriar-se internamente de seu modo de ser e fazer.

Consideramos relevante fazer referência a este tipo de prática por a mesma ser diversa da supervisão técnica, provocando um redimensionamento de seu sentido e a abertura de um espaço para que o supervisionado possa se apropriar de seu próprio processo de aprendizagem. Isso nos faz voltar o olhar para a forma como a psicologia - não apenas clínica - tem sido abordada dentro das instituições formadoras e questionar se o modelo como um todo facilita a aprendizagem do aspirante a psicólogo. Em que medida os cursos de psicologia formam psicólogos de fato?

O filósofo Michel Serres, em sua obra *Filosofia Mestiça* (1993), afirma que todo aprendizado é mistura e mestiçagem e resulta, por conseguinte, de abertura para o outro. Para ele, há muito que estamos obstinados a buscar uma razão isenta de qualquer desvio que leve à diferença, aspirando à estabilidade e imobilidade. É uma busca pela pureza que na verdade é motivada mais pela compulsão a dominar que pelo desejo de conhecer:

Por mais judiciosa que uma idéia se apresente, ela se torna atroz se reina sem partilha. Nenhuma solução é única, nem dura para sempre; nenhuma ciência ou disciplina tem sentido se não se abre para o que lhe é exterior (...) Os ruídos, os desvios, as imperfeições da experiência integram, legitimamente, o processo de conhecimento. As grandes instituições universitárias não são capazes de propor esse aprendizado que valoriza a mestiçagem. Cultivam condições contrárias ao exercício do pensamento, consomem redundâncias, repetem imagens velhas e vivem de impressos sucessivamente copiados. Ensinam ciências humanas que não falam do mundo e ciências naturais que silenciam sobre os homens. Não suportam a sutileza insinuante do saber dirigido para a invenção, que por isso se torna um saber solitário, no entanto imprescindível para combater a construção de um mundo homogêneo, loucamente lógico e racionalmente trágico (EDITORA NOVA FRONTEIRA, capa, 1993).

Em sua linguagem tão poética, Serres nomeia o que durante todo este capítulo tentamos comunicar. Em nenhum momento queremos passar a idéia de que os ensinamentos teóricos transmitidos nos cursos de psicologia não tenham valor.

Porém, estamos atentando para o fato de que o processo de aprendizagem do aspirante a psicólogo não ocorre simplesmente através da apreensão e posterior aplicação das teorias psicológicas tão difundidas e defendidas dentro das academias. O conhecimento vai sendo construído em um outro plano, que não apenas o representacional, num lugar, ou melhor, num não-lugar onde ainda não há separação entre sujeito e objeto e onde o trânsito não é proibido.

Durante todo este percurso tive minha questão como guia da pesquisa e tentei edificá-la em sua situação própria para que seja compreensível o lugar de onde a reconheço. Neste movimento de investigação, no sentido de ir atrás dos vestígios, percebo como uma ordem natural neste momento a busca de articulações possíveis para que novos destinos sejam configurados.

3. ARTICULANDO A QUESTÃO OU BIFURCANDO EM POSSÍVEIS DIREÇÕES

Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um lugar ignorado. Sobretudo: jamais tornar a estrada fácil, melhor atravessar o rio a nado.

Michel Serres

Tendo a metafísica como cenário, sabemos que o pré-requisito necessário para que algo seja considerado como adequado ao conhecimento é a sua capacidade de objetivação. Apenas pode ser objetivo o que é separado do homem: a coisa em si que pode ser mensurada e controlada. Nesta perspectiva, a verdade de algo, a sua essência, está na precisão de sua mensuração.

O modelo cartesiano, que se transformou em base para as ciências atuais, aparece afirmando que o único procedimento correto que cabe ao *cógito* é a busca da certeza através do controle lógico-científico na observação, mensuração e classificação da realidade, sendo esta última restringida a objeto empírico. A verdade torna-se, então, única e imutável.

Critelli (1996) afirma que a fenomenologia surge como uma outra dimensão epistemológica que põe em questão a crença na unicidade da verdade e a perspectiva de uma busca do conhecimento que seja absoluta. Dito de outra forma, a fenomenologia reconhece que tanto a perspectiva pela qual se busca a verdade, quanto a própria verdade, são relativas.

Para a fenomenologia, a objetividade proposta pela metafísica não é possível, visto que retira do homem suas situações de sensações, sentimentos e vivências. Ou seja, ao instalar o cogito, Descartes:

Põe um suposto ponto em que o homem se alocaria fora de si mesmo (...), um poder humano, embora sem humanidade, equívoco quanto à sua

soberania e sua independência em relação às condições ontológicas plenas do homem (CRITELLI, 1996, p. 14).

A fenomenologia, que é inaugurada por Edmund Husserl (1859-1938), é comumente conhecida como método de investigação. Porém, antes mesmo de delinear um método, a fenomenologia produz indagações, como afirma Critelli (1996, p. 7):

A questão maior é que a fenomenologia não nasceu como um método, tal como as ciências e técnicas modernas o supõem (como rigorosa prescrição e procedimentos instrumentais), mas, *grosso modo*: como um questionamento da dissolução da filosofia no modo científico de pensar; a lógica inerente às ciências modernas; como crítica à metodologia de conhecimento científico que rejeita do âmbito do real e do próprio conhecimento tudo aquilo que não possa estar subordinado à sua estrita noção de verdade, de sujeito cognoscente e de objeto cognoscível.

Através de uma desconstrução dos traços gerais do saber metafísico, nasce o método fenomenológico desenvolvido por Husserl, como um método de investigação que aspira encontrar uma forma capaz de realizar o conhecimento essencial ou rigoroso do mundo, sendo este o primeiro aspecto da noção de método fenomenológico. Este rigor faz com que esteja presente em sua filosofia um dinamismo permanente, onde nada é tido como fechado, acabado, caracterizando esta filosofia por uma consciência sempre aberta. Este método coloca a consciência como intencional, na qual toda consciência é consciência de alguma coisa. Husserl propõe uma filosofia capaz de *retornar às coisas mesmas*, investigando aquilo que é potencialmente possível de ser descoberto e que está presente, mas que nem sempre é visto. Para tanto, Husserl propõe a suspensão de qualquer julgamento, abandonando os pressupostos em relação ao fenômeno que se apresenta, o que denomina de *suspensão fenomenológica* ou *epoché*.

Maurice Merleau-Ponty (1908- 1961), escritor e filósofo líder do pensamento fenomenológico na França, apesar de grandemente influenciado pela obra de

Edmund Husserl, reformula sua teoria do conhecimento intencional, fundamentando suas idéias no comportamento corporal e na percepção, propondo, além disso, uma interposição com bases na filosofia existencial, afirmando que existe um mundo anterior a qualquer reflexão.

De acordo com Caminha (1996), Merleau-Ponty acredita que se deve sempre levar em consideração o lugar factual onde o sujeito epistemológico vivencia a experiência de conhecer. Afirma que na obra *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty sugere que antes de o sujeito ser um eu que pensa, é um eu que pode pensar em virtude de estar enraizado no mundo. Ou seja, há um entrelaçamento permanente entre o sujeito que pensa e o mundo que é pensado.

O autor afirma, ainda, que a questão principal para Merleau-Ponty é perguntar por aquilo que condiciona esta eterna ligação entre o sujeito e o mundo. É a partir desta pergunta que o problema do corpo aparece para Merleau-Ponty: o corpo é responsável pela unidade intencional sujeito-mundo; é aquilo que efetivamente realiza a permanência da consciência no mundo.

Portanto, não existe consciência interior, ela só pode realizar o conhecimento no mundo, em seu verdadeiro lugar existencial. Esta abertura existencial se manifesta como percepção para Merleau-Ponty. É partindo dos princípios de intencionalidade e mundo-da-vida (anterior a qualquer reflexão), que o filósofo propõe “recolocar a consciência como sendo originalmente perceptiva, ou seja, lugar inaugural para a experiência do conhecimento, ao invés de tratá-la como pura consciência transcendental” (CAMINHA, 1996, p.11).

Dito de outro modo, Merleau-Ponty afirma que a experiência do conhecimento comporta uma dimensão que é primariamente sensível, retomando o cogito como “encarnado no mundo”, como subjetividade singular. Pode-se reconhecer esta

existência sensível através de um contato espontâneo com o mundo, que não seja através da apreensão de uma idéia em si mesma.

O que o filósofo quer demonstrar é que esta sensibilidade, o reconhecimento de que se experiencia de forma sensível o mundo, não está situada num plano existencial distinto da atividade de pensar:

Ao eleger o corpo elemento mediador da relação primordial entre o sujeito e o mundo, Merleau-Ponty compreende o corpo como a instância existencial responsável pela operação primitiva do pensamento. A experiência do pensar não é simplesmente a elaboração reflexiva de regras formais. Ela é uma atividade que se opera na percepção do mundo sensível; e somente depois de sentir intencionalmente o mundo, é possível elaborar qualquer conhecimento. Antes de ser exposição lógica, o pensamento é vivido como relação fundamental com o mundo e com outrem (CAMINHA, 1996 p. 128).

Vale ressaltar que a consciência perceptiva ela própria já é uma forma de conhecimento e não apenas o início deste. Essa percepção sensível é a forma mais primitiva de conhecer, pois é ela que permite o surgimento do fenômeno para o sujeito; ela é abertura para o mundo em que habita, ocorrendo, portanto, o pensamento reflexivo apenas posteriormente. Ou seja, “a experiência perceptiva está sempre exigindo uma referência tácita que se manifesta como um mundo aberto à percepção” (CAMINHA, 1996, p. 135).

Merleau-Ponty, então, provoca a racionalidade. Não no sentido de ameaçá-la, mas sim de desafiá-la, buscando sua origem. E assim, afirma que além do cogito pensado e estruturado, existe um outro silencioso, tácito, que se mantém constantemente em estruturação. Este cogito tácito é responsável por harmonizar os “condicionantes secretos” (*Ibidem*, p. 136) que posteriormente possibilitarão o surgimento do cogito já sistematizado. Funcionando como instância existencial, como presença vivida e racionalidade encarnada no mundo, o cogito tácito é o próprio corpo, pois só é possível que o sujeito se lance em seu pensamento porque

já existe enquanto presença corporal. “Para além do cogito falado, aquele que está convertido em enunciado e em verdade de essência, existe um cogito tácito, uma experiência de mim por mim” (Merleau-Ponty, 1999, p. 462).

O corpo ou o cogito tácito é essa experiência perceptiva arraigada na sua certificação sensível de que é abertura permanente para o mundo. Assim, o conhecimento manifesto é construído numa primeira apreensão do mundo, composta pela experiência perceptiva:

O poder cognoscente do corpo anuncia uma racionalidade que tem sua gênese na percepção e no reconhecimento de que se percebe. O corpo não é uma coisa nem uma abstração, ele é uma presença intencional que possibilita àquele que o vive constituir-se enquanto subjetividade encarnada (CAMINHA, 1996, p. 138).

Vemos, portanto, que o sujeito que realiza esta apreensão não ignora a si mesmo, pois ele próprio já é uma atividade subjetiva, como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 467): “O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em idéia ou o corpo em idéia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo cognoscente”.

Adotando a concepção de uma racionalidade que é encarnada no mundo e de um cogito que se estrutura constantemente em silêncio como pano de fundo, recorreremos a outros recursos por acreditarmos que os mesmos se mostram como ótica ideal para articular a questão que norteia a presente pesquisa. A tentativa de compreender a experiência de tornar-se psicólogo clínico poderá, então, continuar a ser exercitada, partindo do referencial de outros autores que, sob nossa perspectiva, expandem o entendimento da questão.

Desta forma, fomos construindo uma espécie de rede de significações entrelaçada por três fios principais. O primeiro nos mostra uma outra forma de

compreender o cogito tácito, através de uma epistemologia do conhecimento; o segundo traz à luz uma perspectiva mais experiencial da aprendizagem; e o terceiro nos atrai para o mundo onde o corpo está encarnado, ancorando a psicologia no espaço onde está inscrita.

3.1 Michael Polanyi e sua epistemologia

Michael Polanyi (1891-1976) nasceu em Budapeste, na Hungria. Mesmo tendo sua formação acadêmica em medicina, era um apaixonado pela Química, disciplina a qual se dedicou, obtendo sua tese de doutoramento em 1916 na área de Físico-Química. Seus anos de pesquisa e descobertas lhe proporcionaram uma sólida reputação enquanto cientista. Em meados de 1935, Polanyi passa a dedicar-se também a temas como Economia e Filosofia, publicando *Personal Knowledge* em 1958, obra que lhe trouxe ainda um maior reconhecimento.

A partir de sua experiência como cientista Polanyi teoriza no campo da epistemologia procurando superar a dicotomia entre o conhecimento subjetivo e o objetivo. Para ele, conhecimento e conhecedor são inseparáveis, mesmo no cientista que acredita manter a neutralidade em suas descobertas. Desta forma, se contrapunha ao modelo de objetividade plena e incontestável adquirida na Revolução Científica do Século XVIII, que, para ele, contribuía fortemente para o desenvolvimento de totalitarismos. Tal modelo, de acordo com Prosch (1986, *apud* SAIANI, 2004) se baseava em: a) recusa de toda autoridade; b) existência de estados objetivos, no qual há algo que não depende de nossa mente e que cabe a nós conhecer; c) o observador mantém uma postura distanciada, não participativa; d) o julgamento final de uma teoria é baseado em um experimento crucial, e não no observador.

Para desenvolver uma teoria que se opõe a essa visão objetivista do conhecimento, Polanyi utiliza como ponto de partida conceitos da Psicologia da Gestalt. Os psicólogos da Gestalt (palavra alemã que significa forma, padrão ou estrutura) acreditavam que as experiências trazem consigo uma característica de totalidade ou estrutura. Posicionavam-se contra a prática de outras abordagens teóricas que reduziam experiências complexas a elementos simples, dando ênfase aos significados que os seres humanos impõem aos objetos e acontecimentos de seu mundo, o que chamavam de experiência subjetiva.

Através de estudos acerca do “movimento aparente” (o movimento é percebido quando na verdade nada está se movendo, como no cinema, onde várias fotografias se apresentam rapidamente, dando a ilusão de uma ação contínua e ininterrupta) demonstraram que o todo é diferente da soma de suas partes. Estas, por sua vez, devem estar contextualizadas no todo do qual fazem parte, em termos de seu lugar e função (DAVIDOFF, 1983).

Polanyi acredita na existência de um processo de funcionamento perceptivo que possibilita ao sujeito a apreensão de um objeto de seu campo visual, retendo-o como um sistema integrado ainda que suas qualidades sensoriais mudem. Porém, o sujeito não permanece consciente de todas as partes que integram o todo, pois elas funcionam de modo *tácito*.

A frase mais famosa do autor, “*we can know more than we can tell*” (nós podemos saber mais do que podemos dizer), de certa forma resume suas idéias, como bem expõe Saiani (2004, p. 52):

[...] os mecanismos fisiológicos de percepção sensorial são **teleologicamente orientados** para uma coerência intelectual. Eventos corporais dos quais não podemos tomar consciência focalmente por meio da introspecção são utilizados de modo subsidiário na estruturação de um objeto integrado na percepção focal. Portanto, quando vemos um objeto

contra um fundo, executamos um ato mental, em termo do qual o todo funciona de modo subsidiário. Alguns dos indícios que utilizamos na percepção não são notados, e não podem sê-lo. No entanto, uma vez que participam, de modo subsidiário, na estruturação de um objeto integrado, podemos dizer que ‘sabemos mais do que podemos relatar’.

Tendo esta noção como base, Polanyi afirma que os processos tanto do conhecimento quanto da ciência não ocorrem através da conquista impessoal de objetividade abstrata e neutra. Desde a seleção de um problema até a verificação de uma descoberta, tais processos são enraizados em atos pessoais de “*integração tácita*”; não se fundamentam em operações explicitamente lógicas. (POLANYI; PROSCH, 1975)

Esta articulação tácita do conhecimento possui dois níveis que a compõe: o subsidiário (ou proximal) e o focal (ou distal). Em seu livro *The tacit dimension* (1983), Polanyi afirma que podemos identificar o conhecimento tácito com “o entendimento da entidade abrangente constituída pelo termo proximal e pelo distal” (POLANYI, *apud* SAIANI, 2004, p. 55).

O autor utiliza vários exemplos do cotidiano para facilitar a compreensão do leitor acerca desta classificação, que se aproxima da relação figura-fundo difundida pela Psicologia da Gestalt, na qual o mesmo objeto pode ser visto como figura ou como fundo dependendo de como lhe é dirigida a atenção, não sendo possível que o mesmo estímulo seja visto como figura e fundo ao mesmo tempo.

Um dos exemplos é quando utilizamos um martelo para pressionar um prego (POLANYI; PROSCH, 1975), onde prestamos atenção tanto nos golpes que damos no prego quanto no manuseio do martelo, mas de forma diferenciada. Permanecemos alerta quanto à sensação na palma de nossa mão e dedos segurando o martelo, de modo que essa sensação guia eficientemente o manuseio do martelo. O grau de atenção prestada ao bater no prego é dado através desta

sensação e na mesma proporção, porém ocorre por caminhos ou modos diferentes. Nós conhecemos a sensação na palma da mão e confiamos nela ao batermos com o martelo no prego. Podemos dizer, então, que temos uma consciência subsidiária da sensação na palma de nossa mão; a qual é fundida com nossa consciência focal de pressionarmos o prego. Ou seja, nós conhecemos algo de forma focal por confiarmos subsidiariamente em nossa consciência deste algo. Sobre isso, Donald Schön (2000, p. 30) afirma, fazendo referência a Polanyi, que “capacitar-se no uso de uma ferramenta é aprender a apreciar, diretamente e sem raciocínio intermediário, as qualidades dos materiais que apreendemos *através* das sensações tácitas da ferramenta em nossas mãos”.

Um outro exemplo, ainda mais simples, é como o componente subsidiário e o focal atuam no reconhecimento de um rosto. Confiamos nas características que percebemos (formato da boca, olhos, nariz), porém o que é focalizado é o rosto como um todo e não suas características separadas, que são percebidas de modo subsidiário. Mesmo sem estarmos conscientes de qualquer raciocínio anterior, ou mesmo sem compararmos o rosto conhecido com outros rostos guardados na memória, o reconhecimento de um rosto familiar na multidão é imediato. Se alguém nos perguntar como conseguimos distinguir um rosto particular entre vários outros, provavelmente não saberemos explicar, pois mesmo que façamos uma lista de particularidades deste rosto específico, ainda assim a imediatidade do nosso reconhecimento ao vê-lo não se justifica por uma série de características.

Vemos, portanto, que há uma relação funcional entre o subsidiário e o focal. “Além de funcional, a relação entre os dois termos é semântica, uma vez que o distal é que confere significado ao proximal. Dessa forma, podemos dizer que a percepção é sempre significativa” (SAIANI, p. 53). Porém, vale lembrar que a articulação destes

dois componentes não ocorre de forma automática. Há um terceiro componente que está igualmente amalgamado e sem o qual nada disso seria possível: o ser humano.

Ao chamar essa movimentação que ocorre entre os componentes subsidiário e focal pela expressão *from-to*, que poderia ser traduzida como de-para (visto que toda essa estruturação funcional incorpora um “de” subsidiário e um “para” focal), Polanyi chama atenção para a *ação humana*, pois a relação do componente subsidiário com seu foco é formada pelo ato de uma pessoa que integrará um ao outro. Dessa forma, a relação, tal qual foi estabelecida, assim permanece apenas enquanto a pessoa sustenta esta integração. Assim como a relação figura-fundo, a relação entre o conhecimento focal e subsidiário é completamente modificada quando há uma mudança na focalização:

Qualquer coisa servindo como subsidiária deixa de fazê-lo quando a ela é dirigida atenção focal. Ela se torna outra coisa, desprovida do significado que tinha enquanto funcionava como subsidiária. Assim, os subsidiários são – por essa razão, e não por não podermos encontrá-los – essencialmente não especificáveis. Podemos então distinguir dois tipos de não-especificabilidade dos subsidiários. Um tipo é devido à dificuldade em reconstituir os subsidiários – uma dificuldade comum, mas não universal; a outro tipo se deve a um senso de privação que é logicamente necessário e, em princípio, absoluto. (POLANYI; PROSCH, *apud* SAIANI, 2004, p. 54).

Assim, mesmo quando não estamos focalizando a atenção em algo determinado, permanecemos conscientes deste algo. Vejamos o exemplo de um violonista. Ao tocar o instrumento, o seu foco não está nas regras que lhe foram passadas explicitamente durante sua aprendizagem. À medida que ganha mais experiência, é como se cada vez mais se integrasse com o instrumento e cada vez menos prestasse atenção ao movimento correto das mãos. Seus olhos, ouvidos, mãos, atuam harmonicamente ao tocar uma melodia. O instrumento é incorporado, como se fosse uma extensão do próprio corpo. E, se, por algum motivo, parar para

focalizar apenas nos movimentos das mãos, correrá o risco de se atrapalhar na execução da melodia. Porém, as regras aprendidas no início de sua aprendizagem não foram esquecidas; elas estão lá, operando tacitamente, ou silenciosamente. Mas se as partes forem focalizadas, perder-se-á o todo.

Acerca disto Saiani (2004, p. 55) afirma que “devemos ‘habitar’ esses particulares para que a percepção se verifique”, fazendo referência ao termo *indwell* (que em português significa habitar, residir, morar) utilizado por Polanyi para indicar a forma como percebemos o “significado conjunto dos dois termos na percepção de um objeto através de suas características particulares, sem que elas sejam objeto de nossa atenção de uma maneira focal” (*Ibidem*, p. 55). É neste sentido que o violonista, por exemplo, deve habitar seu instrumento e não apenas as suas mãos. De modo semelhante, o cientista habita sua teoria de forma subsidiária ao fazer uso de seus resultados. Por este motivo, não há como se manter numa postura neutra, imparcial e objetiva.

Para Polanyi há um interjogo entre nossos mecanismos perceptivos e as experiências advindas de nossa história pessoal, resultando, ao final, numa postura de caráter pessoal. Dessa forma, muitos aspectos do conhecimento científico ocorrem através da integração de indícios subsidiários:

De fato, o que o cientista adquire, de acordo com Polanyi é um tipo muito sofisticado de percepção que utiliza – habita – muitos indícios subsidiários. Estes se baseiam na visão geral em voga acerca da natureza das coisas, aceita implícita ou explicitamente pela comunidade de pesquisadores à qual pertence o particular cientista, bem como em suas teorias específicas, instrumentos especiais e habilidades tácitas (PROSCH, *apud* SAIANI, 2004, p. 58).

Dito de outro modo, tanto a teoria como a forma de enxergar o mundo acabam funcionando como indícios subsidiários, habitados pelo cientista ao fazer

uso dos resultados. Para Polanyi, os cientistas sempre procuraram pela descoberta e não necessariamente pela comprovação ou refutação da mesma. Pois quando o cientista tem uma questão a solucionar, é como se ele tivesse uma “pré-ocupação”, como se ele previsse a importância ainda obscura de sua questão. Ele tem um problema que acredita ser capaz de resolver. Dessa forma, há um conhecimento tácito presente, pois se todo conhecimento fosse explícito, não haveria o que questionar.

Para Polanyi e de acordo com Saiani (2004), isto é um ato de conhecimento tácito que gera um *compromisso* com o que o cientista vê. Habitando em seus indícios subsidiários, o cientista tem uma visão de seu problema; visão esta que é pessoal, por conter nela a história pessoal do cientista, seus valores e suas crenças. É esta visão pessoal que acarreta no cientista uma intenção universal, pois o mesmo acredita ter estabelecido um contato com a realidade, confiando que qualquer pessoa possa ver aquilo que ele vê. E é neste sentido que o conhecimento é sempre pessoal, pois um fato não chega até nós e se apresenta pura e simplesmente. Somos nós que o julgamos como um fato, passível ou não de reconhecimento como tal.

Porém, quando Polanyi afirma que todo conhecimento é pessoal, ele não quer dizer que o mesmo é subjetivo. O conhecimento pessoal envolve uma busca e um compromisso, mesmo que se acredite no aspecto imparcial desta procura. Este compromisso faz a ligação entre mim (quem sou) e a realidade (o aspecto universal que se estende a outros sujeitos): “Na medida em que o pessoal se submete a requisitos por ele reconhecidos como independentes de si mesmo, ele não é nem subjetivo, nem objetivo. Ele transcende esta disjunção”. (POLANYI, *apud* SAIANI, 2004).

Polanyi afirma, ainda, que a intuição e a imaginação são fatores essenciais no processo de descoberta do cientista e em sua construção de uma teoria. Elas funcionam interagindo mutuamente e servem como guia para chegar ao resultado final. O cientista espontaneamente intui e logo vem a imaginação na busca de possibilidades para o “como fazer”. Existe, então, um movimento incessante que oscila entre o ponderado, consciente, e um outro espontâneo que dirige o cientista ao momento da resolução do problema e ao encontro com um novo problema (SAIANI, 2004).

Diante do exposto, podemos afirmar que Polanyi tem uma preocupação com o ser humano que faz ciência. Ele aproxima a ciência do ser humano, tentando compreender o funcionamento dos mecanismos deste último numa tentativa de superação da dicotomia entre o objetivo e o subjetivo na construção do conhecimento. Para ele, a ação de fazer ciência está impregnada por uma paixão intelectual, composta por aspectos que, apesar de inefáveis, devem ser valorizados como essenciais nesse processo de busca e de solução de um problema.

A preocupação central de Polanyi era com o modo de fazer ciência e com o vicejo de totalitarismos, que o fizeram criar uma nova epistemologia, numa tentativa audaciosa de “mudar o mundo”. Suas idéias não tiveram grande destaque enquanto estava vivo, ganhando mais atenção posteriormente, em áreas como Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Ciência e, mais recentemente, em Administração Gerencial e na Educação.

Porém, acreditamos que a teorização acerca do conhecimento tácito pode ser fecunda em outras áreas do conhecimento, como a psicologia, e, mais especificamente, a psicologia clínica, campo onde se situa o presente estudo.

3.1.2 Ressonâncias do pensamento de Michael Polanyi para a psicologia clínica

Algumas teorizações têm sido realizadas no campo da psicologia clínica a partir da noção de conhecimento tácito, numa tentativa de compreender melhor como se dá a articulação entre a teoria e a prática clínica (FIGUEIREDO, 2004; MORATO 1989; SILVA 2003; TEIXEIRA, 2001).

Figueiredo (2004) se opõe à distinção que geralmente é feita entre psicologia básica e psicologia aplicada, distinção esta que chega aos currículos dos cursos de psicologia como formação básica e formação profissionalizante, esta última representada pelos estágios supervisionados. Para o autor esta visão é demasiada simples, como se o conhecimento acadêmico pudesse ser diretamente aplicado às atividades profissionais do psicólogo. “Creio que as relações entre teorias e práticas são ainda mais complexas do que está sendo proposto nessa concepção bidirecional das suas relações” (*Ibidem*, p. 115).

O autor faz referência a Michael Polanyi percebendo a noção de conhecimento tácito como extremamente valioso para a compreensão das relações entre a teoria e a prática psicológica clínica e suas possíveis repercussões. É com base em Polanyi que Figueiredo define o conhecimento tácito como o “conhecimento incorporado às capacidades afetivas, cognitivas, motoras e verbais de um sujeito. O que caracteriza este conhecimento é ser de natureza eminentemente pré-reflexiva” (FIGUEIREDO, 2004, p. 116). O autor coloca que em contraposição ao conhecimento tácito, há o conhecimento explícito, que traz consigo a imposição de ser reflexivo, ou seja, “o conhecimento que se torna disponível na forma de sistemas de representação, como é o caso de uma teoria” (*Ibidem*, p. 117).

Figueiredo ainda chama atenção para a relação figura-fundo na construção do conhecimento trazida por Polanyi: “Uma outra distinção importante proposta por Polanyi, que está associada, mas não coincide com a anterior, é a que opõe o conhecimento focal ao conhecimento subsidiário” (*Ibidem*, p. 118), definindo o conhecimento focal como “o conhecimento que implica na apreensão temática de aspectos particulares do mundo” (*Ibidem*, p. 118) e o subsidiário como “uma apreensão não temática de partes do mundo que, no entanto, contextualizam, servem como fundo para aquilo que entra no foco” (*Ibidem*, p. 118).

Aqui cabem algumas considerações. Apesar de os escritos de Figueiredo merecerem todo nosso respeito e serem de grande contribuição para a psicologia, nos parece que o autor comete alguns equívocos quando se refere a alguns termos empregados por Polanyi, utilizando a palavra *oposição* em algumas situações. Primeiramente, Figueiredo afirma que o conhecimento tácito ocorre em oposição ao conhecimento explícito. Na verdade, Polanyi percebe o tácito e o explícito como dimensões diferenciadas na composição do conhecimento, mas não como dimensões opostas. Nonaka e Takeuchi (1997) grandes estudiosos das contribuições da filosofia de Polanyi para a Administração Gerencial, tentam resumir a teoria de Polanyi através da metáfora do *iceberg*. A parte que fica visível, acima da água, seria o conhecimento explícito. A parte submersa, que é mais volumosa, seria o conhecimento tácito. Ambas as partes trocam continuamente seus conteúdos, pois o que é hoje explícito, um dia foi tácito; e o que hoje é tácito, a qualquer momento pode se tornar explícito. Com essa metáfora, fica claro que as duas dimensões do conhecimento articulam-se mútua e constantemente.

Um outro ponto a ser levado em consideração, é a distinção que Figueiredo faz entre o focal e o subsidiário, onde novamente utiliza o termo *oposição*, apesar de

demonstrar em sua explicação uma concepção semelhante à de Polanyi acerca da relação entre os dois, que se aproxima bastante da articulação figura-fundo difundida pela Psicologia da Gestalt. Talvez o ponto que mereça mais atenção dentre as colocações de Figueiredo que, ao nosso ver, não coincidem com as de Polanyi, seja quando coloca de um lado o saber tácito e o conhecimento subsidiário e de outro o saber explícito e o focal:

Reconhecer a dualidade do conhecimento psicológico – *saber tácito e pessoal do ofício e conhecimentos subsidiários versus saberes explícitos, teóricos e focais* – e, mais ainda, reconhecer que as relações entre esses pólos envolvem diferenças radicais e conflitos, impõe estratégias muito diferentes tanto para o exercício profissional, como para as práticas de pesquisa, como para as atividades de formação. (FIGUEIREDO, 2004, p. 128).

Na verdade, Polanyi não coloca o subsidiário e o focal como conhecimento e nem em “categorias” distintas. Como já afirmamos acima, podemos em Polanyi identificar o conhecimento tácito com “o entendimento da entidade abrangente constituída pelo termo proximal e pelo distal” (POLANYI, *apud* SAIANI, 2004, p. 55). Dito de outro modo, tanto o componente distal (ou focal) quanto o proximal (ou subsidiário) integram-se mutuamente constituindo uma entidade mais ampla, que é o conhecimento tácito. Para Polanyi, quando atentamos ou focamos algo há sempre um contexto que contempla o focado e que funciona para nós como indícios subsidiários que possibilitarão a compreensão do todo, como no exemplo do reconhecimento de um rosto, já relatado.

Porém, apesar de interpretarmos o termo *oposição* utilizado por Figueiredo e a separação categórica entre os termos focal e subsidiário como incoerentes com a teorização feita por Polanyi, consideramos que ao resgatar Polanyi numa tentativa de compreensão de como a teoria e a prática clínica psicológica articulam-se, Figueiredo traz grandes contribuições para a psicologia. Para além dos “equivocos”,

acreditamos que o sentido apontado por ele é de grande valia, como veremos adiante.

Além de fazer referência a Polanyi, Figueiredo menciona Paul Feyerabend, quando este se reporta às teorias como importantes dispositivos representacionais da cultura ocidental moderna. Feyerabend (1991, p. 134) coloca que “hoje em dia, é ponto assente que a história de uma determinada informação não tem qualquer relevância para a compreensão do seu conteúdo”. Dito de outro modo, a experiência, o “como”, são reduzidos a representações e concepções que podem ser generalizados e ultrapassar a história. De certa forma, os indícios subsidiários que contextualizam o que é focado são excluídos.

Aqui encontramos a grande contribuição de Figueiredo (2004, p. 123), pois tendo como base as concepções de Polanyi e Feyerabend, ele questiona:

Será que a supervalorização dos conhecimentos explícitos e, entre eles, a dominância dos conhecimentos teóricos, dão conta dos problemas que nos concernem enquanto psicólogos, produtores de conhecimentos e professores de psicologia?

O autor coloca, então, como percebe a relação entre a dimensão tácita do conhecimento e a dimensão explícita, esta última representada pelas teorias:

[...] o *conhecimento explícito*, ele mesmo só opera e só existe como conhecimento se também é incorporado ao *conhecimento subsidiário*. A compreensão de uma teoria não se confunde com a sua mera apreensão focal. *Compreender uma teoria é incorporá-la, é silenciá-la, é poder dela dispor sem fazer dela o alvo de um conhecimento focal, é ter dela uma consciência não temática, como condição de interpretar as coisas do mundo, configurá-las, focalizá-las para agir sobre elas*. Enfim, a teoria é útil quando recua para a condição de fundo silencioso, permanecendo nas margens da consciência focal [...] é essa a idéia de um *conhecimento subsidiário* que revela a dominância do *conhecimento tácito* sobre o explícito e representacional. [...] a experiência pessoal é origem, destino e contexto de significação de toda teoria (FIGUEIREDO, 2004, p.120).

A relação entre as supracitadas dimensões do conhecimento mostra-se como algo importante para a execução e compreensão da prática clínica. Pois, de acordo com Figueiredo, o saber tácito é o *saber de ofício* do psicólogo:

O conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável (FIGUEIREDO, 1993, p.91).

Desta forma, a adesão à determinada abordagem teórica diz muito pouco da efetiva atuação profissional. Há, de fato, uma necessidade de pertença por parte dos psicólogos a uma determinada escola, como se esta pertença lhe desse o suporte necessário para a sua prática. No entanto, dentro da psicologia clínica, há um constante processo de *metabolização* (*Ibidem*, p. 91) imposto pelo conhecimento tácito: metabolização tanto das experiências quanto das informações teóricas, já que comumente os psicólogos estão sempre transitando, mesmo que de forma não assumida, entre outras abordagens.

Para o autor, há, na verdade, um grande ganho em manter uma *tensão* entre os conhecimentos tácito e o explícito teórico, o que significa desalojar ora a prática que pode já estar automatizada, ora o conhecimento teórico que poderá, então, irromper desafios à prática. Pois o conhecimento explícito teórico nunca poderá ser perfeitamente convertido na prática, assim como a prática nunca será uma reprodução da teoria. Apesar de não serem coincidentes, a teoria e a prática devem manter uma relação de pertinência. Figueiredo (2004) coloca o conhecimento tácito como o saber de ofício do psicólogo, mas não retira a importância do conhecimento teórico e explícito, atribuindo a este último duas importantes funções: dar inteligibilidade à experiência, ajudando a configurar os fenômenos clínicos, e,

reintroduzir na prática, que pode já estar mecanizada, o espaço para o inesperado e para a pesquisa.

Diante do exposto, percebe-se que é a partir da expressão da sua própria experiência, que o psicólogo pode começar a compreender a prática psicológica e clínica. Dito de outra forma, existe um saber de ofício, que passa pela questão da experiência pessoal. Portanto, esse saber de ofício é *prática*, que em grego significa passar por ou passar através, significando ação enquanto fazendo (MORATO, 1999). Essa situação de articulação entre experiência e prática conduz o psicólogo clínico ao seu saber de ofício, a uma articulação que abre a possibilidade de seu *fazer-saber*. Deste modo, o saber de ofício do psicólogo clínico está intimamente relacionado a uma prática que diz de um fazer e de um olhar para o que foi feito, para então começar a se dar conta do *seu próprio* saber-fazer. Como afirma Dante ([s.d.] *apud* ARENDT 1999, p. 188), “em toda ação a intenção principal do agente, quer ele aja por necessidade natural ou vontade própria, é revelar sua própria imagem”.

Neste sentido, a participação no presente estudo de estagiários que estão em supervisão é válida, por esta se caracterizar como um local onde se contempla esta zona de trânsito entre os referidos conhecimentos tácito e explícito. O próprio Figueiredo (2004, p. 126) coloca que:

(...) as *narrativas históricas* e as *narrativas dramáticas* poderiam constituir-se nos dispositivos representacionais mais convenientes para operar essa mediação. Historiais e todo o conceitual elaborado e usado nas histórias de caso e nos relatos de sessão parecem colocar-se no nível ótimo de tensão entre *tácito* e *explícito*.

O sentido dado à supervisão aqui é baseado em Morato (1999, p.72):

(...) situação contextualizada para que um profissional resgate sua própria condição de indivíduo com dúvidas e estranhamentos em seu contato profissional de ajuda a indivíduos, para que, a partir de seus próprios questionamentos e dificuldades, possa apresentar-se mais propriamente receptivo e disponível em sua atuação e ajuda para encaminhar o cliente a redimensionar-se em sua vida. Possibilidade de constituição de subjetividade pela criação de sentido.

Deste modo, a supervisão se constitui numa situação e local onde se pode compreender o fazer/saber clínico através de um olhar singular e próprio para a ação realizada. Este olhar permite que emergjam descobertas e impasses, não apenas com relação à prática, mas também com relação à própria teoria, que poderá ser compreendida e questionada de um outro ângulo. Nesta perspectiva, o conhecimento é organizado no e pelo indivíduo, e não para o indivíduo; vai sendo elaborado de uma outra forma que não aquela estritamente racional, que sempre imaginamos quando pensamos no conhecimento. A experiência torna-se, então, a principal fonte para a ocorrência de uma aprendizagem que seja significativa para o sujeito.

Neste processo, há na verdade, uma articulação de dimensões afetivas e cognitivas, que poderão gerar novos significados, como afirma Eugene Gendlin (1973). Para ele, o momento de criação de sentido marca a presença do fenômeno da aprendizagem na experiência humana como forma de *transformação*. O significado sentido diz respeito ao momento de criação no qual dimensões cognitivas e afetivas se integram, num processo chamado também de *aprendizagem significativa* (ROGERS, 1985; GENDLIN, 1973), conceito que será mais bem explorado a seguir, em virtude de percebermos que o mesmo contribui de forma expressiva para uma melhor compreensão da experiência de vir a ser psicólogo clínico vivenciada por estagiários de psicologia.

3.2 Aprendizagem Significativa

Em meados da década de 60, o psicólogo norte-americano Carl Rogers realiza uma série de reformulações acerca da metodologia do trabalho do psicólogo no campo do Aconselhamento Psicológico, abrindo uma perspectiva mais propriamente clínica para a atuação profissional desta categoria. Provoca um deslocamento nos focos de sua atuação: “do problema para a pessoa do cliente; do instrumental de avaliação para a relação cliente-conselheiro; do resultado para o processo” (SCHMIDT, *In*: MORATO (Org.), 1999, p. 94).

Partindo da crença no ser humano como um organismo que tende naturalmente a crescer e se desenvolver, Rogers direciona sua prática e sua teorização no sentido de compreender quais seriam as condições para que este organismo pudesse atualizar esta sua tendência natural. Chega à conclusão de que a presença de determinadas atitudes - empatia, congruência e consideração positiva e incondicional – seria suficiente para o “desenrolar de processos de aprendizagem subjacentes ao crescimento e a mudanças” (*Ibidem*, p.95).

Apesar de concordarmos que as formulações de Carl Rogers foram de grande valia para a atuação do psicólogo no campo da psicologia clínica, não pretendemos realizar uma profunda e/ou extensa explanação de suas idéias por acreditar que desviaria do ponto ao qual queremos alcançar. A contribuição de Rogers, a qual daremos especial atenção, diz respeito ao papel exercido pela aprendizagem compreendido na psicoterapia, pois para ele, a psicoterapia pode ser definida como um processo de aprendizagem:

“... em términos generales, la terapia es un proceso de aprendizaje (...) La rica experiencia terapéutica puede contribuir en gran medida a nuestro conocimiento de lo que es el aprendizaje significativo, y también puede ganar mucho con la integración de los conocimientos anteriores acerca del aprendizaje y los hechos conocidos con respecto a la terapia. Luego,

en el estado actual de las ciencias psicológicas, nos encontramos con muchas más preguntas que respuestas en lo referente al proceso y el contenido del aprendizaje que tiene lugar en la psicoterapia (ROGERS, 1966, p. 123-124).

Nesta afirmação, Rogers deixa clara a presença de uma aprendizagem, que ele chama de *significativa* e que ocorre na terapia. O autor desenvolve, então, o conceito de aprendizagem significativa, promovendo uma reconsideração acerca da aprendizagem em decorrência destas descobertas realizadas no campo clínico (SCHMIDT, *In*: MORATO (Org.), 1999, p. 94). Mais tarde, em seu livro *Tornar-se Pessoa*, Rogers (1961, p. 253) afirma:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de factos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.

Neste ponto, o autor chama atenção para o fato deste tipo de aprendizagem envolver “todas as parcelas de sua existência”, contemplando neste processo não apenas a dimensão cognitiva, mas também a afetiva. Para ele, a articulação da aprendizagem significativa acontece pela distinção de duas categorias de experiência, a saber a “memória repetida de material inexpressivo (informação) e aprendizagem experiencial (experiência valorizada e integrada)” (MORATO; SCHMIDT, *In*: MORATO (Org.), 1999, p. 118). Enquanto o modelo de ensino técnico-formal valoriza a noção de informação, na aprendizagem significativa as “noções de intersubjetividade, experiência e criatividade permitem articular seus modos próprios de transmissão, elaboração e avaliação do saber” (*Ibidem*, p. 118).

Esta forma singular coloca a aprendizagem significativa num lugar entre o pedagógico e o psicológico.

Sempre preocupado em compreender melhor os fenômenos da subjetividade, Rogers une-se a outros teóricos na tentativa de desenvolver seus construtos com maior especificidade. Dentre eles, destaca-se Eugene Gendlin, um psicólogo e filósofo austríaco posteriormente naturalizado norte-americano. Gendlin busca colaborar com a teoria de Rogers formulando-a conforme linhas fenomenológicas, trazendo uma grande contribuição através da noção de *experiencing* (GENDLIN, 1962), que traduziremos por *experienciando*, apesar de alguns autores o considerarem como experiência, tornando-o um substantivo, o que pressupõe uma idéia fechada, um conceito. Utilizaremos a tradução sugerida por Morato (1989), por concordar com a mesma quando afirma que o termo *experienciando* estando no gerúndio se aproxima do sentido que Gendlin propõe, já que o mesmo fala em modo de processo, dando uma idéia de ação e movimento.

Para Gendlin (1973), o *experienciando* tem um modo próprio de organização que se diferencia do modo de raciocínio lógico e científico. Por este motivo é que é tão difícil de ser estudado pelas ciências humanas, já que estas se dedicam a conceitualizações e que o *experienciando* refere-se ao modo como as experiências humanas ocorrem e não ao que elas são. Desta forma, o conhecer pela conceitualização é diferente do conhecer pelo “sentindo”, pelo *como* se está *experienciando* em determinado momento.

A partir do entrelaçamento de suas observações clínicas aos seus estudos filosóficos, Gendlin afirma que o *experienciando* pode ser sugerido como um “fluxo de sentimento, concretamente, para o qual você pode a cada momento atentar internamente...” (GENDLIN, *apud* MORATO, 1989, p. 78) ou ainda como “uma

dimensão subjetiva de eventos; refere-se ao que a pessoa conhece intimamente” (MORATO, 1989, p. 77).

O autor afirma que no contexto psicoterapêutico a referência direta ao processo de experienciando é fator de mudança. Dito de outro modo, a mudança terapêutica ocorre quando o cliente se refere diretamente ao seu processo de experienciando, e não apenas ao que sabe racionalmente *sobre* o que lhe ocorre. De acordo com Morato (1989), apesar de ser um processo lógico, o experienciando não diz respeito à estrutura da lógica. “Mudanças são mostradas em seu próprio processo e não mostradas em si” (*Ibidem*, p. 89).

Gendlin busca, portanto, compreender a relação entre o experienciando e as conceitualizações, ou seja, como o que é experienciado num nível pré-reflexivo funciona e se liga com as simbolizações lógicas. Percebe que ambos relacionam-se mutuamente sem que haja substituições, dando origem à formação do *significado*. “Significado é formado na interação entre o experienciando e algo que funciona simbolicamente. Sentimento sem simbolização é cego; simbolização sem sentimento é vazia” (GENDLIN, 1962, p. 05).

Portanto, para Gendlin, o experienciando é esse processo de sentimento no presente imediato que orienta a conceitualização e conduz ao significado, como vemos em suas palavras:

Não podemos conhecer o que um conceito ‘significa’ ou usá-lo significativamente sem o ‘sentir’ de seu significado. Nenhuma quantidade de símbolos, definições ou algo similar pode ser usado no lugar do significado sentido. Se não temos o significado sentido do conceito, não atingimos o conceito – só um ruído verbal. Nem podemos pensar sem significado sentido (1962, p. 5-6).

Buscando apoio em outros filósofos para melhor articular suas idéias, Gendlin encontra em Martin Heidegger o conceito de *Befindlichkeit*, que se torna muito útil

para o aprofundamento de suas proposições acerca do experienciando e sua implicação para a psicologia. Para Heidegger, *Befindlichkeit* é um existencial ontológico que significa “modo de encontrar-se”. De acordo com Morato (1989), Gendlin apresenta *Befinden* como um verbo alemão que pode significar três expressões: “como vai você?”, “como você está se sentindo?” Ou “como está você?”. Neste sentido, *Befinden* remete a pessoa a um olhar para si própria numa busca tanto interna quanto de sua situação no mundo.

Para Heidegger, *Befindlichkeit*, ou o “modo de encontrar-se” constitui a primeira abertura para o ser-aí. O filósofo acredita que a predestinação do homem é o ser de abertura (ser-aí) e o ser de relação (ser-com), que o coloca no mundo juntamente com outros seres e entes. Existimos numa disposição afetiva, num “*befindlichkeit*” que nos dota de uma compreensibilidade anterior à dimensão cognitiva e da consciência. Deste modo, o ente não pode ser reduzido e fragmentado em mundo interno e/ou externo, pois o mundo é vivido, é experiência e existência, sendo, por este motivo, irreduzível. “Seria, pois *Befindlichkeit* um novo conceito heideggeriano para expressar o modo de existência da condição humana e da sua capacidade de sentir sentimento, afeto ou emoção” (MORATO, 1989, p. 83), referindo-se a uma disponibilidade para acessar a si e a outros com

compreensão ativa e implícita do que está ocorrendo, bem como da articulação desta compreensão para comunicação com outros e ouvir deles; e assim, nova abertura ocorre. E este é um processo relacional e de relacionais, simultâneo, da condição de ser humano que possibilita abertura e acesso para novas relações e relacionamento; e, portanto, mudanças. Gendlin (1978/79) recorre a *Befindlichkeit* para compreender o conceito de sentimento e como abordá-lo em psicoterapia. E aí reencontrar o sentido de experienciando (MORATO, 1989, p. 84).

Destarte, experienciando tem um caráter reflexivo - em sua significação gramatical - pois se refere a uma situação de afetar-se e ser afetado no e com o

mundo. Mas vale ressaltar que para Gendlin, além do experienciando situar-se no espaço, ele também se relaciona com o tempo, pois o encontrar a si mesmo pelo experienciando significa encontrar-se também com o passado que faz parte do agora e com a possibilidade de projetar-se no futuro. Assim, o experienciando não é apenas um processo interno, pois se refere a todas as esferas do viver humano: pensamentos, sentimento e linguagem enquanto ações (MORATO, 1989).

A contribuição de Gendlin acerca de como se processa a criação de sentido pelo experienciando, portanto, é de grande valia para a compreensão do fenômeno da aprendizagem significativa, pois o significado sentido diz respeito a um momento de criação, no qual encontram-se articuladas dimensões cognitivas e afetivas, como vemos em Morato (1999, p. 36-37):

Na concepção de Gendlin, a aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, permitindo ao homem aberturas ou mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens. Uma tal compreensão possibilita que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, podendo 'trazer-se de volta' (atualizar o passado) para, lançando-se adiante (projetando-se ao futuro), transformar-se. Nesta perspectiva, compreender algo na própria ação propicia, ao mesmo tempo, uma compreensão de si e de seu modo de ser humano em meio a outros. Dessa forma, aprendizagem significativa é criação de sentido, no qual afeto e cognição articulam-se abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico.

Trazendo as contribuições de Gendlin e Rogers para nossa pesquisa, podemos pensar que a ação clínica proporciona o acesso para a aprendizagem significativa, por ser característica da clínica a abertura à experiência, o que exige não apenas uma apropriação de conhecimentos adquiridos, mas também uma abertura para o pré-reflexivo.

Neste sentido, é próprio da clínica uma ação "compreensivamente articulada", uma aprendizagem autodescoberta que seja assimilada na experiência. A prática

clínica nos possibilita descobrir o nosso próprio fazer clínico, e não o fazer de outro. Desta forma, ao aprendermos essa profissão, não importando o quão separada de nossa vida cotidiana queiramos que ela pareça, aprendemos novas maneiras de usar tipos de competências que já possuímos. De certa forma, podemos até afirmar que a prática clínica não se ensina. Porém, não podemos afirmar que ela não se aprende.

Aqui chegamos a um paradoxo: um principiante na prática clínica, inicialmente, não entende exatamente o que precisa aprender, que habilidades necessita desenvolver. Porém, a única forma de aprender é educar a si mesmo; trilhar um caminho próprio, sendo o primeiro passo a ser dado começar a fazer o que ainda não compreende. Assim, se inicia a possibilidade da criação de uma rede de novos significados e de uma compreensão de que a clínica se faz num trânsito *entre* a teoria e a prática.

Além disso, há espaços indeterminados que só vislumbramos através da prática: espaços da incerteza e da singularidade. É esta zona de trânsito entre estes espaços que talvez precise ser mais explicitamente contemplada pelas instituições formadoras, como uma tentativa de capacitar pessoas a lidar com demandas reais da contemporaneidade que nos concernem enquanto psicólogos, pois nos deparamos constantemente com “casos únicos” que transcendem as categorias das teorias e das técnicas existentes, forçando-nos a tratá-los não como um problema “instrumental” a ser resolvido pela aplicação de uma das regras de seu estoque de conhecimento profissional. Neste momento o profissional vê testada a sua capacidade própria de improvisação, e não seus conhecimentos teóricos-técnicos.

Por considerarmos esta discussão relevante para a presente pesquisa é que

dedicamos o próximo tópico aos lugares que técnica e psicologia ocupam reciprocamente.

3.3. Técnica e psicologia

Anteriormente procurei situar a questão que guia esta pesquisa para que ficasse claro o lugar de onde a reconheço. Neste momento, faço um movimento aproximado, de novamente contextualizá-la, porém de forma mais abrangente. Se antes enfatizei características do curso de psicologia no qual o estudante está inserido, agora atento para aspectos históricos e culturais nos quais os cursos de psicologia se construíram, pois não é por acaso que a formação em psicologia foi e é estruturada de modo a valorizar a transmissão do conhecimento num nível informativo e cumulativo.

Uma temática que pode auxiliar a compreensão dos caminhos percorridos pela ciência e pela psicologia é a que trata do Projeto da Modernidade, visto que esta última emerge no bojo desse projeto.

De acordo com Santos (1996), o Projeto da Modernidade constituiu-se entre o século XVI e finais do século XVIII, sendo esta época também o marco no qual se inicia verdadeiramente o teste do seu cumprimento histórico, coincidindo com a emergência do capitalismo enquanto modo de produção dominante.

O Projeto da Modernidade se assenta em dois pilares: a) o da *regulação* da produção e da distribuição de bens e serviços e b) o da *emancipação*, que buscava promover a cidadania dos indivíduos (SANTOS, 1996). Todavia, o referido Projeto acabou gerando um excesso de promessas que seqüenciou um excesso de fracassos. Este “excesso reside no próprio objetivo de vincular o pilar da regulação ao pilar da emancipação e de os vincular a ambos à concretização de objetivos

práticos de racionalização global da vida coletiva e da vida individual” (SANTOS, p. 78).

Há uma discussão acerca do cumprimento do Projeto da Modernidade e alguns autores, como Figueiredo (2004) afirmam que o mesmo finda aproximadamente na metade do século XX, e hoje estaríamos na sociedade pós-industrial, ou “pós-moderna”, termo que gera uma série de controvérsias, por não termos, de fato, passado pela modernidade tal como foi concebida.

O Projeto em questão se desdobra num projeto científico e num projeto societal, visto que acaba por “modelar” a ciência e “ordenar” a sociedade. O paradigma dominante com relação à ciência, a partir do século XVII era o de que na busca da verdade se objetivava o conhecimento e não a produção do saber, sendo pré-requisito para que essa verdade fosse válida, ela própria ser objeto de experimentação. Vale ressaltar que o experimento acontecia através do empirismo, da realidade manipulável, controlável e previsível, sendo necessário, para isto, excluir o observador de sua observação. Outrossim, destaca-se que há um hiperdimensionamento da racionalidade cognitivo-experimental da ciência e da tecnologia, pois esta racionalidade tem uma

correspondência específica com o princípio do mercado, não só porque nele se condensam as idéias da individualidade e da concorrência, centrais ao desenvolvimento da ciência e da técnica, como também porque já no século XVIII são visíveis os sinais da conversão da ciência numa força produtiva. (SANTOS, 1996, p. 77).

De acordo com Figueiredo (2004), para converter o mundo num estoque de objetos representáveis, previsíveis e manipuláveis, o sujeito da modernidade devia começar por se impor a si mesmo a autodisciplina de um método. O homem como

centro de tudo era também fonte de erros. Então, a disciplina tinha a função de eliminar de cada sujeito tudo aquilo que o tornasse não confiável,

[...] de forma a constituir a partir desta exclusão uma subjetividade purificada e elevada (ou reduzida) ao exercício da razão e da experiência na sua invariância e na sua universalidade. Do método, esperava-se a construção de um sujeito epistêmico pleno (FIGUEIREDO, 2004, p. 36).

De acordo com Figueiredo (2004), o método operava, então, uma cisão entre mente e corpo: a mente na sua suposta liberdade e o corpo na prisão dos seus determinismos naturais e condicionamentos sociais. Além disso, significativa parte do Projeto afirma o fracasso dessa cisão. Contudo, os fracassos do Projeto não impediram que ele tivesse uma certa eficácia e que um dos resultados desta eficácia viesse a ser, algum tempo depois, a constituição do espaço psicológico.

O olhar psicológico vai se caracterizar pelo projeto de “*desvendar exatamente o avesso do sujeito supostamente pleno*” (*Ibidem*, p. 39). O espaço da psicologia vai se elaborando a margem da tradição epistemológica. A cisão corpo-mente acaba por gerar atenções especiais que facilitam o surgimento da psicologia:

[...] o *lugar do excluído* ou do *expurgável* pelo método, que se constituía como o negativo do sujeito pleno e que retornava na forma de sintomas e de mal-estar, veio a ser precisamente o território de eleição da psicologia. Em outras palavras, a psicologia nascerá de um processo histórico-social que, simultaneamente, instituía cisões na experiência subjetiva e fracassava na manutenção destas mesmas cisões (*Ibidem*, p. 39).

Vemos, portanto, que a psicologia nasce como ciência em um contexto social que valoriza a técnica, a produção e a eficiência. Deste modo, a psicologia científica se inaugura com esse sujeito submetido ao autocontrole e a autocorreção. A

sensibilidade, a afetividade, o desejo, a vivência pré-reflexiva são expurgados do discurso científico no qual a psicologia se insere.

A psicologia torna-se parte de uma sociedade onde as máquinas aparecem como instrumentos de desobrigação dos homens, pois elas fazem quase tudo em seu lugar. E, apesar das descobertas científicas serem extremamente importantes para o desenvolvimento da sociedade ocidental, também têm responsabilidade no assolamento a culturas, tradições, ecossistemas e ao próprio homem, que se tornou apenas mais um componente de toda engrenagem industrial. Temos, então, uma contradição: ao mesmo tempo em que a tecno-ciência facilita a vida cotidiana do homem, este não consegue realizar-se, de fato, como ser humano.

Acerca disto, encontramos em Heidegger (1997) algumas reflexões. O filósofo afirma que a técnica é habitualmente compreendida como algo neutro que tem a função de fornecer à ação humana os meios para atingir determinados fins. É algo mundialmente aceito e principalmente valorizado. Porém, Heidegger surpreende ao questionar a essência da técnica moderna, pois para ele, apesar de a compreensão de técnica citada acima estar correta, não revela a essência da mesma.

Heidegger (1997) remete ao sentido que os gregos davam à técnica para chegar a uma nova compreensão acerca da técnica moderna. Os gregos viam a técnica como um modo de produção, como *poiésis*. O instrumento era aquilo que conduzia algo a seu aparecer; para eles, o produzir conduzia do ocultamento para o descobrimento. Dito de outro modo, na sua origem, a técnica antes de ser apreendida como um meio ou instrumento, "(...) é um modo de desabrigar. A técnica se essencializa no âmbito onde acontece o desabrigar e o desocultamento, onde acontece a *alethéia*" (HEIDEGGER, 1997, p. 55). *Alethéia* é como os gregos compreendem a verdade, como algo que se produz ao passo que vai se revelando,

não havendo um sentido único e universal que possa ser apreendido; diferentemente dos romanos, que vêem a verdade como *veritas*, que se pode traduzir por exatidão da representação.

De acordo com o filósofo, a palavra técnica vem da língua grega e designa aquilo que pertence à *techné* (HEIDEGGER, 1997). *Techné* era o nome dado ao fazer manual tanto do simples artesão quanto das belas artes. A *techné* “pertence ao produzir, à *poiésis*; é algo poético” (HEIDEGGER, 1997, p. 55). Dessa forma, a técnica como *techné* é um modo de desocultar, de produzir o que não se produz sozinho. O essencial torna-se, então, não os meios empregados, e sim o desocultamento propriamente dito, a condução para adiante.

Porém, Heidegger (1997) afirma que este sentido originário da técnica foi se perdendo com o passar dos tempos. Afirma que na modernidade se mantém o sentido da técnica como desvelamento, mas não como *poiésis*. A técnica moderna se relaciona com a natureza através da exploração, compelindo-a a liberar suas forças e energias. Ou seja, na técnica moderna,

o real e a natureza são tomados como um grande fundo de reserva escondido- energias, recursos, forças, bens-, mas sempre disponível, seja como extração e obtenção, transformação e acumulação, distribuição e troca, dentro de um sistema rígido de gerenciamento, formando uma rede de interações complexas, onde tudo é previsto e calculado. Todas essas etapas, em que o real se coloca à disposição como fundo de reserva, são modos de desvelamento, como provocação (MICHELAZZO, 1999, p. 160).

Vemos, então, que o homem e o real estão inter-relacionados. Pois o homem provoca o real, forçando este último a liberar as energias do fundo de reserva, e do lado inverso, o real provoca o homem, desafiando-o a encontrar as energias escondidas.

Heidegger (1997) denomina esta provocação mútua de *armação* (*Gestell*), afirmando que esta palavra traduz a essência da técnica moderna, visto que ela expressa a busca incessante do homem de encontrar as justificativas para tudo, através de calcular a natureza ao mesmo tempo em que é desafiado por ela a explorá-la cada vez mais. Neste processo, o homem percebe tudo que se mostra a ele como um fundo de reserva a ser explorado, sentindo-se, assim, como detentor do poder de exploração desse fundo.

De acordo com Michelazzo (1999, p. 162), essa superioridade do homem sobre as coisas “faz com que ele não reconheça a interdependência sutil e frágil do ‘tecido’ do real, nem respeite o que é próprio e singular a cada um dos fios desse tecido”; faz com que as coisas tornem-se objetos, colocando-as numa relação de afrontamento. Para o autor, este se posicionar do homem como superior que coloca as coisas numa relação de adversidade é a origem do que impulsiona a destrutividade humana.

Para Heidegger este pensar “calculando” é necessário, mas torna-se arriscado quando se transforma na única forma de o homem relacionar-se com o mundo. Na modernidade o pensamento que prevê, que avalia, que estima acabou se tornando o único pensamento admitido. Se nós passarmos a compreender a técnica como um modo de desocultamento, como *poiésis*, estaremos ao mesmo tempo, nos abrindo para o que ainda está por vir, para o que ainda está velado. É uma mudança de perspectiva que demonstra tanto um consentimento tácito acerca do que ainda está para se revelar quanto um abrir mão da necessidade de controle sobre tudo que nos cerca.

Se voltarmos novamente o olhar para a psicologia, encontraremos uma psicologia que buscando se naturalizar acabou se desnaturando. Uma psicologia

que, assentada em Descartes, evidencia uma dicotomia entre o intelecto especulativo e o intelecto prático: o primeiro leva através do método dedutivo ao *cogito ergo sum* (penso, logo existo), verdade indubitável em que se assenta a ciência moderna; o segundo é aquele que direciona a atividade humana por intermédio da aplicação teórica aos fatos objetivos. Acompanhada pela influência de Descartes na filosofia moderna, nesta tendência a compreender a teoria como distinta e separada da prática, a psicologia se organiza como produtora de conhecimento e posteriormente como atividade formativa.

Diante do exposto, temos como pano de fundo da formação do psicólogo um ideal tecnocrático, onde o que impera é a ética da eficácia. De forma diluída recebemos durante nossa formação em psicologia a necessidade do autocontrole e da previsibilidade. Não há lugar para o imprevisível. Mas como expurgar o que não podemos antecipar se lidamos com o que há de mais inacabado: a experiência de ser humano? Partindo para o recorte da formação em psicologia clínica, chegamos ao final do curso com a esperança de podermos aplicar todo nosso conhecimento acumulado nos anos anteriores, até sermos surpreendidos exatamente com o não podemos prever: o outro que demanda das mais diferentes formas nossa atenção e cuidado, e a nós mesmos, que ao nos disponibilizarmos a atender esta demanda, nos arriscamos a encarar nossa própria alteridade.

Ao falar sobre a crise de confiança no conhecimento profissional, Donald Schön (2000, p. 15) indaga:

Na topografia irregular da prática profissional, há um terreno alto e firme, de onde se pode ver um pântano. No plano elevado, problemas possíveis de serem administrados prestam-se a soluções através da aplicação de teorias e técnicas baseadas em pesquisa. Na parte mais baixa, pantanosa, problemas caóticos e confusos desafiam as soluções técnicas. A ironia dessa situação é o fato de que os problemas do plano elevado tendem a ser relativamente pouco

importantes para os indivíduos ou o conjunto da sociedade, ainda que seu interesse técnico possa ser muito grande, enquanto no pântano estão os problemas de interesse humano. O profissional deve fazer suas escolhas. Ele permanecerá no alto, onde pode resolver problemas relativamente pouco importantes, de acordo com padrões de rigor estabelecidos, ou descerá ao pântano dos problemas importantes e da investigação não-rigorosa?

O autor aponta um dilema com duas origens: a primeira é a noção de um conhecimento profissional minucioso que se baseia na racionalidade técnica; a segunda é a compreensão da existência de zonas de prática que são indeterminadas e “pantanosas”, que desafiam os pressupostos do referido conhecimento.

Diante do exposto, vemos o quanto as “soluções” técnicas têm sido colocadas em questão. Talvez uma saída possível seja não apenas o resgate da experiência e da improvisação (mesmo porque de forma marginal isso ocorre), mas principalmente, adoção da incerteza e da improvisação como oficial e necessária na prática clínica. Estar diante do outro que demanda atenção nos exige estarmos atentos também a nós mesmos, à nossa capacidade de criação e re-invenção de novos significados em nossa prática.

Assim, talvez valha a pena considerarmos não necessariamente como melhorar o uso de conhecimentos técnicos e teóricos, mas sim como podemos aprender a partir de cuidar melhor do *como se faz*, do como nos fazemos criadores e inventores, do como damos conta das zonas incertas e “pantanosas” da prática.

Neste trecho do trajeto percorrido, me arrisquei a visitar caminhos até então assustadores para mim. Corri o risco de ampliar a minha visão da questão através do olhar de outros, mesmo que sob minha perspectiva.

Passo agora a retomar, a questão que serve de guia para o presente estudo:
Compreender, a partir do trânsito entre modo de saber prático, ancorado na

experiência pessoal, e um modo de saber advindo de uma teoria, como estagiários vivenciam a experiência de se tornarem psicólogos clínicos. Foi buscando desvelar novos significados acerca desta questão, que procuramos compreender, através de ouvir a experiência daqueles que ainda estão em processo de formação clínica, como ocorre o tornar-se psicólogo clínico. O trecho seguinte se caracteriza, então, pela referência ao momento de partilha de experiências e de afetação pela exposição ao outro. Será um momento também de encontro “interior”, pois na convivência aprendemos também a solidão. Fazendo menção à metáfora da travessia de Serres (1993, p. 11-12), concluo esta etapa:

Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado (...) Parta, mergulhe. Depois de ter deixado a margem, você continuará durante algum tempo muito mais perto dela do que da outra à sua frente (...) o nadador sabe que um segundo rio corre neste que todo mundo vê, entre os dois limiares, atrás ou à frente dos quais quaisquer seguranças desapareceram: ali ele abandona toda referência. (...) A verdadeira passagem ocorre no meio. Qualquer sentido que o nado tome, o solo jaz a dezenas ou centenas de metros sob o ventre ou a quilômetros atrás e na frente. Eis o nadador sozinho. Deve atravessar, para aprender a solidão. Esta se reconhece no desvanecimento das referências.

4. METODOLOGIA OU A TRAVESSIA

A verdadeira passagem ocorre no meio.

Michel Serres

Compreendendo a pesquisa como uma investigação, neste capítulo explicitaremos como fomos seguindo os vestígios e percorrendo o caminho que foi se mostrando a partir da questão norteadora.

Nesta perspectiva, acreditamos que toda pesquisa se inicia a partir de uma questão que provoca o sujeito; que o mobiliza por se perceber diante de algo que não compreende, mas que o envolve. O sujeito tem a possibilidade, então, de se tornar pesquisador a partir do momento em que decide cuidar de sua questão. Questão esta que, surgindo de maneira própria, gerará uma maneira também própria e singular de olhar para ela e de se relacionar com ela. Deste modo, a pesquisa vai se construindo a partir deste olhar e deste envolvimento com algo que até então se mostrara obscuro.

A pesquisa torna-se, desta forma, uma investigação; e a questão, o primeiro vestígio. E será seguindo os vestígios, cuidando não só do que se encontra no meio do caminho, mas principalmente, do que se busca, do que ainda não foi achado, que o pesquisador terá a possibilidade de compreender o sentido que a questão lhe mostra.

Destarte, o caminho a ser percorrido será direcionado não só para a questão, mas principalmente, *pela* questão. Ou seja, a questão será o guia que orientará o caminho. É olhando por esta perspectiva que a palavra metodologia no presente estudo condiz com a compreensão do método fenomenológico sugerido por Merleau-Ponty (1999), o qual afirma que a palavra *método* quer dizer *caminho*.

Baseado nisto é que a palavra *metodologia* no presente estudo significa *dizer do caminho*; do caminho que se faz ao caminhar. Neste sentido, caminho é o que se apresenta para o pesquisador como possibilidade de ação, ou seja, como possibilidade de a questão deixar de ser apenas questão.

Por se tratar de uma pesquisa em clínica, acreditamos ser importante ressaltar que estamos penetrando num tipo específico de compreensão e interpretação dos fenômenos. Investigar alguma dimensão de como é ser humano significa lançar-se na própria condição humana imbuída no mundo. Demanda, ao mesmo tempo, um entendimento de atributos particulares dos fenômenos investigados, sem incluí-los na universalidade e generalização. O singular estará localizado em determinada situação e será captado num “relâmpago”, não podendo ser aprisionado. Concordamos com Advíncula (2001, p. 109) quando afirma que:

A atitude de quem faz a escuta clínica é meditar sobre o que merece ser interrogado, na proporção em que essas indagações são respondidas, a partir e como resultado do atravessamento corporal nas reverberações afetivas que envolvem a dupla: pesquisador/pesquisado.

Nesta forma de compreensão, a *experiência* se mostra, portanto, como elemento essencial durante todo o processo da pesquisa. A experiência do pesquisador é a referência de partida que vai estar junto à busca de uma compreensão da questão que mobiliza. E será experiência também todo o processo de pesquisa, pois sendo a questão a ser investigada algo a ser cuidado, envolvendo ação, criação e, claro, implicação, a própria pesquisa se encaminha através da experiência. É bom lembrar que neste encaminhamento da pesquisa, se se vai a busca de ouvir como outros percebem a questão, já se constitui a união da experiência do pesquisador e do pesquisado, tornando a experiência matéria prima da investigação.

No aventurar-se a seguir os vestígios deixados pela questão buscando compreendê-la, optou-se, no presente estudo, pela utilização de dois instrumentos fundamentais, a saber, a *fenomenologia existencial*, baseada nos pensamentos de Martin Heidegger e Merleau-Ponty, e a *narrativa*, orientada principalmente por Benjamim, sendo estas opções esclarecidas a seguir.

De acordo com Critelli (1996), autora que se baseia na fenomenologia existencial de Heidegger, é condição humana ser fabricante do sentido mesmo de ser. Pois o homem é um constante vir-a-ser, que foi jogado num cenário já configurado, cabendo a ele dar sentido à sua existência. Ou seja, o homem está inserido em uma teia de relações, no mundo, sendo ser-com-outros e se colocando no mundo dando sentido a este, a ele próprio e aos outros. Como afirmam Cabral e Morato (2003, p. 12),

O homem, sendo parte do mundo, ou, para além disto, sendo no mundo com outros, afeta e é afetado, em uma teia de relações que é mutante, sendo ele invariavelmente mutável. Neste emaranhado, o seu olhar só se constitui enquanto olhar a partir do que ele olha, e o que ele olha só se constitui enquanto algo olhado a partir do seu olhar. Desse modo, a atitude fenomenológica apresenta-se no humano por nunca poder ser neutro no mundo, visto que o *sendo aí* é que torna possível a produção de sentido. Assim, o que o humano realiza como sendo essa sua tarefa de busca de sentido, mostra-se também pelo que ele faz como trabalho em ação.

Ainda de acordo com estas autoras, recorrer a um modo fenomenológico existencial de pesquisar permite flexibilidade, a partir da compreensão de que tudo se forma e transforma na relação sujeito-mundo, sujeito-objeto. “Tal relação é compreendida, nesse particular, não a partir da lógica das polaridades, mas da mútua afetação, da interpenetração, próprias da condição humana” (*Ibidem*, p. 12).

É nesta perspectiva que se opta pelo modo fenomenológico existencial de compreender e realizar pesquisa. Como dito anteriormente, este estudo versa sobre a tentativa de compreender a partir do trânsito entre modo de saber prático,

ancorado na experiência pessoal, e um modo de saber advindo de uma teoria, como estagiários vivenciam a experiência de se tornarem psicólogos clínicos. Tendo esta questão como guia, buscou-se o método que mais se adequasse para compreendê-la. Desta maneira, considera-se ser adequada a utilização da metodologia de relatos orais como via de acesso ao modo como estagiários de psicologia clínica articulam diferentes dimensões do saber no processo de tornarem-se psicólogos.

Esta metodologia está em consonância com o que Walter Benjamin, escritor alemão que viveu de 1892 a 1940, chama de *narrativa* (1985), por ser um método em que o pesquisado ao contar a sua história, narra acontecimentos e afetos que dizem respeito ao seu percurso no sentido de suas vivências. Através da linguagem, o pesquisado desvela sua experiência, e, ao mesmo tempo, faz do pesquisador um partícipe desta experiência, pois “cabe ao pesquisador colocar-se, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações” (SCHMIDT, 1990, p.70).

Gendlin (1973) recorre a Heidegger, quando este afirma que ser humano é ser-aí, ou ser-no-mundo, para compreender o ser humano como experienciando situações. Para o autor, a linguagem é o grande recurso do ser humano para distinguir estas situações. Dessa forma, linguagem e experiência estão sempre inter-relacionadas. É preciso compreender que existe esta inter-relação ao se tentar pesquisar a experiência através da linguagem, não esquecendo que esta inter-relação está situada no mundo. Assim, não se estuda a experiência puramente por ela mesma, pois a “experiência é sempre organizada pela história evolucionária do corpo e também pela cultura e situações organizadas parcialmente pela linguagem” (GENDLIN, 1973, p. 291).

Percebe-se, então, que para Gendlin a linguagem tem papel fundamental na fenomenologia, pois, apesar de não desvelar a experiência como um todo, é juntamente com ela que emergem o sentimento e a situação envolvida. “O sentimento parece chamar pela palavra. Se alguém tem o sentimento então a palavra vem. (...) A palavra diz a experiência, a experiência chama pela palavra” (GENDLIN, 1973, p. 263).

É em sentido semelhante que Benjamin (1985, p. 198), coloca a experiência em lugar privilegiado na sua filosofia, e, como forma de enunciá-la, a narrativa: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”.

Para o autor, narrar é uma arte que está em vias de extinção em decorrência da forma de viver do homem moderno, na qual há um novo modo de se relacionar com o tempo e o espaço. O homem moderno valoriza o tempo presente, o que o deixa imerso num estado de automatismo afetivo e o coloca no mundo da vivência imediata, não havendo espaço para a elaboração e transmissão da experiência, determinando o fim da tradição.

Concomitante a isso, o homem moderno se encaminhou para uma nova forma de comunicação: a informação. Para Benjamin (1985, p. 203), “se a arte de narrativa hoje é rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. Pois, ao tomarmos conhecimento das notícias do mundo, os fatos sempre vêm acompanhados por uma explicação, e grande parte da arte narrativa consiste justamente em não tecer explicações:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim

se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 1985, p. 205).

Dito de outro modo, Benjamin acredita que experiência e narrativa são indissociáveis, onde uma constitui a outra. Desta forma, contar uma história é uma ocasião infundável, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (*Ibidem*, 1985, p. 37). Desta forma, a narrativa se reorganiza à medida que é narrada, ao contrário de ser uma lembrança concluída de uma experiência.

Vale ressaltar que a narrativa de uma experiência requer do ouvinte, no caso presente, o pesquisador, uma dimensão existencial da interpretação do que se ouve. “Esta interpretação não goza da liberdade que se espera de um juízo; ela é solicitada ao intérprete pela experiência que a obra lhe propicia (...); ela é uma exigência ao intérprete colocada pela sua própria experiência com a obra” (FIGUEIREDO, 1994, p. 20). De acordo com Dutra (2000), embora esta referência à interpretação feita pelo autor seja no contexto de uma clínica psicanalítica, entende-se que se assemelha ao significado da compreensão no tratamento e interpretação dados à narrativa como método de pesquisa, pelo fato da mesma se situar mais próxima de uma relação de intersubjetividade do que os métodos de uma pesquisa científica tradicional, sendo algo, inclusive, próprio da clínica.

Portanto, acredita-se que a disponibilização de um espaço para que estagiários de psicologia clínica possam comunicar sua experiência de aprendizes, pode ser um caminho possível para o que se almeja na presente pesquisa, além de este espaço se configurar também como promotor de experiência, o que caracteriza

esta pesquisa como uma pesquisa-ação ou pesquisa interventiva, como afirmado por Lévy (2001).

A seguir explicitaremos com mais clareza como imaginamos a configuração deste espaço e os passos dados para a preparação e realização da pesquisa em campo.

4.1 Como pensamos em realizar a pesquisa

Tendo sido explanado o modo como compreendemos a pesquisa, passo agora a contar como vislumbramos o caminho a ser percorrido, ou seja, que tipo de abordagem consideramos mais adequada para a aproximação da questão a ser investigada.

Considerando o público-alvo e a questão envolvida, pensamos que a realização de um grupo onde eles pudessem estar reunidos e compartilhando suas experiências era a melhor alternativa. A opção pela realização do encontro em grupo justifica-se por concordar com Morato e Schmidt [s.d., p. 2] quando afirmam, a partir de Benjamin (1985), que nos grupos

[...] a palavra circula democraticamente, retirando sua autoridade do fato do falante ser portador de algo que viveu, presenciou ou ouviu. [...] o grupo facilita a articulação de conteúdos afetivos e cognitivos numa composição que contempla a pluralidade de registros própria da narrativa, através da possibilidade de trânsito ou passagem por diferentes registros de linguagem na captação do vivido.

Dessa forma, o grupo seria um contexto situado, onde eles estariam literalmente sendo-no-mundo-com-outros.

O primeiro critério para a constituição do grupo foi a exemplaridade. Pensamos em quem formaria o grupo, de modo que a questão pudesse ser contemplada, sob a perspectiva da qualidade e não da quantidade. Deste modo,

ponderamos que o grupo seria constituído por estagiários que estivessem se submetendo a supervisões diferenciadas e que se disponibilizassem a participar voluntariamente. A intenção era de ter como participantes estagiários de supervisores diferentes, mesmo que seguissem a mesma linha teórica de outro supervisor, pois se sabe que cada supervisor tem sua interpretação do que seja supervisão, o que torna diferenciada cada prática não apenas pela linha teórica, mas também pelo profissional em questão. Pensou-se, então, em formar o grupo tendo a participação de um estagiário de cada supervisor.

Outro pré-requisito para participar da pesquisa foi que os estagiários já tivessem se iniciado na prática clínica e se submetido à supervisão de seus atendimentos, por acreditarmos que a prática clínica abre espaço para uma maior implicação com o “fazer” e que a supervisão é um contexto onde o estagiário pode olhar para este fazer e se dar conta do que foi feito.

Estando claros os critérios para a participação no grupo, pensou-se em quais seriam as instituições visitadas para convidar os estagiários a tomarem parte da pesquisa. Resolvemos, então, que o convite seria efetuado em duas instituições de ensino superior localizadas em João Pessoa - PB, a saber, a Universidade Federal da Paraíba /UFPB e o Centro Universitário de João Pessoa /UNIPÊ. Consideramos importante que houvesse a participação de estagiários de diferentes instituições pela possibilidade de trazer ao grupo pessoas que se situassem em contextos diferentes, para que pudéssemos olhar para o processo de tornar-se psicólogo clínico de forma mais abrangente, não restringindo a um só “tipo” de formação, já que cada estabelecimento tem suas particularidades. A opção pelas referidas instituições justifica-se pela facilidade de acesso a ambas, e, conseqüentemente, aos contatos a serem efetuados.

A colheita das narrativas seria realizada em dois momentos. No primeiro, seria realizado o grupo que se iniciaria pela seguinte pergunta disparadora: **Vocês poderiam me contar como é que está sendo essa experiência de vocês de estarem se tornando psicólogos clínicos a partir de agora que vocês estão efetivamente na prática clínica?** No segundo momento, seria realizada uma entrevista individual com cada um dos participantes, oferecendo-lhes, assim, a oportunidade de acrescentar ou modificar algo dito por eles no grupo. Esse momento se caracteriza como a possibilidade de autenticação daquilo que foi construído no grupo, podendo constituir-se como oportunidade para pensar o coletivo e expressar o singular.

Optamos por registrar as comunicações, tanto as ocorridas no grupo como nas entrevistas individuais, em áudio para que assim ficássemos mais próximos da experiência tal como ela foi contada pela pessoa que a vivenciou.

4.2 Como ela realmente aconteceu

Seguindo os vestígios deixados pela questão, fomos nos guiando para onde achamos que chegaríamos mais perto do fenômeno a ser compreendido. Porém, nem sempre o caminho que vislumbramos a frente é exatamente como imaginamos. É caminhando, passando efetivamente pelo que antes era apenas horizonte, que podemos perceber o terreno, nos surpreender com novas paisagens, e até mesmo com novos desafios. E foi assim, passando pelo caminho, que fui agindo e criando, no intuito da questão deixar de ser apenas questão. Tendo em mãos o “roteiro prescrito”, o fui colocando em prática e me adaptando às novas situações que foram surgindo.

Como o público-alvo em questão estava inserido em instituições, meu primeiro passo foi pedir autorização no setor onde eu realizaria a pesquisa, ou seja, na Clínica-Escola de Psicologia de ambas. Tendo obtido a autorização, busquei a melhor estratégia para entrar em contato com os estagiários. Pensei, então, que seria melhor conversar com os supervisores de cada instituição, no intuito de pedir que eles permitissem que eu fizesse o convite aos estagiários no horário da supervisão, no qual estariam todos reunidos.

Com esta estratégia em mente, me dirigi primeiramente à UFPB e investiguei quais os supervisores que tinham naquele período estagiários que já estavam realizando atendimentos clínicos. Obtive a informação de que eram quatro supervisoras. Destas, duas tinham como referencial teórico a Abordagem Centrada na Pessoa e supervisionavam o atendimento clínico a adultos; as duas restantes, uma tinha como referência o humanismo e a outra a Psicanálise, sendo ambas supervisoras de atendimento ao público infantil.

Segui minha estratégia inicial, e, ao conseguir autorização das supervisoras, fui adentrando nos espaços de supervisão e convidando os estagiários para a pesquisa, explicando que só poderia haver a participação de apenas um estagiário de cada grupo. Eles próprios decidiram quem iria participar. Como eu pressupunha que haveria choque de horários entre os estagiários para a realização do grupo, principalmente porque eu ainda ia entrar em contato com os estagiários do UNIPÊ, resolvi, então, pegar telefones para comunicação, com a finalidade de posteriormente marcarmos o dia e horário da realização do grupo.

Parti, então, em direção ao UNIPÊ no intuito de seguir os mesmos procedimentos. Obtive a informação que assim como na UFPB, também havia quatro supervisores, que supervisionavam sob a perspectiva dos seguintes

referenciais teóricos: Terapia Cognitivo Comportamental, Abordagem Centrada na Pessoa, Psicanálise, Abordagem Familiar Sistêmica. Com exceção desta última, que atende apenas à família como um todo, todas as outras abordagens servem como referência para o atendimento a crianças e adultos.

Ao tentar entrar em contato com os supervisores para convidar os estagiários, a coordenadora da clínica me sugeriu que eu viesse no horário de uma disciplina obrigatória para todos os estagiários da clínica que estavam no último semestre, na qual todos estariam reunidos. Aceitei a sugestão e fiz o convite aos estagiários, seguindo o mesmo procedimento da UFPB, obtendo telefones de contato, para posteriormente marcarmos o dia e horário para a realização do grupo.

A partir deste momento foi que comecei a me deparar com as irregularidades do terreno no caminho percorrido. Ao entrar em contato com os estagiários voluntários, percebi o quanto era difícil encontrar um dia, horário e local em que todos estivessem de acordo. Os próprios estagiários ao concordarem em participar da pesquisa colocaram como condição que a participação não deveria atrapalhar suas atividades de estágio. Além disso, por se tratar de instituições diferentes, as dinâmicas de horário eram também bastante diferenciadas. Após aproximadamente um mês de negociação, cheguei à conclusão de que a melhor alternativa seria a realização de dois grupos separados, tendo como participantes os quatro voluntários de cada instituição. Neste momento tive que me adaptar à situação, abrindo mão da idéia inicial de realizar apenas um grupo.

Comunicada a decisão aos voluntários, que não demonstraram objeção, conseguimos finalmente marcar a data para a realização do encontro em grupo. Concordei com a sugestão de alguns dos voluntários de que o mesmo acontecesse

nas próprias instituições, pela facilidade de acesso a todos. Vale ressaltar que obtivemos a autorização verbal para a utilização do espaço.

O primeiro grupo a se encontrar contou com a participação dos quatro estagiários do UNIPÊ, motivo pelo qual no referiremos ao mesmo como Grupo Um. O dia, horário e local (uma sala de aula que não estaria sendo utilizada, dentro da própria instituição) foram marcados a partir da sugestão dos próprios participantes. O grupo durou cerca de uma hora, sendo a discussão bastante produtiva, mostrando que um segundo encontro em grupo com estes participantes não seria necessário.

O encontro com o grupo composto pelos voluntários da UFPB (Grupo Dois) teve a sua primeira tentativa frustrada. No dia do encontro, uma das participantes avisou que não poderia estar presente. Por este motivo, considerei que seria melhor marcar uma outra data, para que o critério de exemplaridade fosse cumprido. Na segunda tentativa, conseguimos realizar o grupo, contando com a participação das quatro estagiárias voluntárias na pesquisa. Ocorreu na própria Clínica de Psicologia da instituição, em dia e horário sugeridos pelas participantes. A discussão durou cerca de duas horas, sendo bastante proveitosa e suficiente para o cumprimento dos objetivos do estudo, não sendo necessário um segundo encontro em grupo.

Vale ressaltar que em ambos os grupos solicitei a autorização verbal e por escrito para a utilização do que fosse narrado e para a gravação em áudio das discussões.

Após terem ocorrido os grupos, as discussões foram transcritas e posteriormente as narrativas foram lapidadas para que a comunicação do sentido fosse facilitada, processo chamado *literalização*.

Com as discussões transformadas em texto, busquei então, autenticá-las através da entrevista individual com cada um dos oito participantes, que aconteceu

de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um. A autenticação é feita pelo oferecimento ao participante da oportunidade de adicionar ou retificar algo em sua fala, através da seguinte pergunta: **Com relação à discussão sobre a sua formação em psicologia Clínica, você tem algo a acrescentar ou corrigir?**

Cada participante reagiu de forma diferente ao entrar em contato com o texto. Alguns se ativeram mais aos trechos de suas falas, outros leram na íntegra. Porém todos demonstraram a surpresa de se reconhecer verdadeiramente naquele texto escrito.

Vale destacar que durante todos os momentos da pesquisa de campo, seja nos grupos ou nas entrevistas individuais, permiti-me incluir naquele grupo também como participante, demonstrando minhas afetações e minha compreensão do que estava sendo dito.

Outrossim, olhando a pesquisa como uma ação clínica e não como algo objetivado, percebo que faz parte do meu papel de pesquisadora não dirigir as comunicações para um lugar premeditado, e sim deixar que as experiências de outros emergjam e se desvelem, para que então possam unir-se às minhas experiências, e que por fim o caminho percorrido contenha várias pegadas além das minhas.

A seguir, torno evidente como a questão foi posta em ação. Mostro, então, as discussões que ocorreram nos dois grupos na íntegra, havendo momentos em que me posicionei fazendo articulações e questionamentos. Nesse sentido, a interpretação foi sendo feita a partir do engendramento entre a narrativa da experiência dos participantes e da minha afetação ao entrar em contato com as mesmas.

Ressalto a característica circular do meu modo de interpretar nesta pesquisa, pois não ajustei o meu pensamento a procedimentos que seguissem uma direção em linha reta que ao avançar me levaria a algum lugar. Assim sendo, não pretendo que minha interpretação sirva para responder ou explicar a questão que me interpela; ao contrário, ela serve como abertura para novas questões, que por sua vez abrirão caminho para o surgimento de outras, provocando um engendramento contínuo.

Transitei livremente entre as narrativas... Misturei-as à minhas... Rompi com a imparcialidade pesquisador/pesquisado experimentando a minha existência ambígua. Ponho-me então a caminho, agora tendo a companhia de outros que se arriscaram a ingressar comigo nesta viagem. A jornada segue...

5. UMA INTERPRETAÇÃO OU O “LUGAR MESTIÇO”¹

No meio da janela que atravessa, o corpo sabe que passou para fora, que acaba de entrar em outro mundo (...) Aqui parece acabar a aventura, quando a viagem atinge um estádio; mestiço incluso certamente, uma vez que aqui alguma coisa termina e não termina ao mesmo tempo.

Michel Serres

Parto agora para revelar os depoimentos que foram colhidos a partir das discussões ocorridas nos dois grupos. Acredito ser pertinente mostrá-las tal como ocorreram, pois me parece que assim mostro também para o leitor como fui atravessada pelas experiências trocadas e como pude me marcar nesta amálgama entre pesquisador/pesquisado, assim como o Arlequim ao qual Serres (1993, p. 01) faz referência na introdução de sua obra *Filosofia Mestiça*, o qual após fazer uma inspeção por terras lunares, retorna tão mestiçado que não percebe as marcas deixadas pelas experiências as quais passou. O Arlequim e suas experiências fundem-se de tal maneira que ele não compreende a diferença das terras lunares para o nosso planeta: “(...) em toda parte tudo é como aqui, em tudo idêntico ao que se pode ver comumente no globo terráqueo”.

Apesar da mestiçagem que por vezes me faz acreditar que nada mudou para mim, neste capítulo procurei explicitar as marcas que pude reconhecer. Portanto, apresento os depoimentos em sua narratividade própria, fazendo uma mescla com minhas interrogações, inquietações e interpretações possíveis.

Apresento os dois grupos separadamente, da mesma forma como ocorreram. Para a escolha de qual grupo apresentaria primeiro, segui a ordem cronológica de

¹ Serres (1993) utiliza o termo “lugar mestiço” para indicar o lugar das misturas, das intercessões, enfim, das mestiçagens.

acontecimento dos mesmos. Vale lembrar que os nomes dos participantes foram trocados para proteção de suas identidades.

Para que o leitor possa compreender a leitura que se segue, fiz uma pequena legenda que indica os momentos em que apresento minhas interrogações e interpretações e também os trechos das entrevistas individuais que incluí nos relatos ocorridos em grupo, pois no momento da autenticação por vezes surgiram depoimentos que traziam à tona questões importantes relativas a determinadas temáticas colocadas nos grupos.

LEGENDA:

Trechos em itálico e negrito: interrogações e interpretações feitas pela pesquisadora

Trechos sublinhados: Segmentos extraídos das entrevistas individuais

P.: Pesquisadora

5.1 GRUPO UM

P.: Resumidamente... O objetivo da minha pesquisa... Eu to com uma preocupação com relação à formação do psicólogo clínico, à formação de um modo geral. Eu escolhi, mais pelo rigor científico mesmo, fazer com uma pessoa de cada abordagem porque talvez tenham diferentes visões acerca da sua própria formação. Então, é um relato pessoal mesmo... Vou fazer só uma pergunta inicial... Eu gostaria de saber se vocês poderiam me contar como é que está sendo essa experiência de vocês de estarem se tornando psicólogos clínicos a partir de agora que vocês estão efetivamente na prática... Na prática clínica. Como é que a partir de agora, que vocês estão na prática e estão efetivamente se tornando psicólogos, vocês percebem a formação de vocês?

Késia- Eu penso o seguinte: que a prática já deveria ter começado a mais tempo... Muitas vezes eu chego na sala e até brinco assim: "tudo que sei é que nada sei"... Porque lidar com pessoas é uma responsabilidade muito grande... Por isso a prática ser feita dentro da clínica há mais tempo... "Ah, mas tem estágio... tem isso... tem aquilo..." Mas eu acredito que... No caso, a gente tem a formação de um ano... Esse um ano, ao invés de ser dada só uma teoria o semestre inteiro, a gente

podia já estar praticando também desde o semestre passado... Então, é muito bom estar vivenciando a prática clínica, infelizmente agora, literalmente no final do curso... Onde a gente poderia estar explorando só mais isso... Mas não. Tem monografia, tem isso e aquilo, tem n coisas pra fazer... Mas é muito gratificante e eu to gostando muito... To aprendendo muito... Só o que tenho a reclamar realmente é isso: é o tempo... É algumas matérias que não deveriam estar sendo realizadas agora, mas estão.

O que será que Késia quis dizer ao utilizar a famosa frase do pensador Sócrates “Só sei que nada sei”? A prática estaria possibilitando a ressignificação de seus conhecimentos anteriores? Como é essa responsabilidade à qual Késia se refere?

Apesar de considerar este período de prática supervisionada “gratificante”, Késia acha que poderia estar a mais tempo praticando e dedicando-se integralmente à esta prática, não tendo que dividi-la com outras atividades. Porém, no momento de sua entrevista individual, Késia faz uma reflexão:

Késia: A única coisa que eu tenho pra acrescentar... É quando eu falo assim: “a prática já deveria ter começado a mais tempo”. Mas agora eu me pergunto: “será que se a prática tivesse começado mais cedo eu estaria preparada?”. Somente... Só pra deixar essa pergunta no ar. Será que se tivesse há mais tempo... Mas não deixa de ser uma coisa que poderia ser testado pra ver se a gente tem capacidade... Em um ano antes, quando a gente já começa no nono período da formação, se a gente já tem essa capacidade. Acho que só tentando pra que haja isso... Somente... Será que essa prática deveria começar mais cedo?

Késia parece refletir sobre sua própria sugestão, de prolongar o tempo dedicado à prática. Algo mudou para que Késia repensasse sua sugestão? Mas ao mesmo tempo, ela afirma que “só testando” é que se pode realmente saber quais as repercussões provocadas pelo aumento do tempo dedicado à prática no estágio supervisionado.

P.- Que tipo de matéria?

Késia- No caso, é a Psicologia do Excepcional, que é uma matéria muito interessante... Mas eu acho que agora a gente ta com a cabeça voltada pra clínica e pra monografia... Então eu acho que só deveria ser essas duas coisas... E não excepcional... Poderia até ter sido colocado no semestre passado, que havia dias que a gente nem aula tinha... E já que a aula dela é só num dia, porque não dar um jeito nesse horário, e colocar a matéria dela primeiro... Porque tinha dias que a gente não tinha aulas, ou não tinha as duas últimas aulas, enfim... Eu to gostando muito, mas eu acho que ainda falta um pouco mais de prática... Mais tempo... Ao invés de ser só seis meses, você já poderia a um ano estar aqui, e não só seis meses... Hipoteticamente... Porque na verdade são quatro, cinco meses... Pelo

menos no meu caso, que eu vou embora... Ta sendo muito gratificante... Mas ainda é muito pouco pro que a gente realmente quer, vislumbra e precisa.

Ao afirmar a presença no currículo da referida disciplina, Késia nos dá um sinal para uma desestruturação neste curso de psicologia? Qual seria a intenção de ter no último período uma disciplina obrigatória para estagiários da área clínica que é voltada para lidar com “excepcionais”?

Seria o tempo de prática suficiente para a formação em psicologia clínica? Mesmo com a reflexão de estender o tempo dedicado à prática, Késia ainda permanece com a visão de uma formação cindida: primeiro a teoria, depois a prática. Será que não deveria haver mudanças mais profundas na estrutura do curso, colocando práticas desde o início, como fazendo parte de toda a formação? Isso provocaria uma construção do saber engendrado com a experiência?

Diva- Enfatizando mais a questão da experiência e teoria, eu acho que no período passado, foi muito conturbado... Porque na verdade a gente viu todas as áreas, todas as abordagens e a gente teve que num período de quatro ou cinco meses, definir realmente a área que a gente vai seguir... Na parte teórica... Acho que foi muito pouco tempo... Acho que deveria vir explorando já essa questão muito antes... Acredito que um ano mais ou menos... Pra ver realmente o que se trata a área clínica... O que se trata a área organizacional... Ver cada abordagem mais detalhadamente... E a parte prática... Eu acredito também que muito pouco tempo... E quando a gente depara... Pelo menos comigo foi assim... E na supervisão de ACP também... Quando a gente discutiu cada um... Depois do primeiro atendimento... A gente teve a mesma impressão: que muito pouco o que a gente sabe teoricamente... Então a vontade que a gente tem de recuperar o tempo perdido... De ler mais... De se dedicar a cada caso realmente como se deve ser... Nessa carência que a gente sente... Carência de parte teórica... Carência de teoria e pouco tempo de experiência também... Acho que deveria se ver, reavaliar todo programa... Passar um ano pra saber realmente o que você quer... Ver cada área, cada abordagem muito bem detalhado, porque muito pouco tempo pra você escolher, pra você começar. Isso a unanimidade! Se você for questionar cada um, todos dizem a mesma coisa.

Diva já nos aponta um outro aspecto: a insuficiência de tempo para aprofundamento teórico, visto que na primeira parte do estágio, os alunos estudam acerca de vários campos da atuação do psicólogo, como clínica e organizacional, por exemplo. Ao final deste período, os alunos escolhem em qual área e sob que perspectiva teórica querem fazer o estágio, tendo mais um período de seis meses para a prática. Diva afirma que o período que antecedeu a prática foi muito conturbado. Nos parece que neste referido período são passadas muitas informações para os alunos, sobre várias áreas e perspectivas teóricas e que esse “excesso” dificulta inclusive a escolha por qual área estagiar.

Outrossim, Diva afirma a sua sensação de carência tanto de teoria quanto de prática. Recordo-me agora de Figueiredo (2004), quando afirma que as instituições formativas deveriam elaborar um “currículo suficientemente bom” para que suscite o desejo de busca nos alunos. Seria literalmente “deixar a desejar”. Porém, será que Diva está falando deste tipo de desejo? Ou seria mesmo uma insuficiência curricular? Além disso, Diva afirma que a sensação de carência é unânime entre seus colegas.

P.- Então, Késia falou que a prática já poderia ter sido antes. Mas tu também já estás acrescentando que também a teoria específica poderia também ter sido dada antes.

Diva- Tamb驚... Tamb驚... Como eu falei, a gente tenta recuperar o tempo perdido e no processo que a gente ta, de atender, de est疊io, de disciplina, fica dif糰il... Mas muito gratificante estar atendendo... / uma experi糰cia realmente muito diferente do que a gente vê... N糰 tem nada que chegue t糰 perto, que a gente possa experienciar quando a gente ta lá... Eu acredito que tanto teoria quanto pr糰tica tem que ser revisto.

Além de Diva reafirmar que uma mudança mais ampla tem que ser feita no curso, ela diz algo com relação a este período de prática que chama minha atenção: “É uma experiência realmente muito diferente do que a gente vê... Não tem nada que chegue tão perto, que a gente possa experienciar quando a gente ta lá...” Diva parece dizer que a experiência clínica é algo muito diferente do que se vê nos livros. Talvez ela esteja querendo dizer que só através de “praticar a prática” é que se pode compreendê-la significativamente. Teria o saber/fazer de Diva dado lugar ao seu fazer/saber a partir de sua experiência na prática clínica? A prática estaria sendo uma via de aprendizagem significativa?

Rui- Bem, eu vou abordar um ângulo mais audacioso. Quanto à experiência da prática clínica em psicologia, eu tenho uma opinião diversificada, porque é a expectativa de toda uma vida... Então isso aí toca com uma emocionalidade que há muito tempo estão reservadas pra esse momento... Então é um momento de euforia... Mas a razão me leva a analisar o curso de duas maneiras: acho que ele tem um problema de estruturação e de aproveitamento... Não é nem tanto o tempo que a gente passa aqui... Porque esses cinco anos são suficientes... Mas esses cinco anos são mal aproveitados... Nós cansamos de chegar aqui e não ter aula... Nós cansamos de chegar pra aula, e a aula se desenrolar em conversas paralelas e em coisas que não tinham nada a ver com a matéria... Então esse tipo de aproveitamento acho que é falho... É muito falho... Se nós contarmos o número de horas de aula que a gente teve efetivamente, são muito poucos... Pra que a gente possa ter um cabedal de teorizações que nos desse condições de nos sentirmos pelo menos seguro pra função que a gente se preparou... Então esse é um problema de aproveitamento... E um outro problema que eu acho é um problema de estruturação... O curso... Muito embora, eu tenha

notícias através de coordenação, ele tá sendo modificado... Mas a estruturação dele tá mal feita... Nós temos no oitavo período matérias que eram pra ter no terceiro ou no quarto, ocupando dois dias por semana! Quer dizer: quatro aulas de uma mesma matéria que pra clínica não tem nada a ver... Problema do ensino... pra quem vai ficar na academia... Pra lecionar ou coisa assim... Agora mesmo nós estamos com pacientes crianças com problemas de deficiência... E no décimo período nós estamos dando uma cadeira que é a psicologia do excepcional, ou melhor, crianças que têm necessidades especiais. É até um paradoxo isso! Como é que eu vou estar atendendo uma criança se eu ainda não fiz a cadeira? Então acho que existem dois grandes problemas no curso: de aproveitamento e de estruturação... Embora a estruturação... Dizem que já tá sendo remanejado... Mas o que eu mais senti mesmo foi o problema do aproveitamento... A gente chega pra uma hora de aula que são cinquenta minutos e você não tem quinze minutos de aula... Com raras exceções... Tem professores que realmente dão aula... Que não permitem conversa paralela... Que exige... Mas são poucos, são raríssimos... O resto são laissez-faire... Deixa correr o trem como der: "Eu dei a minha aula, registrei, até logo..." Isso aí se reflete na nossa ansiedade... Você viu aí nela... E em mim também existe essa ansiedade... De a gente se preparar uma vida inteira pra alcançar esse início... Porque nós estamos iniciando... E sentir que faltou alguma coisa... Que a nossa bagagem não tá completa... E que isso realmente só irá se completar com os problemas que nós vamos enfrentar já no mercado de trabalho.

De acordo com Rui, não há falha apenas na estruturação do currículo, mas também na maneira como esse currículo é cumprido. Afirma que gostaria que houvesse uma maior implicação dos professores, para que ele pudesse sentir-se "pelo menos seguro" para a função de psicólogo. Será que era a isso também que Késia e Diva antes se referiram, à segurança? A falha no aprofundamento teórico gera insegurança nos alunos? Será que cabe à teoria o cumprimento deste papel? Ou seria mais uma carência de atenção e cuidado por parte dos professores?

Por fim, Rui parece antecipar que as lacunas deixadas no curso só serão completadas já no mercado profissional, com o tempo da prática. Ele parece nos dizer que agora que está finalizando o curso, percebe que poderia ter aprendido mais.

P.- É no mercado que tu pretende encontrar essa segurança?

Rui- São duas carências que eu sinto muito... De aproveitamento e de estruturação.

P.- E com relação à prática... Quando vocês começaram mesmo a atender... Como é que foi essa experiência?

Késia- Pra mim foi interessante... Foi estimulante... Eu fiquei muito feliz... Me senti muito realizada. Observei que tava todo mundo com um ar assim... Vou até brincar, de doutor mesmo. Todo mundo com muito boa vontade... Isso eu vi no primeiro dia que eu vim atender, logo que eu fui liberada... Em vez de tomar conta de mim uma insegurança, uma euforia, não... Era uma ansiedade boa... Uma boa vontade pro que eu tava fazendo... Uma força de vontade muito grande... Uma coisa muito boa... E vi isso aqui também com estagiários que já estavam liberados. Eu me senti muito bem... No meu primeiro atendimento eu me senti muito bem. Eu olhei assim pra o rosto da cliente e pensei: "Meu Deus, que massa..." Que coisa boa! É muito bom! Eu me senti muito bem... E o clima do dia até agora tem sido muito bom. Muitas das pessoas estão ali porque querem estar ali... De todos, eu só tiro um ou dois que não estão nem ai... Não... Minto... Mais ou menos cinco. Mas o resto... Tava todo mundo muito sagaz... Ta muito bom.

Ao ser questionada sobre como foi a experiência de se iniciar na prática clínica, Késia nos fala da alegria que sentiu ao atender pela primeira vez. Em sua primeira fala, Késia nos contou sua insatisfação acerca do tempo dedicado à prática, e de como a prática é uma via de resignificação. Agora ela nos conta a alegria que está sendo vivenciar este momento. Parece que há uma mistura de sentimentos.

Diva- Eu acho que tem uma mistura de tudo... Em relação a essa ansiedade que normal... Que algo novo pra gente... E o que eu pude refletir depois do atendimento realmente essa questão... De saber que o que eu sei at agora muito pouco... Que um processo contínuo realmente... Voc tem que explorar mais... Tem que estudar... E isso tem que partir de voc Foi uma das reflexões que eu tirei... Tô tirando também... Que realmente esse interesse... Essa questão de estar sempre se atualizando tem que partir de voc .. Realmente universidade nenhuma vai poder suprir essa questão. E foi realmente gratificante... A sensação de se sentir realizada... De saber que realmente aquilo que voc quer... E como at Késia acrescentou, interessante também não é ver o seu crescimento... Que na verdade, a gente ta crescendo... Ta amadurecendo... Ver também os demais. Então muito gratificante ver isso.

Ao relatar sobre sua experiência com a prática clínica, Diva volta para a questão da carência que sente. Teria a prática servido como um momento para testar sua formação? Ela parece ter compreendido que é um "processo contínuo"; que a busca por um aperfeiçoamento não se esgota com o término do curso. Ela coloca ainda que "universidade nenhuma vai poder suprir essa questão", trazendo a responsabilidade para si. Pergunto-me, então: Qual seria o limite das responsabilidades da instituição e do aluno? Até onde a universidade poderia ou deveria suprir esta carência?

Diva demonstra emoção ao relatar a sua sensação de estar no lugar certo e de poder estar compartilhando essa experiência com outros. Teria a prática clínica, em sua experiência, dado uma direção?

Nesse momento Máisa chega. Senta-se. A cumprimento e faço um gesto pra ela esperar, porque Rui já estava começando a relatar sua experiência.

Rui- Em relação à expectativa do atendimento e à emocionalidade de estar atendendo... De estar ali como um profissional da área de saúde... Não dá pra se traduzir em palavras... É uma coisa muito particular de cada um... Eu acredito que é uma sensação de vitória... De gratitude... Enfim, de uma série de coisas que a gente passou durante a vida pra chegar até aqui... Naquele momento, a gente se sente como se tivesse vencido todos os obstáculos... Mas eu volto a insistir que a gente tá começando... Eu sou uma pessoa que já tenho uma certa experiência de vida e tenho bastante prática em palestras, em dar aulas... E eu faço terapia há bastante tempo... Então isso me deu uma certa tranqüilidade para que eu chegasse até ali... Eu não estava ainda liberado e já tinha três pacientes... Por indicação da chefe da clínica... De professores... "Pede pra que Rui atenda ele". Então isso já tem uma gratificação a mais... Um reconhecimento a mais... Uma confiança a mais... Isso além de aumentar a certeza por aquilo que você quer, aumenta também a responsabilidade por aquilo que você faz. E eu acho o seguinte... A única coisa que... Sensação que me causou... Depois que eu comecei a atender foi a seguinte: foi eu ter reconhecido que eu não posso resolver os problemas dos outros. Que mesmo o paciente que chega pra mim... Mesmo com toda essa boa vontade... Com toda essa preparação... Eu sou impotente muitas vezes pra resolver todas as questões... Isso aí me deu uma certa frustração... Eu saber que o paciente tá aqui... E eu saber que eu estudei tanto... Eu me preparei tanto... E eu não posso ajudar... O que eu vou poder ajudar... Isso aí realmente me causou uma certa frustração... Mas ao mesmo tempo... Elaborando emoções e sentimentos... Eu pego isso como uma razão de força pra que eu estude cada vez mais pra que essa frustração se torne cada vez menos.

De que maneira o fato de ter uma "certa experiência de vida", de ter prática em ministrar aulas e palestras e de fazer terapia há bastante tempo ajudam Rui a se sentir mais tranqüilo para se iniciar em sua prática clínica? Estaria Rui falando sem perceber de seu conhecimento tácito? Estas experiências parecem servir como indícios subsidiários (POLANYI, 1958) que configuram algo maior. Além disso, Rui parece transmitir de alguma maneira esta tranqüilidade para as pessoas, pois antes mesmo de obter a liberação ele já tinha três pacientes.

Posteriormente Rui afirma ter mudado sua percepção acerca do seu papel após ter se iniciado na prática clínica. Antes ele acreditava que poderia "resolver os problemas dos outros". Como foi que se deu a construção do tornar-se psicólogo de Rui? Temos aqui algo que, ao meu ver, merece ser interrogado. À primeira vista, senti que na percepção de Rui estava implícita a idéia da eficácia. Ou melhor, não sei ao certo se "estava", pois mesmo afirmando ter descoberto que não resolveria o problema dos outros, Rui diz-se

se sentir frustrado com isso. Então talvez a idéia da eficácia ainda se apresente, mesmo que de outra forma. Até porque em seguida ele afirma que essa descoberta serve como estímulo para estudar mais, no intuito de diminuir essa frustração. Estaria Rui ainda com a idéia de “resolver o problema dos outros”? Questiono-me se seria esse o seu papel enquanto psicólogo clínico. Cabe a nós essa resolução? Qual seria nossa função? De que tipo de resolução Rui está falando?

P.- Maísa, a gente ta conversando aqui sobre a formação de vocês, a formação do psicólogo clínico, e eu queria saber, que foi o que eu perguntei a todo mundo, como é que você experiencia sua formação, agora que você ta praticando...

Maísa- Tanto na parte teórica quanto na prática, não é isso?

P.- Sim...

Maísa- Eu escolhi a formação em sistêmica no período passado... Eu fiquei em dúvida se eu fazia organizacional ou sistêmica. Eu achei muito bom o período passado... Porque foi um respaldo bom pra gente poder escolher... Conhecer todas... E eu tinha parado um ano e meio... Que eu tive dois filhinhos... Um atrás do outro... Aí recomecei no P8, no P9 e agora no P10... Mas eu achei que esse período é um período de grandes descobertas... Apesar de no semestre passado a gente já saber que ia atender, é uma coisa nova... Muito boa... E até pensei assim... Que atender família... No meu caso... Pensei : “Meu Deus, será que vai ser complicado? Porque a gente não vai atender uma pessoa só... vai ser a família lá... como será?”. Mas eu achei que escolhi a abordagem certa... Que quando eu atendo a família, eu me sinto mais à vontade em questionar... Em trabalhar a família de forma circular... Em não estar ali só com um paciente... Quando eu tive a opção de chamar uma pessoa da família pra atender, eu também gostei... Mas eu disse a minha supervisora que eu acho tão bom quando a gente atende a família... Que a gente vai escutando um... Ouvindo o que o outro tem pra dizer... Não fica naquele paciente identificado... Eu to adorando... E também a gente ta engatinhando, a gente tem que ler, ler... Quanto mais a gente estuda mais a gente sente que ta faltando... Pelo menos eu me sinto assim... No momento que a gente acha que tem que buscar leitura, principalmente teórica... De acordo com o caso que a gente ta pegando... Subsídios pra colocar aquele caso pra dar um andamento, dar uma continuidade... Como ele ta dizendo... Que a gente resolva. Tem que resolver... E não estar ali por estar.

Maísa chega atrasada na discussão e tenta se inteirar do que está sendo relatado pelos colegas.

Nos conta que por ter ficado afastada do curso, o semestre anterior, o qual Diva anteriormente tinha qualificado como caótico, foi de grande valia por tê-la auxiliado a escolher a área e a abordagem que iria praticar, escolhendo a família como foco de trabalho. O fato de Maísa estar formando uma família em sua vida pessoal, serviu como um indício subsidiário que tacitamente

configura seus conhecimentos e que a faz escolher a família como seu público alvo?

Maísa apresenta uma perspectiva semelhante à de Rui, quando afirma que “tem que resolver”. Seria novamente a idéia da eficácia se fazendo presente? Ou seria mesmo o nosso papel enquanto psicólogos clínicos?

Que fatores influenciaram na configuração desta idéia em Rui e em Maísa? A instituição tem alguma responsabilidade nisso?

P. - Todos vocês falaram dessa questão da teoria não dar conta da prática. E aí? Quando vocês estão lá atendendo? E a pessoa diz qualquer coisa, um exemplo, uma coisa bem simples, a pessoa chega e diz “eu to tão triste que eu não consigo nem levantar da cama”. Simplesmente... E naquele momento só tem você e o cliente... Ou você e a família... A quê que vocês recorrem, quando vocês pensam: “não tem teoria que me explique o que fazer agora”?

Rui- Eu já tenho escutado na supervisão de colegas... e já aconteceu comigo também... que chega uma certa hora da terapia que diz: “e agora, o que é que eu faço?” Porque são questões... Mas a gente ta aprendendo... A gente ta sendo supervisionado e leva essas questões pra supervisão e ali a gente tem a orientação... Além do mais, eu acho que pra se enfrentar isso aí você tem que estudar muito... tem que ler muito... Uma coisa extremamente importante pra nós, pra esse período nosso, é casos clínicos. Ler 200, 300 casos clínicos e tentar resolvê-los... Porque isso ai vai ter dar um cabedal de conhecimento que vai chegar às suas questões... Mas isso ai que você falou... Essa situação... Ela vai acontecer durante todo... Mesmo quando a gente tiver dez, doze anos de prática no consultório, vai chegar um paciente que tu vai dizer: “e agora?”. Mas ai vai muito da maleabilidade do profissional... Não deixar nada em aberto e poder atender... Quando ele não consegue fazer uma psicoterapia, ele faz uma terapia. Ele vai falar não como psicoterapeuta... Mas como amigo... Como conselheiro... E não deixar ele levar essa questão pra uma outra sessão. Então ele vai falar... Ele vai escutar... Ele vai ter uma supervisão... Vai perguntar... E na próxima, ele vai dar uma continuidade àquele tipo de problema. Eu acredito que seja assim...

Rui parece, a princípio, justificar o lugar da incerteza típico da prática com o fato de ainda estar aprendendo, como se fosse um “porto seguro”. Posteriormente afirma que o estudo e a resolução de vários casos clínicos são ótimos subsídios para enfrentar esse “não-saber”. De que forma isso aconteceria?

Porém, em seguida Rui parece compreender que a incerteza será um aspecto presente durante todo o percurso profissional, dando a entender que este é um processo que se encaminha com a experiência. Mas mesmo assim, ao final de sua fala, Rui ainda tenta mostrar uma solução para uma situação em que seja surpreendido, afirmando que vai depender da “maleabilidade” do profissional.

P.- E vocês... Quando na “hora h” a teoria não dá conta da prática?

Maísa- Eu penso assim... Que quando a gente vai pra supervisora... Que a gente vê que deixou escapar alguma coisa... Até porque é como a gente tava dizendo... É um aprendizado. E a gente só vai crescendo praticando... Tem até a teoria... Mas às vezes você por não ter a prática... Ai você pensa: “ai, eu deixei passar isso...” Às vezes você até só percebe depois da sessão... Então acho que você leva pro supervisor... E ele tem as dicas... E a gente tem o insight... E a gente vai crescendo... Não adianta se desesperar... E ir resolvendo cada coisa no seu momento... E não se desestimular com isso... Procurar ler mais... Tentar sempre solucionar... Apesar de ter tido aquela falha... Mas você continuar...

Maísa parece ter a compreensão de que prática, teoria e supervisão são fatores inseparáveis que se articulam mutuamente. E novamente apresenta a necessidade de “tentar sempre solucionar”. Como se dá a construção do tornar-se psicóloga de Maísa? Apoiada num modo de estar no mundo em que as coisas têm que “funcionar”?

Rui- Tem um outro problema ai que é o seguinte: que a gente mesmo tendo estudado... A gente fica num impasse... É quando o paciente traz problemas que vêm de encontro a tua subjetividade. Tem problema que você transfere... Eu to atendendo... Eu to fazendo plantão no projeto Sentinela... O projeto Sentinela são vítimas de abuso sexual. Você vê cada coisa lá... Eu mesmo, quando me defrontei na prática com caso de criança de quatro anos estuprada... A secretária até diz: “doutor, pode entrar o próximo paciente?” E eu digo “não, peraí um pouquinho...”. Porque eu tava completamente desorganizado! Então são essas questões que vão surgir sempre... Às vezes a subjetividade do paciente está implicitamente ligada à tua subjetividade... Aí como é que você transfere... contratransfere... Mas são coisas que eu acho que só a prática vai fazer com que a gente possa elaborar essas questões. Agora a gente ta recém começando...

Rui traz uma outra questão a partir de sua experiência no atendimento à vítimas de abuso sexual: a afetação inerente ao trabalho clínico. Apresenta ainda um posicionamento correspondente à perspectiva teórica que escolheu, a psicanálise.

Ele coloca que a prática vai fazer com que ele “possa elaborar essas questões”, se referindo ao fato de estar apenas iniciando. Que significação Rui está dando para sua prática? Em que medida o tempo de prática auxilia na elaboração desta afetação à qual Rui se refere?

Recordo-me neste momento de Figueiredo (1993) quando afirma que quanto mais tempo de prática, mais as experiências vão interferindo no modo de cada um fazer a sua ação clínica, pois experiência pessoal e teoria mesclam-se de forma indissociável, tornando o conhecimento tácito o saber de ofício do psicólogo. Seria a isso que Rui estaria se referindo?

Diva- O que eu tava pensando tamb... / t... importante voc ter essa supervis... N... s agora... Porque existe supervis s mesmo quando... Porque s... quest s que a gente vai se deparar muito com elas... J aconteceu comigo, num dos primeiros atendimentos meus: 兎 agora, o que que eu fa...? E a gente tem que ter aquela quest... de investigar... De realmente n... tirar conclus s precipitadas do que voc vai falar... De investigar realmente a situa... Qual o problema daquela pessoa... E dif... Porque na verdade, na hora realmente voc fica perdido. Voc realmente n... sabe se melhor falar ou se calar... Mas a j entra uma quest... que bem pessoal, da minha abordagem... Que que voc tem que ser aut... naquele momento... Isso voc pode trazer pra qualquer abordagem que seja... E o que eu digo isso... / importante voc procurar supervis s ap o per... de est... j aut omo... Isso muito importante... A gente ter esse acompanhamento... Sempre que poss... claro.

Diva nos aponta para a importância da supervisão para uma melhor elaboração das incertezas da clínica.

Posteriormente, ela nos conta como age em situações nas quais se sente “perdida”, mostrando um posicionamento condizente com sua abordagem teórica. Ela nos traz, então, a questão da autenticidade, difundida pela ACP. Porém, Diva coloca de uma forma que me faz interrogar, quando ela afirma “você tem que ser autêntico naquele momento”. “Tem que”? A autenticidade seria uma abertura para se mostrar de forma mais genuína ao cliente, ou teria se tornado uma obrigação? Ou melhor, a autenticidade teria virado técnica? Teria se transformado na técnica que tem a função de nos fornecer os meios para atingir determinados fins?

Rui- Eu tenho o privilégio de ter duas supervisoras... Que eu tenho a minha supervisora de cadeira, que é da psicanálise... E tenho a minha orientadora de monografia, que eu fui monitor da cadeira dela durante um ano... E ai os problemas eu levo tudo pra ela... E-mail direto... E por telefone... Então, eu tenho o privilégio de ter duas supervisoras. Mas Dani colocou muito bem... Se você não tiver um bom analista pra você elaborar as suas questões e não tiver uma boa supervisão pra elaborar os problemas do paciente e os seus, que estão implícitos, ai você fatalmente você vai naufragar. Porque é como se a gente entrasse no oceano... Navegando no barco sem bússola, sem nada... Porque você vai se perder! O paciente vem com o mesmo diagnóstico de depressão, mas são completamente diferentes a sintomatologia e as questões.

Rui afirma ter o “privilégio” de ter duas supervisoras. Uma oficial, e uma não oficial. A sua supervisão oficial não dá conta de suas interrogações?

Nos traz também uma complementação do que Diva falou, que é a importância da análise ou psicoterapia. Estaria Rui falando em instrumentalização do profissional? Este autoconhecimento ao qual se refere, serve de recurso no atendimento a diferentes demandas? Ou ele estaria

falando das “regras” aprendidas para ser um bom profissional, sem ter essa noção de instrumentalização, já que estar em psicoterapia é pré-requisito para a obtenção da liberação para a prática clínica durante o estágio?

Késia- Eu até agora... Faço minha as palavras de Dani. Acho que você tem que ter autenticidade... Tem que ter um bom supervisor como Rui falou... Tem que buscar muito conhecimento, como Maísa falou... No caso, especificando a sua pergunta, você falou assim “vamos dar um exemplo”... A minha abordagem investigaria assim: o cliente traz que está com depressão... Ai eu na hora não sei o que fazer... A única coisa que eu teria... Fiquei pensando numa resposta... Porque deu tempo... Não seria na hora... Mas a minha abordagem diria assim: mas você poderia me falar um pouco mais... O que foi... Você saberia identificar o que foi que lhe levou a hoje chegar ao ponto de nem levantar da cama? Só pra dizer que eu falei alguma coisa... Depois de muito tempo... Mas realmente... Já aconteceu comigo... De chegar ao ponto de o cliente me dizer uma coisa e eu ficar literalmente buscando no meu arquivo na minha cabeça alguma coisa pra tapar aquela lacuna que fica... Porque realmente entra também a questão de a gente se deparar “ah e agora que eu tenho um certo conhecimento, eu já to aqui...” Mas eu tenho que saber que eu não posso resolver o problema do outro... Isso às vezes frustra mesmo... Acho que o principal de tudo isso, além da autenticidade, é ter a humildade de saber que você tá começando... De saber que você ainda precisa de muita prática... De muito puxão de orelha... Entre aspas... Do supervisor... Chegar e reconhecer que você precisa melhorar.

Késia demonstra uma certa preocupação em nos contar como faria o atendimento e de dar uma resposta ao exemplo anteriormente. Neste momento, me perguntei se Késia estaria participando do grupo apreensiva em mostrar os seus conhecimentos e habilidades. Ao afirmar “ah e agora que eu tenho um certo conhecimento, eu já to aqui...” Késia parece demonstrar que essa preocupação está presente também em seus atendimentos.

Ela, então, volta à questão trazida por Rui, da frustração em não poder resolver o problema do outro. Parece-me que esta é uma visão que permeia o grupo. Volto a perguntar: A clínica existe para a resolução de problemas? Se sim, cabe ao psicólogo clínico esta função? O que está sendo chamado de resolução?

P. - Vocês falaram de uma palavrinha que é muito utilizada na ACP, mas que outras abordagens também falam com outras palavras, que é essa questão da autenticidade. E assim, a autenticidade... Como é que vocês vêem essa questão de ser autêntico, de na hora ter que recorrer ao que você... Só tem você e ele ali. Tem que ser você naquela hora...

Rui - Acho que se o camarada não for autêntico ele é desonesto. E se você for um profissional desonesto... Pronto, acabou! Então autenticidade está relacionada à honestidade. Você pode até chegar pra um paciente e dizer: “olha, no

momento, não me ocorre nada para que eu possa responder ou satisfazer suas questões. Mas eu lhe prometo que na próxima eu lhe trarei uma resposta". Até a esse ponto... Mas é preferível isso do que ser autêntico...

Rui relaciona a autenticidade com a honestidade. Essa honestidade serviria também para dizer ao cliente que tem condições de naquele momento "responder ou satisfazer as suas questões". Anteriormente, interrogamos se a idéia da eficácia estaria presente ou seria mesmo a função do psicólogo clínico fornecer soluções. Este parece ser um tema recorrente.

P. - Então essa questão da autenticidade leva muito na questão pessoal de cada um... Na hora, só ter o que você aprendeu... E tudo que você viveu também... A própria vida. Até essa questão da subjetividade que você falou, que tem hora que a subjetividade bate com a sua, acho que isso é uma questão muito importante também. Porque a gente lida com seres humanos e somos seres humanos também. Então inevitavelmente a gente é meio que ferramenta de trabalho e foco ao mesmo tempo... Uma coisa que vai engendrando...

Diva- Não sei se tem a ver com o que você colocou... Que a questão da segurança. Tem que trabalhar isso em terapia... Porque eu não consigo ver um bom profissional inseguro.

Rui- Um profissional...?

Diva- Um profissional que seja bom e que seja inseguro ao mesmo tempo... Eu não consigo ver... Isso acho que entra um pouco nessa questão... Porque isso tem que ser trabalhado... Principalmente na profissão da gente... Essa questão da segurança pra assumir erros... Segurança pra ser autêntico... Acho que isso tem que ser muito bem trabalhado, muito bem mesmo... Eu não via antes, mas hoje eu vejo muito isso.

P.- A questão de trabalhar...

Diva- Os seus valores, seus...

Quando Diva fala da importância da segurança ela estaria falando de uma apropriação de si e de seu próprio fazer?

Máisa - Principalmente na sua terapia. Você tem que estar na sua terapia pra você até detectar isso e resolver também lá... Nessa troca... Como é importante...

Késia - Ajuda muito reconhecer. Porque existem pessoas... Eu já fui uma dessas pessoas... Que achava que tinha a cabeça mais aberta do mundo. E quando foi começando as abordagens no semestre passado, eu fui começando a sentir necessidade de me trabalhar... Ao ponto de chegar... E realmente, não é que você vá atender uma pessoa, escutar dela certas coisas que os seus conceitos não

permitem... É complicado isso. Mas não é que você chegue ao ponto de ouvir uma coisa que seus conceitos não permitem... E na realidade, a gente vai trabalhar o quê? Reagir sobre isso da melhor forma... Passando segurança. Exemplo: uma pessoa chega pra mim e diz que é gay... Eu sou contra os gays. Exemplo! Então... o meu supervisor sempre diz: "a gente tem que conhecer as coisas, tem que conhecer tudo...", ele até citou... Um terreiro de macumba... Que a gente tem que conhecer as coisas e procurar ver aquilo com a maior naturalidade possível... "Ah, mas eu não consigo..." Mas uma coisa que você vai ter que conseguir é aprender a lidar com as diferenças. Você se trabalhar... Reconhecer que precisa... Como foi o meu caso... Que eu reconheci que precisava me trabalhar sobre certas coisas... Sou uma pessoa meio conservadora. Imagine só! Uma psicóloga conservadora! E hoje eu to muito, muito melhor. Já to com quase um ano de terapia... E to muito mais bem resolvida em questão... To quase perfeita. Perfeição, nunca... Jamais... Porque assim, já chegou a hora de morrer. Mas to muito bem nisso. Eu era uma pessoa muito... Realmente... Cabresto. Eu acho que a gente realmente não vai chegar e dizer: "ah eu não tenho nenhum preconceito". Sim... Mas que você tenha... Mas não passe isso pro seu cliente... Não o julgue. Procure a imparcialidade acima de tudo... Porque você tem que ter consciência de que você só vai ser um bom profissional se você tiver que passar essa segurança não só aparentemente... Mas também aqui na sua cabeça. Saber discernir as coisas: os seus preconceitos dos conceitos do outro.

Maísa e Késia apontam para a importância da psicoterapia para trabalhar questões pessoais. Que espaço a psicoterapia está ocupando na formação do psicólogo clínico? Seria um espaço pedagógico?

Késia acrescenta que sua psicoterapia a ajudou a lidar melhor com seus preconceitos, demonstrando uma preocupação com a neutralidade e a imparcialidade. É possível conseguir neutralidade na clínica?

Rui - Eu acredito que se fala muito em segurança do psicólogo... Palavra que tem que se conhecer melhor e tudo... Ai eu vou me reportar à história... Lá, antes de Cristo... Lá na Grécia... Quando um filósofo disse o seguinte: "Conheça-te a ti mesmo". Eu acho que a chave do bom psicólogo... A segurança do bom psicólogo é ele estar bem resolvido. É ele se conhecer... Então aí entra todas essas questões... Ele se conhecendo ele vai ter segurança pra enfrentar qualquer tipo de situação... Sabendo como lidar com ela... Sabendo dos seus limites também... Até onde ele pode ir... Acho que essa segurança, essa certeza de você pegar um paciente e você estar em condições de ajudá-lo, é você antes ter se ajudado. Como é que estão suas limitações... Seus preconceitos... Começar a elaborar essas questões, esses miasmas que são da personalidade da pessoa... Da vivência. No momento que a gente começa a esmiuçar e se entender isso dentro da gente... Que às vezes um problema que ta lá no passado e te traz um tipo de

comportamento que te torna preconceituoso... Então acho que tá tudo aí em Sócrates: Te conheça. Depois que tu te conhecer acho que aí tu pode ter a pretensão de ajudar alguém. Aí entra honestidade... Porque chega uma hora que chegou no seu limite até num preconceito... Uma coisa que não tá bem trabalhada e você chegar e dizer: "olha, eu vou parar por aqui, vou encaminhar pra uma colega minha, porque não tenho mais..." Enfim, qualquer coisa que faça com que não sofra um processo de continuidade e que um outro profissional possa dar um melhor aproveitamento e ajudar melhor o paciente. Acho que isso aí tá tudo no negócio de se conhecer. No momento que você tiver uma boa elaboração... Você tenha certeza que segurança virá.

Rui faz referência à famosa frase de Sócrates "conhece-te a ti mesmo" para reafirmar a importância da elaboração pessoal para se conseguir segurança. Rui estaria, assim como Diva, falando em apropriação de si e de um fazer próprio? Como é essa segurança à qual eles se referem?

P. - Então quer dizer que a elaboração pessoal... Ela é importante na formação do psicólogo clínico?

Rui - Fundamental.

Késia - Com certeza.

Rui - Eu não concebo um psicólogo... Que seja ele já experiente ou não... Que não tenha um bom terapeuta.

P. - Essa elaboração pessoal, vocês vêm... Como conseguindo através da terapia?

Rui - Se tiver outra prática que substitua a psicoterapia, então eu quero conhecer. Mas eu acho que a maneira de você se conhecer é essa... É através da psicoterapia... É começando a entrar naqueles recantos mais íntimos do seu ser e trazer à tona pra discutir aquilo com alguém... Um profissional que vai lhe orientar...

Rui coloca que o espaço propício para que aconteça a elaboração pessoal é a psicoterapia. Porém, ele também diz que se há outra prática, ele gostaria de conhecer. Com essa fala Rui está demonstrando uma certa descrença na existência de outras práticas que propiciem essa elaboração pessoal? Ou estaria implícito em sua fala que algo está faltando e que ele realmente gostaria de conhecer? A psicoterapia tal como está agora não está dando conta?

Maísa - Porque aquele espaço é seu... Na terapia você tá ali disposto a isso. Tem momentos que você não vai conseguir rebuscar isso... Se você não está num espaço onde você está disposto a desmistificar... Como ele disse... Eu não sou da abordagem de Psicanálise, mas às vezes tem coisas no seu

inconsciente que ta guardada e que você só vai devagarinho conseguindo elaborar... Às vezes na troca... Você... "Ai é mesmo, nisso eu tenho que melhorar!". Se você não tem um espaço pra colocar isso, você termina guardando e não trabalhando.

Maísa também coloca que a terapia é um espaço adequado para a elaboração pessoal, dizendo que "aquele espaço é seu... Na terapia você ta ali disposto a isso". Ela parece nos dizer que não há permissão para que essa elaboração possa acontecer em outros espaços. Que outros espaços poderia haver? Se há uma exigência que o aluno que está se formando na área clínica faça uma psicoterapia, então há uma regra impondo que o psicólogo invista na elaboração de suas experiências pessoais. Não deveria, então, haver outros espaços oficiais para isso? Qual seria realmente o significado de obrigar o aluno a fazer uma psicoterapia para poder começar a atender?

P. – Isso pode interferir nos atendimentos?

Maísa- Com certeza...

Rui- Às vezes numa terapia... Como é que se chama em ACP quando você retorna a questão?

Diva- Elucidado

Rui- Às vezes a pessoa está em terapia...

Késia- Na TCC é o método socrático.

Rui- ...E de repente o psicoterapeuta retorna uma questão pra você. Só essa atitude... Essa interferência... Já faz com que você comece a refletir : "É mesmo! Porque eu disse isso?". Tem algumas outras questões que não estão elaboradas nesta minha palavra... Então eu não vejo como a pessoa fazer auto-análise.

P. - Tem a necessidade do outro...

Rui - Eu acho que tem essa necessidade... Eu pelo menos até agora... Eu não sou nada pra estar exarando teorias, mas eu acredito que a tal de auto-análise... Ela não funciona. Porque vai chegar um momento que as questões são tão inconscientes que nem você percebe que está passando por cima de algo muito importante... E o terapeuta... O analista... O psicoterapeuta... Ele vai perceber aquilo ali e vai fazer com que você toque no ponto e comece a se conscientizar disso ai. Eu penso assim... Pelo menos agora... Não sei se quando eu chegar aos 20 anos de psicanálise eu vá querer ser um semi-deus também...

Risos

P. - Daqui a vinte anos a gente conversa pra ver como é que ta!

Rui - Se eu tiver neste plano ainda... Senão vou estar azucrinando lá do outro lado... Elas ai dando terapia e eu do lado...

Risos

P. - Então vocês reconhecem essa importância de se trabalhar... De estar se questionando também...

Késia - Com certeza!

Neste trecho da discussão, Rui aponta para um aspecto da psicoterapia que a faz ser tão necessária: a presença da alteridade.

P. - Vocês já se viram em uma situação em que vocês tiveram que recorrer a uma coisa muito pessoal na hora do atendimento? Alguma coisa que vocês... "Isso não foi o livro que me disse".

Rui - Um exemplo.

P. - Não sei como te dar um exemplo agora. Mas alguma coisa que você perceba que não foi a Psicanálise... Ela pode até estar misturada nisso tudo... Mas não foi só a Psicanálise que te deu... Alguma coisa que vem da tua vida...

Rui - Já... Já experienciei com uma paciente minha... Uma viúva... Que me colocou certas questões que lhe afligiu e que eu não tinha aprendido em nenhum livro. Foi a vivência que eu tive... Que eu pude me colocar... E colocar a questão pra ela de maneira que ela pudesse retornar à questão e começar a elaborar com mais lucidez. Eu não lembro... Pode ser até que eu tenha esse conhecimento, mas que não está no meu consciente... Na hora eu recorri à experiência de vida... De coisas que eu já experienciei... De coisas que eu já vivi... Naquele momento. Recorri a um suporte pessoal... Dentro da psicoterapia.

Rui nos conta como uma experiência pessoal sua serviu como recurso para atender determinada cliente e que ele recorreu à psicoterapia para ter um suporte pessoal. A supervisão não seria também um espaço para se discutir essas questões? Há uma fronteira que separa o que pode e o que não pode na supervisão e na psicoterapia?

Aqui aparece o extrapolamento dos aportes teóricos aprendidos na academia. Nesta situação, Rui se colocou em seu fazer clínico de forma em que fica claro a mescla indissociável a que antes nos referimos, entre experiência pessoal e conhecimentos teóricos. Se tomarmos Figueiredo (2004) como referência, poderíamos identificar esta passagem como o conhecimento tácito em ação.

Késia - Serve algumas coisas que eu trabalhei na terapia? É... Algumas coisas que a minha psicóloga me falou... E que eu vi que surtiu efeito em mim, eu coloquei pra ela. Ela é da mesma teoria que eu... Então eu não saí da teoria, mas utilizei uma coisa que funcionou em mim... Utilizei um tipo de método socrático... Que ela expôs um assunto que eu também já expus pra minha psicoterapeuta... E a minha psicoterapeuta me devolveu e eu devolvi a ela... Coincidentemente... E é até interessante porque você se põe à prova... No caso eu vi que eu tava muito bem resolvida quanto àquilo. Coloquei assim... Fiz isso e deu certo...

Késia aponta para uma questão que já fizemos referência anteriormente: O papel que a psicoterapia ocupa na formação do psicólogo clínico. Parece que a psicoterapia tem uma função pedagógica também.

Diva - Eu fico refletindo, não puxando sardinha pra minha abordagem, mas eu acho assim...

P. - Pode puxar, aqui é permitido!

Risos

Rui - Os surtos egóicos estão liberados.

Risos

Diva - ...Mas ela ensina muito isso... Ela traz muito isso nessa questão... Quando se fala em aceitação, em compreensão, em congruência... Então ela traz muito isso. Que quando você tá entrando no mundo daquela pessoa... Você acaba de certa forma... Compartilhando com ele o seu mundo também. / uma questão o muito... Da empatia, realmente... Então acontece muito. Quando a gente tá compreendendo... Tá aceitando aquela pessoa... Aquela pessoa tá expondo algum problema... Você compreende... Você entra com ela naquele problema. Então acontece de você muitas vezes... De expor realmente... O que nenhuma técnica, nenhuma abordagem, nenhuma teoria lhe ensinou. Eu acho que isso é um acontecimento normal. Não acho que isso seja nenhum problema.

Diva coloca que “compartilhar o seu mundo” com o cliente é algo permitido em sua abordagem, fazendo referência às condições facilitadoras desenvolvidas por Carl Rogers.

Nos conta que tem a liberdade (ou permissão) de em seu fazer se utilizar recursos que não advêm de abordagem, técnica ou teoria.

Rui - Quanto mais vivência, mais experiência pra poder...

Maisa - Comigo... Que eu tenha atendido... Eu ainda não senti se houve... Até porque os casos são muito diferentes... Você tá falando de ordem pessoal... Eu ainda não peguei nada assim que seja parecido... Ou que eu tenha vivido. Até agora no momento...

P. - Mas não que seja parecido. Pode ser uma coisa... Às vezes é uma questão que você não viveu exatamente, mas que lhe remete a coisas...

Maísa - Remete o que? No caso... A agressão daquela criança... Como seria comigo, ou se fosse da minha família? Qual o tipo de sentimento?

P. - É... Ao invés de intervir pelo que o livro te deu, naquele momento vem a vivência, e não o que o livro te deu.

Maísa - O próprio sentimento por alguma coisa que a gente já vivenciou. Já... Ai já um pouco... Porque você não ta fora do contexto... É como ela tava dizendo, você ta interligada com... A vida... Que você vive... E o que todo mundo traz... Não existe uma coisa totalmente separada... Nesse caso já... Mas eu digo assim... Especificamente uma coisa que tenha me ligado, ainda não teve...

Maísa a princípio parece não compreender ao que eu estava fazendo referência. Porém, posteriormente nos fala de sua afetação que está implícita em sua ação clínica através da co-existência. Apesar de dizer que não tenha nada específico, ela parece nos dizer que não há neutralidade; que suas vivências estarão sempre presentes, mesmo que de forma tácita.

No momento da autenticação do que foi dito no grupo, Maísa faz uma alteração:

Maísa - Tem uma coisa que mudou aqui... Que você perguntou e eu disse que não... Se algum atendimento já tinha me feito recorrer a alguma coisa minha... Quando eu fui pra minha terapia, eu disse pra minha terapeuta que aconteceu uma coisa que eu nunca pensei em passar por ela. Que um cliente trouxe uma questão relacionada a um problema de saúde, e que tava ocorrendo risco de morte, que poderia ocasionar a morte dele. E eu tinha vivido uma experiência de perder minha avó assim... Com uma doença, um problema de saúde que poderia trazer algumas coisas futuras ruins, mas não era uma coisa tão clara... E quando eu tava com ele... Ele começou a me falar... Eu comecei a me sentir mal... Um sentimento tão diferente... Eu fiquei meio perdida, sem saber... É como se eu tivesse vivendo emocionalmente o que ele tava trazendo... E eu não conseguia... Eu tive que ficar mais calada na sessão... Eu tive que começar a elaborar na minha terapia pra dar continuidade e também não queria dizer pra ele que não... Porque na hora que ele chegou... Foi uma coisa bem interessante... Ele sentou ai disse: "olhe, eu trabalho aqui no posto de saúde e eu queria dizer a você que eu gostei de você, que eu tive empatia... Porque já vieram outras psicólogas e eu nunca tive coragem de falar isso... E eu to depositando toda minha confiança em você". Foi logo depositando toda essa confiança... E eu pensei: "Meu Deus, o que é?". Quando ele foi começando a relatar... Realmente foi uma coisa que mexeu comigo. E eu fiquei mais escutando... Fiz uma intervenção bem *light*... Levei pra minha terapia... Conversei com ela... Comecei a trabalhar na terapia pra quando fosse atender ele já estar com

um suporte maior pro atendimento. Foi uma coisa bem interessante, porque eu nunca pensei que pudesse me pegar de surpresa. Ai eu comecei a entender quando você relacionou com a história da vida e de alguma coisa pessoal sua no atendimento.

No momento em que Máisa fez a autenticação do que tinha dito no grupo, ela me contou que algo tinha mudado. Relata, então, uma experiência de atendimento que a afetou significativamente, levando-a a compreender melhor certos aspectos da discussão em grupo.

Diva - Outra coisa, isso acontece também no p -atendimento. Eu passei por uma situação... De um atendimento... O crescimento m侯uo, na verdade... Voc e seu cliente, sem d侯ida... Ta amadurecendo... Ta crescendo... E comigo aconteceu no p -atendimento. Acho que eu refleti mais do que o cliente. Quest s minhas, trazidas por ele. Ent縐 ai que se d o crescimento tamb鷁... N縐 s ali no atendimento, na cl隴ica... Voc passa a refletir ap o atendimento aquelas quest s que foram trazidas por ele e quando voc acaba levando pra sua vida... / um crescimento... Impressionante.

Máisa - A gente começa a observar na prática como a gente cresce também... A gente observa: "Menina, como é que eu to aprendendo até pra minha vida!". Eu acho que nesse sentido, eu também já comecei a refletir sobre isso. Porque você não imagina... Só na prática que você toma essa consciência... Que realmente é dessa forma: você cresce e ajuda o outro a crescer.

Diva e Máisa nos contam da repercussão gerada pelo encontro com outro na ação clínica. O que elas estariam chamando de crescimento?

Parece que a clínica provoca um movimento que não se encerra com o término da sessão. O próprio fazer clínico possibilita uma abertura para si? Talvez haja uma compreensão implícita da clínica como inclinação e posicionamento. E não como um "espaço" próprio, onde a clínica poderá acontecer.

Silêncio.

Após um longo silêncio, sinto uma atmosfera de encerramento.

P.- OK gente... Vocês nem imaginam como ta sendo rico pra mim escutar isso de vocês, e compartilhar porque eu também sou psicóloga... E apesar de estar formada desde 2003 me sinto engatinhando ainda...

Neste momento, sinto a necessidade de compartilhar as vivências que me levaram ao mestrado e a querer compreender melhor o que me proponho. Senti-me livre para expressar minhas experiências passadas e presentes. Nos trechos que se seguem, prossigo na discussão numa tentativa de fornecer um contexto para eles com relação à minha pesquisa.

Rui- Se você está engatinhando nós ainda não saímos do berço.

Késia- Estamos na barriga ainda...

Risos

P.- Às vezes eu me pego pensando... Me pergunto se essa sensação vai passar, de estar engatinhando, de estar eternamente com a sensação de não saber.

Késia - Tudo que você sabe é que nada sabe.

P. - É, exatamente. De não saber... De ser surpreendida... Mesmo o cliente que você atende já há um ano, continua lhe surpreendendo... Não são só novos clientes que surpreendem. O mesmo cliente às vezes também me deixa completamente “desorganizada”, como Rui falou. E muito do meu interesse em pesquisar isso... Foi justamente a minha experiência no estágio... Na época em que eu estava estagiando e que nos meus primeiros atendimentos eu vi que a teoria não dava conta da prática, como vocês... Só que eu fiquei meio desesperada... Essa sensação que você falou, “que me senti bem, que me senti vitoriosa”, nada disso aconteceu comigo... Nada disso! Fiquei completamente desalojada... Porque eu vi que por mais que eu estudasse... Não é só uma questão de ler, ler, ler... Por mais que eu estudasse, que eu fizesse curso, que eu me especializasse... Nunca ia alcançar... Eu sempre ia continuar... A partir daquele momento... Fechou aquela porta... Sou só eu e o cliente... Eu não vou abrir nenhum livro na hora pra olhar, pra me lembrar... Então veio uma sensação de estar num sem chão constante.

Rui - Agarrada no pincel! Tiraram a escada...

P. - Não era uma coisa assim: ‘eu estou estagiando, estou aprendendo, e um dia eu vou conseguir pisar no chão’. Não! Eu tive a clareza, a partir do momento que eu comecei minha prática, que esse chão nunca ia chegar... Isso me deixou assim... Pensei em desistir, em voltar pra organizacional, que eu já tinha experiência também...

Diva - Que bem mais fácil! Eu também tive experiência e muito mais fácil...

P. - Muito mais fácil! Não te angustia tanto...

Késia - Qual tua abordagem?

P. – Eu me formei em ACP... Não necessariamente você tem que ter passado pelo que o cliente passou... Mas às vezes uma questão completamente diferente... Lhe remete a outra completamente diferente... Então essa afetação vai ser eternamente! Seres humanos... É condição humana... Vai existir sempre essa troca... Então foi um sem chão desesperador... Mas foi muito rico de aprendizagem... E a supervisão foi muito importante... A terapia... Como vocês falaram... Infelizmente... Isso eu to também tentando refletir na minha pesquisa, é se é justamente só a terapia que deveria ser o espaço da elaboração pessoal. Sabe quando você falou “se tem outro

espaço eu quero conhecer?" Eu também! Existiram alguns projetos na USP em que um grupo de psicólogos clínicos fazia o acompanhamento dos alunos de psicologia do primeiro ao último ano... Uma sala de bate-papo mesmo, pra que eles pudessem elaborar a experiência de estarem se tornando psicólogos... E talvez... Não que substitua a terapia... Mas que talvez seja um espaço extremamente necessário... Que dentro da instituição houvesse o reconhecimento...

Késia- Mas no caso ta falando de quê, que no caso estes alunos... Cada um falava...

P. – Era um grupo. Vocês não têm uma turma só aqui? P1, P2, P3... Então, como se juntasse vocês, e não era nada demais, era pra conversar, sobre o curso mesmo...

Rui - Como uma psicoterapia de grupo?

P. - Não chegava a ser uma psicoterapia...

Késia - Não era uma avaliação, no sentido de trabalhar essas pessoas, era mais de saber como é que elas estavam lidando...

P. – Isso... Trocar mesmo. Porque a gente vai estudando muita coisa que mexe com a gente. Vem a histeria... a esquizofrenia... Daqui a pouco todo mundo tem um traço histérico, obsessivo, esquizofrênico... E se a gente não recorre à terapia, não tem pra onde ir! Então a gente tem que buscar fora da instituição... É como se fosse uma coisa à parte da formação... E nem todo mundo recorre à terapia... Mesmo quem está fazendo clínica... Conheço pessoas que se formaram em clínica e não fizeram terapia.

Rui - Aqui você não faz! Em primeiro lugar, você não chega a atender se você não estiver fazendo terapia. Primeira coisa é uma declaração de que você está em processo psicoterápico.

Rui parece se posicionar para defender a instituição em que está se formando. E, ao mesmo tempo, nos mostra a exigência de se faça uma psicoterapia para que se possa começar a atender.

P. - Isso foi exigido não faz muito tempo. Houve um tempo que não era.

Rui - Inclusive tem gente com dificuldade de achar um terapeuta e até hoje ta procurando terapeuta e não ta atendendo... Vai trocar... Vai fazer no próximo período... Vai fazer organizacional... Ou vai voltar.

P. - Ou talvez que a própria universidade oferecesse ao aluno, de outra forma, não que a gente tivesse que buscar por fora.

Rui - Mas aqui não! Aqui nós temos uma clínica, que nós podemos ser atendidos tanto por estagiários como por psicólogos autônomos. E a gente paga...

Késia - R\$ 3,75 ao estagiário e R\$ 10,00 ao autônomo.

Rui - Pra fazer terapia. E isso aí tem sido falado... Na nossa turma não foi muito falado isso... A gente começou a ter noção disso lá pelo quarto, quinto período. Quem já tinha conhecimento do processo, já tava em terapia. Mas agora... No P1 já estão encaminhando: "Olha, dê jeito de ir pra lá, porque senão..."

Ao continuar em sua postura defensiva com relação à instituição, Rui nos aponta para a intensidade à qual é vista a necessidade de que se faça uma psicoterapia nos cursos de psicologia. De que forma é vista esta exigência? A psicoterapia para estudantes de psicologia se tornou algo pro-forma?

P. - É que o curso de psicologia... Como meu supervisor dizia, é uma fábrica de fazer louco. Ta constantemente trabalhando com subjetividade... E nem sempre reconhece a necessidade de trabalhar a sua própria subjetividade de uma forma engendrada... E acho que falta um pouco esse reconhecimento institucional... Porque a gente descobre por a gente mesmo que tem que se trabalhar e acaba sobrando pra terapia.

Rui - Você diz que deveria ser formatizado

P. - Formalizado, reconhecido...

Rui - Ter dentro da formatação da formação essa exigência.

P. - Exatamente. Bem, não sei se exigência, mas talvez uma abertura maior. Porque veja... Acho que não to conseguindo me expressar... A questão é mais ampla, é da própria psicologia. A instituição é só...

Maisa - Eu acho que deveria ter essa exigência, eu penso que desde o P4, assim, logo no início.

Rui - Acho que no P3, P4, deveria ser "olha, pra fazer matrícula tem que ter a declaração"

Diva - Acho que quebra at a questĩ de paradigma... Que a questĩ de terapia... O estere ipo que se cria... Entĩ difĩil... E isso tem que ser quebrado desde o primeiro perĩodo, porque os outros vĩe pra c ainda com essa visĩ. Porque quem vai pro psic ogo louco... Eu nĩ vou negar que eu tinha essa visĩ antes de comeĩr o curso. Eu tinha essa visĩ de que era s pra casos extremos. Esquizofrĩicos...

Rui- Para pirados.

Diva- Isso foi quebrado l pelo segundo, terceiro perĩodo. Isso a realmente...

Késia- É realmente isso tem que ser quebrado...

Apesar de eu tenta mostrar a necessidade de uma abertura maior para dar mais visibilidade à subjetividade própria, e não apenas que se estude sobre a subjetividade, os quatro participantes parecem manter-se rígidos no modelo ao qual estão submetidos. Eu não coloquei a necessidade de se formalizar a psicoterapia especificamente, mas parece que eles permaneceram nesta mesma idéia. Que repercussões seriam geradas se a psicoterapia fosse obrigatória a partir do quarto período, como eles sugeriram? Não posso fazer uma previsão exata, mas provavelmente, seria uma continuação do mesmo modelo, só que renovado.

O grupo se encerra naturalmente. Além da pergunta disparadora, não havia outras perguntas premeditadas, não havia uma linha que eu devia seguir para chegar a algum lugar específico. Dessa forma, à medida que os participantes foram demonstrando o encerramento da discussão, eu, como pesquisadora, me senti livre para acompanhar este movimento.

5.2 GRUPO DOIS

P.: Então... Eu queria agradecer a vocês imensamente a disponibilidade... Falar também que é uma pesquisa pro mestrado, científica, tem autorização do comitê de ética... Vou pedir depois pra vocês assinarem o termo de consentimento, que vou dar só no final, porque tem os objetivos da pesquisa... Bom... É uma coisa muito simples... É pra vocês falarem da experiência de vocês mesmo... Não vou encher ninguém de perguntas, só tenho uma pergunta inicial mesmo e a partir daí a gente começa a conversar. Então, eu gostaria de saber se vocês poderiam me contar como é que está sendo essa experiência de estar se tornando psicólogo clínico a partir de agora, desse momento em que vocês estão tendo a oportunidade de praticar a clínica efetivamente. Então como é que vocês vêem essa inserção de vocês na prática, como é que ta sendo essa experiência de estar se tornando psicólogo efetivamente, agora...

Carol- Quem começa? Uni-du-ni-tê...

Bia e Flávia- Você!

Risos

Carol - Bom... Posso falar agora? Depois disso... Bom... O que passa na minha cabeça no momento e desde que eu entrei no estágio... Eu tenho consciência de que é um conhecimento muito... Muito mínimo. Acho que a clínica exige uma formação tamanha... Exige anos... Eu digo isso... Como eu entendo... Como eu entendo a área clínica... E ainda enquanto estudante... Então eu vejo que é um caminhar muito lento e que a cada dia a gente vai aprendendo mais coisa. Bom... Eu sou estagiária na abordagem psicanalítica... Na psicanálise se exige um tripé de formação... Que é formação individual... Você se submete à psicanálise... Tem a supervisão e também tem a teoria. Tem que estudar cada vez mais... E na supervisão em si... É uma experiência muito enriquecedora. Porque quando você começa a atender, você começa a ter um exercício de escuta... Passa a ter um exercício de escuta... E na supervisão você vai escutar do teu orientador aquilo que tu não percebeu... Muitas

vezes tu não percebe... Isso vai te ajudando pra que nas próximas sessões algo que não se complementou... Algo vá sendo preenchido. E assim é o que eu vejo... Que a cada dia, cada vez que eu atendo, cada vez que eu participo de uma supervisão, eu aprendo mais... E aprendo mais a ter mais consciência de que é um desafio pra qualquer um. Pode ser uma pessoa que tenha lá não sei quantos anos de experiência, mas que quando tem um cliente na tua frente, sempre é um desafio... É algo que vai mexer contigo, que vai te motivar... A ir... A... *(Risos)* Fugiu a palavra... Não sei se vocês estão me entendendo... Eu não tinha idéia que seria área clínica... Porque no meio do curso eu ainda não sabia o que é que eu queria... Mas a partir do momento em que eu comecei a me submeter a uma análise... A estudar psicanálise... Algo me motivou a estudar psicanálise.

Carol nos retrata como ela reconhece a clínica. Ao falar do tripé formação pessoal - supervisão - formação teórica, Carol demonstra um desconhecimento de que ele é uma exigência da formação na psicologia clínica, independente da abordagem escolhida pelo estudante. Será que aqui ela nos aponta uma formação cindida? Há uma separação durante o curso não apenas entre teoria e prática, mas também entre as teorias e as práticas?

Conta também que foi através de sua análise pessoal que surgiu a vontade de estudar psicanálise. Que lugar esta análise pessoal está ocupando em sua formação?

Bia - Embora a gente visse isso desde o começo do curso.

Risos

Carol - Então foi por isso que eu resolvi procurar a professora pra me orientar na área clínica... É isso... Não sei se deu pra... Se tem mais coisa pra falar... Sempre tem... Passo a palavra para...

Bia - Vou falar logo que pode ser que meu cliente chegue... Essa questão do tripé que Carol falou é básico pra todas as abordagens... Porque pra gente na ACP também é a mesma coisa... É do mesmo modo... A experiência em clínica... Eu assim como Carol... Mais ainda, porque Carol já sabia mais dela ser psicanálise, ser na área... Eu não... Sempre pensei em trabalhar com psicologia social, tanto que coloquei isso no meu relatório. Nunca me imaginei na clínica. E quando eu me vi tendo que escolher... Então eu digo: "Não! Se é a clínica, se eu vou conhecer a clínica, então eu vou pra ACP porque já... experiência em terapia... quase três anos em terapia na abordagem... então é nela que eu vou". Conhecía já... Então achei que era o que mais se adequava com o que eu pensava da psicologia clínica... Tem alguns preconceitos com as outras abordagens... Até mesmo com a ACP eu tinha... Então foi uma coisa de conhecer a clínica... Porque é uma coisa que a gente não conhece durante todo o curso... O que é impressionante, porque a gente passa o curso todo sem saber o que é uma clínica, o que é clinicar. E acho que até mesmo no estágio a gente fica sem saber... Vai descobrindo realmente quando a gente começa a atender... Você ver o que é clínica... O que é atender... O que é

escutar. Você estuda, estuda, estuda... Aquela coisa de ouvir profundamente... A escuta profunda... A importância de estar ali com seu cliente no atendimento só pra ele... E a gente sabe que muitas vezes a gente não consegue... Às vezes se desconcentra... Às vezes se vê... Até mesmo porque algumas coisas que o cliente lhe traz, às vezes lhe remete a alguma coisa... Às vezes dá um baque. Não sei se com as outras aconteceram isso. Acho que foi uma das melhores descobertas que eu tive dentro da universidade foi essa. Sem sombra de dúvida. Teve outras coisas que eu participei... Eu me encantei mesmo... É algo assim que muita gente não imaginava... Nem eu! Nem eu imaginava! E nem do jeito que eu to saindo... Encantada, querendo dar continuidade... Não imaginava mesmo! Pensar em sair, ter um consultório e atender. Ave Maria! Não passava nem em sonho pela minha cabeça! Não passava mesmo... E hoje eu vejo que acho que eu não sei fazer outra coisa... (risos) O pior é isso! O pior é isso...

Ao nos contar o seu trajeto dentro da psicologia clínica, Bia afirma, que assim como ocorreu com Carol, a vontade de conhecer mais a clínica surgiu a partir de sua experiência como cliente em psicoterapia. E assim como Carol, escolheu a mesma abordagem de seu psicoterapeuta. Será que o estar em psicoterapia como cliente provoca a vontade de ocupar um outro lugar nesta mesma prática, o de psicoterapeuta? Ela afirma que escolheu a mesma abordagem por achar que era o que mais se aproximava de sua visão acerca da psicologia clínica. Que visão é essa? Se mais à frente ela afirma que não se conhece a clínica durante o curso? Será que sua visão acerca da clínica foi construída através da psicoterapia? A psicoterapia estaria, então, ocupando um papel importante dentro da formação?

Posteriormente, Bia afirma algo que me parece relevante. Ela coloca que só se conhece a clínica realmente “quando a gente começa a atender”. Aqui ela parece dizer que mesmo que se estude bastante acerca da clínica, da abordagem escolhida, a prática oferece uma possibilidade de maior compreensão do que seja a ação clínica. Ela coloca, ainda, alguns aspectos e situações que a partir da prática pode ser compreendido de uma forma mais intensa. Teria sentido pensar então, que a prática nos possibilita uma maior implicação com o ofício escolhido? A prática seria provocadora de uma aprendizagem significativa? Bia demonstra, ainda, a afetação que sente ao atender, quando afirma “às vezes dá um baque”. Parece demonstrar a surpresa diante daquele que lhe procura e, que por vezes, traz questionamentos parecidos com os seus.

Flávia / difícil ouvir, viu?

Bia- É! Às vezes você se pega: “Cara, essa sou eu!”... Como é que eu vou fazer isso? Mas está sendo uma experiência maravilhosa pra mim... De conhecer... De atender... Eu to super apaixonada... Uma coisa que eu nunca me imaginei fazendo e que me envolveu demais... Apesar de continuar trabalhando com a psicologia social, com movimento social, eu to apaixonada pela clínica... Então... Atendimento... É assim... O primeiro gerou aquela angústia... Aquela ansiedade:

“Será que eu vou conseguir? O que é que eu vou fazer?” A pessoa na minha frente... E de repente eu não sabia fazer as intervenções que ela precisa... E quando eu vi... Não era esse bicho de sete cabeças... Simplesmente fluiu... Tanto de um lado como do outro, do meu e do dela... Porque eu to atendendo uma cliente, é uma menina... E ta indo super bem... Eu já to na sétima sessão com ela... E to começando agora com outro cliente, to na segunda sessão... Começando agora... Então ta indo super bem... Agora... Você vem cheio de expectativa... É como minha supervisora diz pra gente... Tentar não criar uma expectativa com o atendimento que já foi: “ah, o próximo vai ser... ela vai trazer isso, isso e isso...” E não traz... Porque isso me frustrou... Num atendimento que eu tive com minha cliente, que tava indo super bem, ai pensei: “na próxima ela já vai trazer alguma coisa...”. E fiquei frustrada... E nesse dia que me senti frustrada, eu vi que eu não fui metade do que eu poderia ter sido... Então eu acho que a experiência da clínica melhor é essa... É esse processo mesmo de a gente estar sempre mudando... De estar sempre crescendo e aprendendo... Então, na supervisão... Eu concordo muito com o que Carol disse... Que quando a gente traz pra supervisão... Até nos outros casos, das outras colegas... a gente vê uma coisinha que você poderia ter usado... poderia ter ousado usar na sua... Quando a supervisora diz assim: “olha, você poderia não ter usado dessa forma... fazer a intervenção de outro modo... o que você precisa puxar mais do cliente é isso...” Coisas que você às vezes não consegue enxergar... até por estar no início... Então... a experiência com clínica ta sendo maravilhosa... O atendimento em si ta sendo muito bom.

Aqui parece ficar mais claro o que antes nos referimos, a surpresa que é atender uma pessoa com os mesmos questionamentos dela. Ao mesmo tempo em que se assusta ao “se ver” no cliente, se encanta com o seu próprio modo de fazer clínica, com seu próprio envolvimento. Nos traz, então, a sua experiência de quando iniciou os atendimentos. Toda a tensão que antecedeu e a tranquilidade por se perceber, durante o atendimento, capaz de atender: “simplesmente fluiu”. Será que podemos afirmar que Bia já tinha dentro dela silenciado a teoria e as experiências vividas? Será que tacitamente já possuía o necessário para se iniciar na prática clínica?

Posteriormente ela traz uma situação particular que lhe aconteceu e demonstra a compreensão da clínica como algo em movimento e a importância que tem a supervisão para poder refletir sobre estes acontecimentos. A supervisão aparece aqui como um instrumento para ampliar o campo de visão acerca da própria prática.

Luzia- Bom... pra mim foi um momento difícil... uma decisão difícil... porque eu ainda, aos quatro anos de curso ainda me encontrava um pouco confusa, com relação a que área eu iria atuar... Mas ai dentre as possibilidades que eu tinha aqui dentro da universidade... foi a que achei melhor... eu achei que seria a que eu teria mais sucesso... E ai eu escolhi essa abordagem, que é uma abordagem centrada na criança, pautada nos princípios da abordagem humanista fenomenológica

existencial... e aí o trabalho é muito interessante mesmo. A experiência é muito rica... e se percebe o quanto esse um ano de teoria e prática exige muito da gente... à medida que a gente tá se dispondo a ajudar o outro... e a gente inicia esse processo de ajuda... e isso reflete também na gente, enquanto terapeuta estagiário... isso implica num crescimento pessoal... porque a cada dia, a cada supervisão, a cada cliente novo que a gente atende, a cada dificuldade que se apresenta, a gente... é um desafio mesmo... exige da gente se preparar, se aprimorar... aprimorar nossas habilidades. Eu acho que é um momento de descoberta mesmo... de descoberta pessoal... de crescimento pessoal. Isso que Bia falou a respeito do quanto a gente pode aprender na supervisão com a experiência de outras colegas... Tô tendo a experiência de terapia em grupo com crianças e é muito rico. Porque tanto eu... Somos duas terapeutas... Que conduzimos o grupo... Tanto eu quanto ela, a gente pode perceber... Enxergar... Determinadas coisas que eu não conseguiria enxergar na atitude de um cliente... Então ela consegue enxergar... E pouco a pouco uma vai aprendendo com a outra... Modos de intervir... Porque é bem diferente... Na supervisão é muito rico... Você ouve o relato de outra pessoa... E aí aprender a partir de um relato de um determinado caso, que a colega acompanha. Mas você estar ali em conjunto... Trabalhando em conjunto... E perceber como essa pessoa lida com determinado contexto da sessão terapêutica... É muito interessante também. Isso traz um aprendizado muito grande. Eu não tenho... Tenho muito pouca experiência com criança... Por isso que eu digo que essa experiência de terapia de grupo... Ela tá sendo muito maravilhosa pra mim... Porque a minha colega... Ela já tem uma vasta experiência... Então isso me ajuda muito... Às vezes coisas que são tão mais simples... Que a gente pode conduzir de uma maneira bem mais simples... Não é aquele bicho de sete cabeças... E pouco a pouco a gente vai percebendo... Então é um processo muito rico mesmo... Às vezes doloroso, porque mobiliza determinados sentimentos na gente enquanto terapeuta... Quando a gente percebe que não tá dando conta de uma determinada demanda daquele cliente... Então isso exige mais leitura... Exige se aprimorar mesmo. É um desafio muito grande... Muito grande mesmo. Percebe assim que precisa muito, muito, muito mais... Pra poder dar realmente essa ajuda.

Após colocar a experiência clínica como um desafio, como “um momento de descoberta pessoal”, Luzia nos traz uma vivência diferenciada das outras componentes do grupo. Ao afirmar que está tendo a experiência de atender um grupo de crianças juntamente com outra colega, ela traz que estar junto com outro durante a prática é uma experiência que a tem ajudado muito. Aqui Luzia nos traz uma vivência que dificilmente ocorre dentro de clínicas-escola. Na grande maioria das vezes, a formação se dá através da prática da psicoterapia individual. Dessa forma, não há como aprender por observação. Há uma preparação anterior, mas no momento do atendimento, ficam a sós o

estagiário e o cliente. Portanto, na grande maioria das vezes, o espaço para se refletir sobre a própria prática é a supervisão. Porém, Luzia nos traz o quanto tem sido importante ela poder observar outra pessoa mais experiente na sua prática. Esta interação na prática provoca uma reflexão no momento da ação? Ao entrar em contato com a forma como outro faz, há uma ampliação do seu campo de visão no momento da ação? Será que Luzia correu o risco de aprender por imitação? Será que o fato de compartilhar o momento da ação clínica com outro atrapalha a descoberta do seu próprio fazer?

Além disso, assim como Carol e Bia, Luzia coloca a clínica como um desafio, como algo que se processa através da experiência e que não se esgota apenas com a vivência do estágio supervisionado.

Flávia- Eu concordo um pouco com o que cada uma falou. Acho que a gente tá engatinhando... E que aos poucos nós estamos aprendendo cada vez mais... Cada vez mais... Eu nunca me imaginei na área clínica. Acho que há uns dois anos atrás eu estava muito frustrada com meu curso... Quase joguei pra fora meu curso... Porque eu não via sentido nele. Porque a gente entra em psicologia... Passa pelas mãos de vários professores... Algumas disciplinas a gente não aprende praticamente nada se não for através, se não tiver... Mas como vasto o campo que pode ter a atuação do psicólogo... E como a psicologia se divide... Como tem várias abordagens... Mas se parar pra pensar, você vê que não sabe praticamente nada! O que que eu sei da Psicanálise? Pouquíssimo. O que que eu sei? Tem muitas coisas... Tem a Gestalt, tem muitas coisas que a gente praticamente não tem formação nenhuma. E que eu acho que deveria ter, até pra poder facilitar a nossa escolha. Porque aquela questão, se você não for através... Porque deveria clarear no conteúdo do curso... Acho que a gente vê tanto... A gente começa a ver psicologia mesmo na metade do curso. Porque antes tudo muito abstrato... Foi como eu... Eu pouco antes, quase deixo o curso de psicologia porque eu não tinha motivação... Eu via tudo menos psicologia... E o pouco que eu via... Muito mal dado... Professores totalmente desqualificados, que eles botam... Olhe, impressionante! Às vezes eles botavam professores que não tinham nada a ver... Por exemplo, estava querendo colocar determinada professora pra ensinar Personalidade e outro professor pra ensinar ACP. Porque? Se a especialidade dela é ACP, porque não colocam ela dentro da área dela mesmo? Eu estudei com outra professora... Era viagem, viagem, viagem... Eu não vi nada de Personalidade... Ai disseram que ela deu um show em psicologia da religião, que é a área dela. Quem me falou, eu quase não acreditava... Se não fosse uma pessoa que realmente eu confio, que um amigo meu, eu não acreditaria! Mas como tem isso na universidade! É difícil pra gente! Como que fica difícil! Então, quando de repente eu me vi tendo que estagiar... Onde vou estagiar onde? ... E opções... Opções... Acho que foi mais por questão de afinidade com a orientadora... Ai tá certo, eu comecei... Impressionada... Estou impressionada com... Como a situação pode ser reverter de uma hora pra outra... Hoje... Há dois anos eu me encontrava totalmente frustrada e hoje eu tô apaixonada pelo meu

curso... Impressionante... Cada dia mais eu quero estar mais pr imo... E aprender mais... E estudando... E me aperfeiçorando... pra pode ajudar... Quando a gente começa a praticar mesmo... quando começa a ver o curso realmente... Porque antes a gente v muita coisa que eu acho que nã tem muito a ver... Mas como rico... como a gente cresce... como ta sendo importante! Eu vejo como maravilhoso... E o que eu tava perdendo, entendeu P.? Mudou totalmente minha visã... / como se antes nã tivesse nada! Nada! E depois da prãtica... Como voc tem que ir atrã... Como voc sabe tã pouco... Apesar de um ano... Eu comprei vãrios livros, apesar de nã ter tido tempo pra ler... Alguns eu j li... Mas como voc tem coisa pra aprender... E o meu movimento esse, de estar como se tivesse descobrindo... Eu estou fascinada com meu curso... E de querer sempre estar... 徹 que que eu posso fa zer? Todo dia quando eu acordo, eu penso: 徹 que que eu posso fazer? Como que eu posso estar aprendendo mais? Porque at entã eu estava bem mais estressada... Porque eu nã via futuro pra mim... A parte que Luzia tambã falou do crescimento pessoal... acho que tanto a supervisã como a teoria... tudo... o seu crescimento pessoal... Tudo ta muito... Nã tem como separar... Desde quando eu comecei, vai adquirindo mais prãtica... Vai tudo... Acho que meu crescimento pessoal tem sempre... A gente tem que estar sempre melhorando... melhorando... melhorando... Mas por incrãel que pareça, eu desde que comecei o estãdio... eu to mais... em relaãio ao meu crescimento pessoal... eu acho que o que me satisfaz mais... Me satisfaz... / lico que eu to... quanto mais empolgada... quanto mais aprendo... meu crescimento profissional... tambã importante. S que eu acho que o meu crescimento pessoal, desde quando eu entrei... / uma coisa que me d muita satisfaãio e uma coisa que me motiva ainda mais... Meu crescimento pessoal... A ser melhor... A estar sempre melhorando, em termos profissional... / impressionante como prestando mais atenãio em mim... 徹lha, isso aqui eu nã gosto .. E aos pouquinhos... / como se a gente tivesse sido preparado, tivesse sido formado pra ser assim... E um processo... / lento... Mas se voc chegar, parar e pensar como que voc era antes... Como que eu era antes... E como que eu sou agora... J estou percebendo bem mais coisas... Coisas que eu gosto, coisas que eu nã gosto... Dificuldades que eu tenho... De aos pouquinhos... Como eu estou sempre buscando estar melhorando, buscando... 徹lha, isso nã d pra fazer agora, de imediato Mas como se fosse comendo a barrinha de chocolate aos pouquinhos... Um quadradinho, dois... Mas sempre procurando melhorar... Sempre estar mais de acordo comigo. Porque eu j observei... Foi uma coisa demais nesse estãdio... Como quando voc est bem, est mais congruente consigo... como o seu contexto, como seu mundo totalmente se modifica... Acho que s .. Nã sei se se deu pra entender alguma coisa (Risos).

Flávia inicia seu relato contando sua dificuldade em encontrar uma direção no curso de psicologia. Tanto que ao chegar a época de escolher em

que área iria estagiar, o que a fez decidir foi a afinidade que tinha com a supervisora, e não a área clínica em si. Parece que o período de estágio supervisionado foi de grandes descobertas para Flávia, quando a mesma afirma “estou impressionada... como a situação pode se reverter de uma hora pra outra”. Será que Flávia descobriu no estágio a sua própria psicologia? Parece que enfim ela encontrou uma direção. Ela coloca que encontrou a sua direção dentro do curso a partir do momento em que começou a praticar: “Quando a gente começa a praticar mesmo... quando começa a ver o curso realmente”. O interessante é que Flávia afirma que “começa a ver o curso realmente”, parecendo até que a prática é também uma via de ressignificação de experiências passadas. A prática serve também para que se compreenda o que apenas na teoria era incompreensível?

Além disso, Flávia nos diz o quanto estão entrelaçados o crescimento pessoal, a teoria e a supervisão: “não tem como separar”. Aqui parece que Flávia de forma muito vivencial apreende o engendramento que ocorre entre estes três fatores. Outrossim, ela afirma o quanto tem sido importante a percepção de seu crescimento pessoal, afirmando que é o aspecto que mais lhe satisfaz. Flávia parece nos contar a experiência de aprender... Ou ainda, a descoberta de si que o processo ensino/aprendizagem comporta. Novamente, encontramos aspectos que nos levam a considerar a prática como algo que provoca uma aprendizagem significativa, uma aprendizagem que envolve afeto e cognição misturadamente.

Bia- Só acrescentar que a gente tá tendo uma oportunidade... Porque a gente pegou a greve... Então a gente tá tendo um ano, porque o estágio começou em Maio de 2004 e vai terminar em Maio de 2005. Então, pelo menos o nosso grupo aprofundou muito a teoria... Na abordagem... Pra conhecer mesmo... Seminários, workshops, role play mesmo, tudo... A gente teve mais intensidade e acho que isso ajudou muito a gente.

P.- Porque teve mais tempo...

Bia- É, porque teve mais tempo pra teoria e pra prática também... Acho que os outros estagiários foram um pouco prejudicados quanto a isso. Porque durante o curso... A gente já brigava... Como Flávia colocou... Vê muita coisa... Que de repente... A gente escolhe uma área e vai por um lado, vê tanta coisa...

Flávia - Que não tinha nada a ver...

Bia - Nada! Apesar de que a gente tem que levar de cada coisa um pouco pra vida prática, pra vida profissional, pessoal... De cada coisinha... Poderia ser mais aprofundada tal área... Ou ter mais disciplinas voltadas mais pra isso... Porque a gente sabe que o problema é da universidade como um todo... Professores... De ajudar a gente escolher... A gente tem muita dificuldade quanto a isso. Termina se atrasando porque não sabe muita coisa sobre o curso, sobre as áreas, sobre o conhecer cada área... E eu acho que a gente tá tendo uma oportunidade única de

ser um ano de estágio... De não ter parado na greve... De ter continuado os grupos... Acho que foi muito interessante. Foi uma coisa de crescimento mesmo... De estudo... Acho que nunca estudei tanto e nunca vi tanta teoria... E com vontade de ver mais, como eu vi agora nessa experiência de estágio.

Luzia- Isso que ela coloca é fundamental... Da oportunidade que a gente teve de ter um tempo mais longo de preparo. É fundamental, porque a gente quando vai realmente à prática, clinicar e atender o outro, a gente percebe que... "Ai meu Deus e agora? Tudo que eu li..." E sente que precisa de muito mais... Muito mais mesmo...

Parece que o fato de terem mais tempo enquanto estagiárias gera uma sensação de maior aproveitamento do curso, mesmo que isso tenha ocorrido através de uma greve, fato que geralmente causa desgosto nos estudantes, em virtude de provocar atraso do curso.

Bia e Flávia, respectivamente, colocam que durante o curso "vê tanta coisa..."; "que não tinha nada a ver". Isso demonstra uma certa falta de contextualização das disciplinas vistas no curso? Nas suas falas, elas nos mostram a dispersão que há no curso de psicologia. E, ao mesmo tempo, Bia afirma que gostaria de ter tido professores mais presentes no que diz respeito à informações com relação ao próprio curso. Em que medida os professores poderiam auxiliar em uma compreensão do curso como um todo?

Além disso, Bia nos mostra sua empolgação com os estudos neste período de estágio. Luzia acrescenta que essa busca de conhecimento é algo inacabável. Outrossim, coloca a prática com uma espécie de prova ou teste. O momento da prática é de testar os conhecimentos aprendidos? Será que esse tempo estendido foi uma via para uma maior apropriação do "ser psicóloga" de cada uma? Ou seria apenas a segurança de poder praticar mais ainda sob os cuidados de um supervisor?

Flávia- Eu acho isso também... Que apesar desse dois meses que a gente teve a mais... Porque dentro de um ano a gente ainda divide... Divide o tempo pra aprofundar a teoria... Não sei a questão de Carol na Psicanálise... Mas a gente... Não sei Luzia também... Mas a gente aprofunda a teoria, come o rolê play... Pra poder atender. Nessa história, a gente já perde alguns meses. Acho que se desse pra você comer o estágio... Eu sei que não depende... Tudo uma questão da universidade... Eu acho que o ideal seria ser três semestres de estágio... Um teoria, e dois s prática. A gente vê cada dia mais que não suficiente... Por mais que a gente venha se empenhando e tenha mais tempo... Esteja lendo... Esteja atendendo...

Flávia fornece uma sugestão para que se aumente o tempo dedicado à prática clínica. Talvez isso nos mostre a necessidade de haver reformulações no curso de psicologia. O que está parecendo a partir desta discussão, é que quando o aluno finalmente consegue dar uma direção para a sua formação, o seu tempo enquanto aprendiz oficial se esgota. Recordo agora de Figueiredo (2004) quando o mesmo afirma que o currículo deve ser suficientemente bom,

no sentido de suscitar o desejo de continuar a busca por conhecimento nos alunos. Mas como poderia ser definido esse “suficiente”? Será que o fato de os estudantes perceberem o tempo como curto para desenvolverem suas habilidades é um estímulo para que a busca não se encerre com o fim da formação? Ou será que o tempo reservado para a prática é realmente insuficiente para a formação de um psicólogo?

Bia - Teoricamente. Porque a gente sabe que no primeiro período de estágio, a gente tem que pegar um monte de disciplina pra ficar livre no segundo... Pra poder realmente na prática tá livre...

Essa prática parece ser, na fala de Bia, algo muito esperado e desejado. Pois os alunos tendem a se dedicar apenas à prática ao final do curso, não dividindo as atenções com outras disciplinas.

Carol - Mas acho que a grande questão é a gente ter consciência que a gente tá engatinhando... É muito primitivo...

Ao mesmo tempo em que fica demonstrada a vontade de haver um maior tempo dedicado à prática clínica ainda enquanto estudantes, na fala de Carol percebemos que esse período de estágio supervisionado, onde ainda são oficialmente aprendizes fornece uma certa segurança, talvez por estarem “acobertados” pela figura do supervisor. Seria o período de estágio uma época onde o “erro” é permitido?

Bia - Foi bom esse tempo maior porque a gente teve mais tempo pra ler... Mas a gente tem que estar sempre lendo, sempre se atualizando. Aquela coisa de estar sempre... Não adianta: “Eu estudei seis meses, então agora não vou ler mais, vou só praticar”.

P. - Não é uma coisa que termina agora...

Flávia - Começa agora!

Carol - E que acompanha a própria maturação da gente... Porque eu penso no começo do curso como eu era... Eu não pensava nessas coisas... Acho que chegou a hora de dizer: “pronto agora é tua hora de se preparar...” Exige isso... A prática faz com que... Não sei... Eu penso assim... Acho que a prática faz com que você enxergue as coisas de uma outra forma.

P.- De outra forma? Como assim?

Carol- De algo... Move você a buscar mais, a conhecer mais, a estar preparado realmente... É o que mexe comigo é isso... Me preocupar na minha formação.

Neste trecho da discussão, Bia e Flávia demonstram a compreensão de que a formação do psicólogo não se esgota com a formação em psicologia. Demonstram que é um processo que vai se construindo com a experiência, e

não algo estagnado. Já Carol acrescenta um outro dado: a importância da prática na constituição do “ser-próprio” psicólogo. Ela afirma que a prática redimensiona a percepção anterior e “move você a buscar mais”... “Me preocupar na minha formação”. Aqui Carol parece denotar a sua implicação com o seu fazer. Implicação esta que a movimenta para adiante.

P. - É engraçado... Eu acho que todas falaram, com palavras diferentes, mas de uma forma semelhante, e acho que Flávia clareou um pouco mais o que eu tava escutando... Essa coisa de começar a prática e isso mobilizar um crescimento pessoal. Pelo que estou entendendo, vocês estão dizendo que a prática... Estar lá atendendo... É como se ela chamasse pra você... Como se fosse um chamamento pra se olhar... Não é uma simples abertura pro outro... É abertura pra si também.

Bia - É um momento também que você se... Mesmo porque a gente tem que estar fazendo um acompanhamento... Além da supervisão a gente tem terapia... Mas é uma coisa que puxa mais... Eu acho sim... Eu vejo muito isso... Eu até brinco no estágio: “cada um tem o caso que... o cliente que merece”. Porque parece que vem sob medida! Eu nunca vi! Pelo menos os meus dois até o momento...

Flávia - A gente diz que o enviado... (Risos)

Bia - Cada um tem o cliente que merece porque parece que vem assim: “Esse foi pra você... crescer” E às vezes você pensa assim: “Caramba! Eu to me vendo nele... ou nela...” Eu às vezes digo pra minha supervisora que dá vontade de dizer: “É assim!”... Sabe aquela coisa de você já ter passado por todo um processo? E você... Não saber as respostas, porque a gente nunca sabe as respostas... Eu não vou dizer que eu to pronta... Você não ta preparada... Você ta sempre mudando... Uma coisa que a gente sempre estuda é que o ser humano é... A melhor coisa é a sua capacidade de estar em processo constante de mudança... De crescimento... De autoconhecimento... Então quando eu digo que cada um tem o cliente que merece... É porque tem coisas que o cliente traz que você fica: “Ahhh! E agora?” É nesse sentido que tem aquela coisa de você crescer... Que você aprende a lidar com isso... De você ser pega e estar preparada pra aquilo.

Bia coloca sua afetação em estar atendendo. A afetação que o outro lhe provoca. Aqui parece que entrar em contato com o outro é entrar em contato com um espelhamento de si. E como esse espelhamento provoca inquietação! Ela afirma ainda que o crescimento se deve não necessariamente ao espelhamento propriamente dito, mas sim na aprendizagem de lidar com esse espelhamento, com essa afetação. Aprendizagem esta proporcionada principalmente pela prática.

Carol - Eu acho que a grande questão é da gente também ter uma formação individual... É você saber o teu limite... Qual é o teu limite... Qual é o do outro... E você não sobrepor o teu desejo... Como você falou: “eu esperava que o cliente me dissesse isso e aquilo...” Nossa! O desejo dele não era de falar isso e aquilo... É uma

verdade que é dele... Que circula... Que você tem que estar com uma escuta e de ta aberto pra que ele se manifeste... Que o gesto venha dele e não de nós. Então por isso que a gente se submete à análise... Pra gente separar um pouco isso... Porque no começo, a gente fica tão angustiada... Eu atendo criança... E às vezes a criança tem uma inibição ao brincar, por exemplo. Então muitas vezes a gente fica angustiada por causa dessa inibição... Mas a gente aos poucos vai controlando isso, porque talvez seja inibição nossa de não suportar o silêncio do outro, digamos. Eu acho que por isso é importante a formação e acho importante a gente ter a consciência de que é...

Aqui Carol parece demonstrar uma certa preocupação com a fronteira entre aquele que atende e aquele que é atendido. Talvez Carol não perceba, mas sua linguagem demonstra a incorporação dos conhecimentos teóricos por ela aprendidos. Podemos afirmar que vemos um sinal do conhecimento tácito em ação? O conhecimento vindo da teoria parece estar incorporado de tal forma em Carol que a faz enxergar essa questão da afetação de um outro lugar. E porque não afirmar que em Bia também, visto que na abordagem teórica que ela escolheu, há permissão para que haja esta afetação mútua de uma forma mais nítida.

Bia- É dele... É do cliente... A gente nunca pode esperar... Por isso que me surpreendeu... E quando levei pra supervisão foi muito trabalhado isso. Apesar de você ter trabalhado na teoria, mas quando a gente chega na prática, é a diferença... O diferencial é esse... Porque às vezes a gente vê tanta teoria, mas quando a gente chega na prática... Nem sempre a gente ta realmente pronta pra ouvir certas coisas... E você espera... Por mais que você leia: "você não deve esperar que o cliente..." Mas você termina criando uma expectativa... Você cria uma expectativa... Como eu falei da minha cliente... Eu criei uma expectativa que ela fosse trazer determinado assunto pra essa sessão e não veio... Só que não veio naquela que eu esperava... Mas depois veio...

Lembro-me agora de meus estudos em psicologia do trabalho, onde existe a distinção entre trabalho prescrito e trabalho real. O primeiro refere-se às normas da empresa e às regras da atividade a ser cumprida; o segundo diz respeito ao trabalho prático, que nunca acontece tal qual foi planejado, exigindo que os trabalhadores façam ajustes para o cumprimento da tarefa. Pela fala de Bia, parece que assim também ocorre na clínica. Por mais que existam regras que norteiem a prática, o momento em que ela acontece é invadido por algo que extrapola os limites dos aportes teóricos: a condição humana que ali se apresenta.

Carol - Eu fico pensando na minha própria experiência... Eu fico pensando que se a minha analista dissesse... Chegasse e me dissesse qualquer coisa, eu talvez me sentiria muito invadida. Então no momento que ela faz as intervenções... É nesse momento em que eu to preparada pra escutar dela... Então isso também me ajuda a pensar na minha prática... Até que ponto eu não vou ser invasiva com meu cliente. Eu penso assim...

Aqui novamente surge a psicoterapia ou análise como um outro espaço de aprendizagem do ofício de ser terapeuta ou analista. A forma como Carol é atendida a auxilia na construção de seu ser psicóloga. Afinal, que espaço é esse ocupado pela psicoterapia ou pela análise? Seria uma aprendizagem por imitação? Ou seria um momento em que o estar-com “outro que tem mais prática que eu” se transforma numa via de aprendizagem?

Bia - É aquela coisa de respeitar o momento do cliente... Você tem que ver até onde ele quer realmente que você chegue naquele momento... Eu aprendi, na teoria e na prática, que você às vezes tem que dar uma mexida... Algo que diz assim: “Invada... invada... cutuque... vá buscar...”... Porque às vezes ta muito ali... É uma resistência grande e você tem que dá umas sacudidas... Uma mexidinha na ferida aqui, outra ali... Mas tem que saber até onde... Respeitando sempre o outro... Vendo o que é que realmente ele quer trazer ali. Como eu falei, que eu criei tanta expectativa e quando chegou na hora não veio... No início da sessão... Eu me abalei. Ai depois eu pensei: “Não, peraí... Vamos com calma que não é você que ta ali. Você ta no outro papel...”. É nesse sentido... Era uma coisa que eu esperava tanto naquela sessão e não veio... Mas em outro momento, em outra sessão... Veio. Porque às vezes a gente diz muito isso: “Isso é tão importante e ela não traz. Não quer falar sobre isso, fica fugindo...”... Na hora da supervisão. Mas tem uma hora que vem, que surge. Então eu acho que é muito isso... De você aprender... De você estar na prática é isso... O que me encantou e ta me encantando é justamente isso... De saber... De conhecer... É muita coisa misturada no dia a dia. Mas é muito lindo... Eu to apaixonada...

Bia nos conta novamente de sua afetação, de sua implicação, de sua experiência em aprender a fazer fazendo. Como afirma Serres (1993), ninguém aprende a nadar sem ter de fato atravessado a nado um rio ou um braço de mar agitado. Esse rio que Bia atravessa parece que não se restringe apenas ao momento do atendimento e da supervisão. Parece ser uma aprendizagem que se expande para outros campos: “é muita coisa misturada no dia a dia”. Na verdade, Bia de forma implícita parece nos colocar o seu posicionamento clínico; a compreensão da clínica como um “debruçar-se” que vai onde ela for... Ela não precisa necessariamente de um espaço para acontecer.

Carol- É uma área muito rica...

P.- Vocês falaram também uma coisa de estar sempre estudando... E que quando chega na prática acabam se surpreendendo com muita coisa e... Vê que precisa estudar mais... Que isso não vai acabar agora... Então, parece que vocês estão me dizendo... Como se a teoria não desse conta da prática... De uma forma estagnada. É uma coisa que tem que estar sempre...

Carol- É inacabável.

P.- E quando vocês percebem, por exemplo, quando estão lá na prática... No atendimento... Percebem: “não tem nenhuma teoria que me diga o que fazer agora”.

Carol- Eu acho que nenhuma teoria é capaz de dar conta... Porque é uma complexidade... Não tem aquela coisa de dizer: “Ah, nessa sessão eu posso utilizar isso ou aquilo de determinada teoria”. Eu acho que com o tempo, você vai criando um caminho que é teu... Eu acho que é no dia a dia mesmo... É na prática que você vai por um caminho... Através das tuas leituras, do que você ouve dos outros profissionais... Dos outros colegas de supervisão... Eu acho que é um processo inacabável pra qualquer um. Não há uma neutralidade. O trabalho... É mais uma transferência sua... Tem algo ali... O desejo mesmo, que ta te movendo. Então isso diz muito de você... Algo muito particular seu... Bia falava muito na questão da reprodução... Isso acontece muito... Mas com o tempo, com os anos, com a maturidade, com a prática... É que você vai imprimir um estilo próprio seu. Acho que é por aí... Eu vejo assim.

Carol nos aponta para a construção do tornar-se psicólogo. É algo que vai se construindo individualmente, mas ao mesmo tempo juntamente com outros. É a nossa condição de sermos solitários e solidários ao mesmo tempo... É “um caminho que é teu”, onde se caminha solitariamente, mas que é compartilhado com outros. Uma descoberta pessoal e intransferível. Além disso, Carol parece demonstrar que a teoria serve como referência, mas não como um “porto seguro”, onde se pode chegar e estacionar. Recordo-me agora de Polanyi (1983), quando tenta descrever como funciona o conhecimento tácito, afirmando que este é uma entidade abrangente que envolve tanto os indícios subsidiários quanto as partes focalizadas. Carol parece nos falar de certos particulares (prática, leitura, supervisão, convivência com outros profissionais) que fazem um sentido inteligente de forma abrangente. Como se formasse um significado que pode ser criado ou captado por ela, pois, como afirma o referido autor, a ação humana é que integra os indícios subsidiários e o que é focalizado.

Bia- E é interessante porque... Eu vejo isso... Até mesmo em supervisão... Eu briguei muito pra fazer meu relatório, porque eu queria colocar umas coisas e terminou a supervisora não deixando... E eu pensei: “Se fosse meu outro supervisor ele tinha deixado eu colocar”. Eu fico pensando assim... Que se fosse ele, ele tinha deixado... Porque eu acho que cada um tem o seu jeito. Não vou querer ser uma psicóloga igual à ela, igual a ele, igual a você, igual a você, cada um... Meu outro supervisor dizia muito isso pra gente... Na hora lá, você vai se construindo... Naquele momento você vai se tornando... Eu não posso querer ser uma psicóloga igual a outro. E logo depois do que meu outro supervisor falou, que eu tenho que fazer do meu jeito... Que cada um tem o seu... Que você tem que buscar... Você vai se encontrando... E realmente foi isso... Eu fui me encontrando durante toda parte de teoria. Eu já sabia mais ou menos como eu queria fazer, como eu queria seguir. Sem querer burlar as regras... Mas eu já tinha o meu jeito... E agora eu estou querendo usar de uma forma mais livre, com maior

liberdade... Porque às vezes eu vejo... E às vezes eu fico revoltada... Na supervisão, que eu vejo as pessoas falarem muito igual, entendeu? Tudo bem que gente sabe que tem uma linha de intervenções que você termina tendo que fazer... Mas às vezes eu fico pensando: "Será que tem que ser sempre assim? Todo mundo igual? Falando igualzinho?"

P.- Como é isso pra ti?

Bia- Pra mim é horrível. Porque eu não consigo ser assim! E às vezes eu tenho umas discussões... Que quando eu trago a transcrição, ai dizem: "ah, mas você poderia ter falado desse jeito". Aquela coisa do "me parece... tu ta me dizendo..." Eu fico angustiada com isso! Porque eu não consigo! É do meu dia a dia, da minha prática... E até mesmo dos estudos, das leituras... Eu sei que não necessariamente eu tenho que fazer igual... Eu não tenho que falar igual Rogers falava, igual meu terapeuta falou na terapia, igual minhas colegas de estágio... Eu acho isso muito complicado... Então quando eu vejo... É tudo muito igual. Até mesmo quando eu vou ver os relatórios... Porque a gente sempre pede os relatórios pra ver, pra ter uma base... Você vê as intervenções muito parecidas... Muito iguais... Não é querer ser diferente dos outros, mas é porque é o meu jeito! Eu não sei se pela prática com a coisa do social... De ter outra visão... Mas eu não gosto disso. Eu não me sinto bem. Não me sinto à vontade... Às vezes, eu vejo as pessoas elaborarem frases pra falar... Eu acho que o processo terapêutico deveria ser uma coisa mais à vontade... Não é uma conversa, um bate-papo... Não vou chegar e dizer: "E ai, como é que tu ta menina? Me conta".

Carol- É por isso que exige uma técnica.

Bia- É uma técnica... Mas acho que cada um tem a sua. Como Carol tava falando: um estilo próprio. Eu tenho meu jeito de atender... Eu tenho meu jeito de fazer as minhas intervenções... Eu tenho meu jeito de lidar com aquela cliente... Com determinado cliente... E eu sei que eu não vou ser igual a outro. É tudo diferente! E às vezes eu fico chateada... Fico angustiada... Eu fiquei realmente muito chateada na produção do meu relatório. Porque eu queria colocar algumas coisas... Porque eu acho o seguinte... Eu vejo os relatórios... Eu sei que a gente tem que falar da teoria, pra dizer até que você estudou. Mas eu acho que você falar daquela teoria igualzinho a todo mundo fala... Fazer a introdução sobre a abordagem... Tendência atualizante... Compreensão empática... Dar aqueles conceitos... Coisas que quem ta fazendo o relatório... Quem ta fazendo o estágio... Tem por obrigação saber daquilo. Quando você vai pra prática... Se ele já lhe liberou pra prática, então é porque você tem a sua base, mostrou que ta preparado. Eu acho esses relatórios de estágio muito alienante... Na forma e conteúdo.

P.- Tu queria fazer uma coisa mais pessoal. Bia enquanto estagiária.

Bia- Exatamente.

Bia nos conta, num tom de voz exaltado, a sua ansiedade perante a exigência do cumprimento de tarefas burocráticas, no caso o relatório final, que a forcem a seguir um modelo pré-estabelecido, que em sua experiência está sendo um modelo excessivamente rígido, não deixando abertura para que ela imprima o seu modo de compreender e de fazer clínica. Bia compreende, assim como Carol, que a construção do seu “ser próprio” psicóloga é algo profundamente pessoal e solitário, apesar de compartilhado. Na verdade, Bia parece ter descoberto o seu jeito de ser, e sente ansiedade ao perceber as pessoas de seu grupo de estágio lhe cobrando uma postura diferente da sua, uma postura que seja mais homogênea com a de outros colegas do mesmo grupo. Vale ressaltar que quando Bia fala da técnica parece referir-se à mesma como um modo de revelação, como um recurso para o desvelamento de algo. Ao ser interrompida por Carol, esta já demonstra uma inclinação para a técnica como algo mais fechado, talvez mais “digno” da ciência, da psicologia.

Recordo agora de Serres (1993) quando ele afirma que aprender exige o abandono do ninho, ou das referências. Será que é disso que Bia está falando? Ela conseguiu, neste período de estágio, encontrar uma referência dentro dela mesma para o seu se fazer terapeuta? Há uma apropriação do seu fazer clamando por atenção e cuidado?

Carol- Mas eu acho que tem certas coisas que é da instituição... Certas coisas burocráticas que a gente tem que obedecer. No entanto a gente é... Nós somos estagiárias, e quem dá o aval pra gente se formar é nosso supervisor... Então a gente tem que seguir certas coisas... Você pode imprimir o teu estilo pessoal no teu relatório. De que forma? Se todo mundo fala de tendência atualizante e de self, você vai colocar da sua forma...

Carol parece trazer um importante dado da realidade: o fato de estarem inseridas em uma instituição. Neste momento, Carol parece contextualizar a situação. Então, como ela mesma afirma, há regras que precisam ser seguidas. Por entre estas regras é que pode se encontrar “brechas” por onde possam se apropriar de um fazer clínico próprio, o que parece estar sendo chamado de “estilo pessoal”.

Bia- Mas é justamente essa a questão... Você poder colocar da sua forma. Você ser obrigada a fazer igual. Não adianta...

Carol- É uma forma de você se fazer entender.

Bia- A gente se vê obrigada a colocar citações enormes... Eu acho que isso é encher lingüça.

P.- Tu queria contar tua história?

Bia- Não contar minha história, mas contar ... Falar como Carol falou... Se eu vou falar de tendência atualizante, falar da forma que eu compreendo... Com minhas palavras, do jeito que eu entendo... E era isso que eu queria. Não necessariamente botar Bia... Não... Mas da forma que eu entendo... Sem precisar fazer 20, 30... Como tem gente no meu grupo que já tem 30 páginas só de teoria.

Carol- Porque a preocupação de fazer algo diferente?

Bia- Não é algo diferente, é fazer algo no meu estilo... Não é pra ser diferente dos outros... Não é porque Bia quer romper, quer brigar, aquela imagem "Bia é do movimento, é isso e aquilo..." Não é isso. É que eu queria fazer a coisa no meu estilo... Não é que eu não fosse seguir as regras, fazer tudo... Falar das teorias da Abordagem, falar da parte teórica... Não é isso. Eu queria fazer, mas fazer do meu jeito, do meu estilo.

Carol- E como é o teu jeito? Como é que tu pensa?

Bia- É justamente isso...

Flávia- Ela quer falar como ela pensa...

Bia- Como eu entendo...

Flávia- Como ela entende...

Bia- E não uma mera reprodução... É como eu falei, é encher lingüiça... Você vai colocar coisas pra colocar folhas no teu relatório.

Flávia- Mas isso vai depender muito do supervisor... Porque a gente tem essa liberdade.

Bia- Depende do supervisor... É outra coisa... Já que a gente tá aqui dentro... Restrito... Que isso fique entre a gente... Lógico.

P.- Os nomes serão pseudônimos, não se preocupem.

Bia- Não... Eu tô falando pra gente mesmo que tá aqui. Mas isso já foi uma discussão que já tive...

Flávia- A gente faz como que acha que... Botando nossa opinião, botando o que a gente entende, também mesclando com coisas de... Mas a gente tem liberdade de fazer... Não que também fique totalmente solto... A gente fez essa parte, já passou pela orientadora, ela vai fazer anotações... Mas a liberdade de botar o que a gente entende, depende de orientador.

Luzia- Também com minha supervisora a gente tem essa liberdade... Ela é muito flexível nesse aspecto. Claro que tem pontos centrais da teoria que precisam ser abordados. Mas existe uma flexibilidade pra gente colocar aquilo que a gente realmente acha importante no processo terapêutico... A influência da abordagem... E eu concordo com o que ela falou, a partir da sua pergunta sobre como lidar com o cliente... O estilo pessoal... Com minha supervisora, a gente aprende muito a questão do seguir o bom senso... A intuição... Porque uma coisa que a gente aprende muito com ela é que na relação terapeuta-cliente... Uma pessoa... Quando eu vou relatar uma sessão pra ela... É claro que ela vai pontuar algumas coisas que ela percebe... No sentido de me ajudar na construção desse meu ser terapeuta. Mas algumas coisas, só eu, na minha relação com o cliente é que posso falar a respeito... Então ela ensina muito essa questão de seguir o bom senso... A sua intuição... E utilizar os recursos... Que são os recursos terapêuticos... As técnicas terapêuticas elas são vastas... Mas a gente não pode utilizar essas técnicas de uma forma padronizada, fechada... A gente tem que adequar esses recursos terapêuticos a cada caso... A cada cliente... A cada dificuldade enfrentada... Adaptar essas técnicas. Então só nós, naquela relação pessoal ali vivenciada com o cliente é que a gente pode discernir como empregar uma determinada técnica de um modo que vá ajudar melhor um cliente... Que com outro cliente aquela técnica já não vai surtir tanto efeito. Essa questão... O respeito ao estilo pessoal... Porque cada terapeuta... Ele vai encontrar um estilo pessoal de trabalho mesmo... De intervenção. É porque isso ficou muito evidente na supervisão que eu e as meninas temos... De valorização ao estilo pessoal mesmo... Que a teoria muitas vezes não dá conta de realidade... E como eu coloquei... A questão do bom senso, de acreditar em si mesmo... Utilizar da intuição mesmo... Pra intervir tem que ousar, se atrever de vez em quando... Pra dar conta de uma demanda... Teve situações dessa caminhada que eu me saí muito bem... Me deparar com uma situação nova e realmente saber conduzir adequadamente... Mas tem outras situações, como agora, que eu estou vivenciando tantas dificuldades com tantas coisas acontecendo, que eu percebo que realmente isso está me influenciando e não está me permitindo conduzir adequadamente o processo... Às vezes... Isso tá influenciando e os processos não estão caminhando tão bem como poderiam ser...

A discussão é travada numa tentativa de compreender o que Bia estava querendo dizer com relação a fazer o relatório de um modo que ficasse impresso também o seu modo próprio de ser e de compreender a clínica. Essa discussão acaba pondo em foco a figura do supervisor neste processo. Recordo que logo no primeiro capítulo teórico do presente estudo, coloquei a importância do papel do supervisor na construção do tornar-se psicólogo de cada estagiário. Afirmei que embora o estágio supervisionado seja uma prática

instituída, e que segue regras, é marcado por diferenças que acompanham a figura do supervisor. Pois, independente de abordagem, cada supervisor compreende ao seu modo, qual a função da supervisão e conseqüentemente qual o seu papel ali. Vimos logo acima um exemplo disso, já que Bia e Flávia são estagiárias da mesma abordagem teórica (ACP), mas com supervisoras diferentes. Ambas falam da experiência na consecução do relatório final, que à risca, é uma tarefa burocrática com regras comuns. Mas mesmo numa tarefa burocrática, as diferenças individuais ficam marcadas.

Luzia já nos coloca um pouco a postura de sua supervisora nos momentos da supervisão dos atendimentos. Afirma que sua supervisora enfatiza os aspectos pessoais de cada um no modo de atender determinados clientes, o que Luzia chama de “respeito ao estilo pessoal”, já que o terapeuta estagiário é que se relaciona com o cliente, sendo quem melhor pode avaliar a forma de realizar sua ação clínica. Luzia afirma que sua supervisora incentiva a “seguir o bom senso... a intuição”. Eu me pergunto: será que psicologia é bom senso? Intuição? Polanyi (1958) nos diz que a intuição tem papel fundamental na construção de uma teoria elaborada por um cientista. Ele entende a intuição como “uma certa habilidade para adivinhar, com razoável possibilidade de acerto, guiada por uma sensibilidade inata para a coerência” (apud SAIANI, 2004, p. 64). E na clínica? Seria a essa intuição à qual a supervisora de Luzia se refere?

Flávia- At que eu penso assim... Juntando um pouco o que vocês duas falaram... Cada um tem seu estilo. A partir do momento em que você para pra pensar: vou dizer assim... assim... parece que... .. Você já não está com outro. Eu acho que você tem que ouvir... Estar com ele. O resto... Se você consegue isso, flui...

Bia- Eu vejo assim... Acho que é meio o que vocês duas falaram. Porque eu vejo assim... É como Flávia tá falando... Quando você tá com o cliente... Às vezes eu vejo em algumas falas durante a supervisão... Essa pessoa passou... Enquanto o cliente falava, tava elaborando o que já ia falar! É claro que quando a gente tá na escuta, a gente fica...

Flávia- /... Não é fácil.

Bia- Às vezes eu não sei se a pessoa quando vai transcrever... Se a pessoa falou de uma forma e na transcrição colocou daquele jeitinho bonitinho, padronizado, pra apresentar... É isso que eu fico... Eu não consigo! Eu coloco do jeito que tá na minha fita. Transcrevo igualzinho e levo... Ai tem sempre aquela coisa: “você deveria ter dito assim: me parece...” Aquilo me deixa angustiada! Porque pra mim não é uma coisa que é um bolo que tem uma receita e que você tem que seguir igual... Pra todo mundo. É mais nesse sentido que eu falo... Às vezes eu sinto isso... Que as pessoas ficam querendo falar igual tá no livro.

Aqui novamente Bia demonstra seu incômodo com relação à atitude de pessoas de seu grupo de estágio, que pelo que parece, se enquadraram num

modo de fazer clínica e não conseguem assimilar as diferenças individuais. Ao meu ver, os conceitos teóricos aprendidos por Bia já recuaram para um fundo silencioso, tácito, de modo que ela sente-se à vontade para estar com o outro sem a preocupação de no momento do atendimento focalizar tematicamente a teoria estudada anteriormente. Lembro-me agora de uma passagem de Jung, quando o mesmo afirma que o terapeuta deve estudar sobre mitologia, religião, artes, ou o que queira estudar, porém, na hora do atendimento, deve esquecer tudo que estudou. Seria uma forma de transformar todo este material em indícios subsidiários, se tomarmos Polanyi (1958) como referência.

Carol- Eu acho que quando se diz assim “me parece”, “eu tenho impressão”, eu acho que é mais no sentido do supervisor... Assim é a forma que eu entendo... Dizer na tua postura com o cliente que tu não vai afirmar, chegar já com uma coisa pronta. “Olha, tu ta me mostrando isso aí”... Acho que é mais pra possibilitar que o cliente fale mais... Não é uma coisa de você já chegar com algo pronto, com um discurso pronto.

Luzia- O cliente tem a verdade sobre sua própria vida.

Carol- Quem sabe é ele! A verdade ta nele, não ta na gente. Então dizer “me parece”, é muito mais essa postura... De que ele também perceba que a verdade ta nele... De que nós não somos nem conselheiros, nem adivinhos pra ta ali dizendo algo que diz respeito à vida dele... A ele... Ao que ele ta sentindo.

Bia- Não, eu sei... Acho que P. ta me entendendo...

Carol- Aí eu acho que é mais uma questão...

P.- A sua reclamação é com esse “me parece”, que já virou uma frase clichê. Você teria uma outra forma de dizer “me parece”, sem dizer “me parece”.

Bia- Sem dizer “me parece”! Quer que eu tenha um jeito... E às vezes eu percebo também nas pessoas que elas também não necessariamente falam daquele jeito... Mas que quando trazem... Parece que não foi igual foi durante a sessão.

Carol- Mas é porque tem muita coisa da relação do aluno com o supervisor. Do estagiário com o supervisor...

Bia- Com seu terapeuta também...

Carol- Então tem aquela coisa: “Eita... Aconteceu isso, mas eu não vou contar... Porque eu vou dizer que eu errei e eu não to preparado pra ouvir que eu errei...” Isso é algo muito individual, muito particular... A relação que você tem com seu supervisor é uma relação transferencial também... Porque ele ta ali... Você se identifica com ele... Você tem raiva dele... Tudo que você tem com as outras pessoas você também tem. Então, essa coisa de chegar: “ah eu vou levar isso aqui tudo bonitinho” tem muito do nosso... Por exemplo, eu senti muita dificuldade durante o meu curso... De colocar... De explorar minhas próprias idéias... É uma coisa de revolução mesmo... E de uma coisa que já foi vivida durante todos os meus anos na

escola, e que eu já venho com essa bagagem... Então o que te incomoda talvez seja isso, de que você já esteja preparada pra romper com isso e você tá num grupo e que vê as outras pessoas que reproduzem... Mas que cada uma com certeza tá sendo movida... E a gente entender que tem certas pessoas no grupo que se sentem mais à vontade pra dizer “eu disse isso”... E reproduzir completamente o que aconteceu na sessão. Tem pessoas que não... Que dizem: “é, realmente era pra eu ter feito dessa forma...”

Bia- Quando vai escutar a fita pensa: “poderia de dito dessa forma”... Já aconteceu comigo isso. Quando eu tô na transcrição eu digo: “Eita, Bia... tu poderia ter feito a pergunta de uma forma diferente...” Às vezes eu até coloco uma observação... Boto em vermelho, embaixo: “Poderia ter sido assim”. Eu faço muito isso com minha transcrição...

Carol- No meu caso particular, é muito mais enriquecedor pra mim quando eu digo o que aconteceu e minha supervisora diz: “seria melhor você ter falado de outra forma”... Ou então diz: “olha, eu não diria dessa forma, eu diria tal, tal, tal...”... Ai isso de fato te faz pensar numa alternativa... Em outra alternativa pra aquele caso... Eu hoje me sinto muito à vontade pra dizer tudo aquilo que aconteceu e de dizer o que mexeu comigo... O que eu senti após a sessão e dizer: “É, eu senti dificuldade nisso aí...”. Que eu acho que é por aí... Se a gente chegar a já entregar tudo bonitinho, a gente não vai crescer em nada! Mas que quando eu comecei no estágio, eu fiquei aflita... Pra você começar a dizer a sua primeira sessão... “E aí? O que eu vou escutar da minha supervisora?”.

P.- É uma exposição...

Carol- Você se expõe.

Bia- Não só a ela, mas ao grupo...

Carol- Às vezes você não se sente muito à vontade com o grupo, entende? Isso vai de pessoa pra pessoa... Hoje eu me sinto muito à vontade pra expor o meu trabalho... A minha prática. No começo não foi tão fácil... Não foi tão fácil...

Carol toca num ponto importante: a relação aluno/supervisor. Pois, por mais que a relação seja boa, o supervisor está ali também como avaliador. Neste sentido, se não há condições para que o aluno se aproprie do seu fazer, há um grande risco de a supervisão virar algo pro forma. Carol afirma que percebe que é mais enriquecedor para ela quando ela se expõe para a supervisora e para o grupo, relatando com veracidade os fatos e sentimentos que ocorreram durante os atendimentos. Ela enfrenta o risco da exposição. Recordo agora de uma frase de Serres (1993, p.19): “porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro”. Parece que esse encontro com outro é arriscado, mas ao mesmo tempo, é o que faz “crescer”, utilizando a palavra de Carol.

Bia- Eu acho que é um espaço que a gente... Sempre deve ser muito aproveitado. É por isso que eu fico pensando que daqui vai sair todo mundo...

Carol- Mas não fique preocupada com os demais não. Siga sua vida! Siga seu caminho... É importante que a gente passe por todas essas etapas. Eu acho... Acho importante e a vida é de cada um, entendeu? Eu to aqui pra fazer meu caminho... O pessoal que faz parte do meu grupo, também ta... Cada um tem seu tempo...

Bia- É cada um tem seu tempo... Sua forma...

Carol- Não fique preocupada se você ta sentindo que tem uma pessoa que reproduz... Isso é uma questão dela!

Bia- Mas o que mais me... Pelo outros, tudo bem... Eu fico meio preocupada porque eu vejo que ninguém vai sair daqui... Mas é mais aquela coisa minha mesmo, de ter liberdade...

P.- O teu incômodo maior não é exatamente os outros reproduzirem. É porque te obrigam a reproduzir.

Bia- É! Eu me sinto obrigada a também... Não que eu faça! Mas termina sendo... Como na questão do relatório. "Olha, fiz isso tudo de teoria". Agora 70% aqui foi...

Filippia- Pois a minha agora que vai com cinco páginas...

Carol- Pode ser que pra outra pessoa... Pra falar da teoria... Exige que ela coloque três citações, digamos... Você vai ver que no seu relatório não precisa... Mas pra outra pessoa é importante que cada página tenha uma citação.

Bia - É isso que eu digo! Não é importante pra mim... Não seria importante pra mim fazer do jeito que eu to fazendo...

Filippia- Mas ta sendo obrigada a fazer n Bia?

Bia- Exatamente.

Carol- Tu já colocasse isso?

Bia- Já... Aqui mesmo nessa mesinha...

P.- Parece aquela cena da pessoa presa num pano.

Bia- É exatamente!

P.- No caso, é como se você já tivesse se libertado. Estão te obrigando...

Bia- É muito complicado...

Bia coloca novamente o seu incômodo em ter que reproduzir e se mostrar uma pessoa que é homogênea ao grupo. Carol parece intervir em sua fala como se não compreendesse o quanto está sendo sofrido para Bia não poder mostrar mais abertamente o seu fazer e o seu modo de agir, dando a sugestão para Bia não se preocupar com o que está acontecendo ao seu redor. Porém, Bia em sua fala, coloca de um modo como se não desse pra ignorar o que acontece ao seu redor, pois a atinge diretamente. Ela parece clamar por liberdade.

P.- Vocês não sentem muito isso...

Carol- Não, não sinto não... Eu já elaborei boa parte do meu relatório... Da fundamentação teórica... E tive a liberdade de escolher o que eu ia colocar. Agora eu coloco citações. Mas a partir disso eu explico determinada coisa... Confirmar aquilo que você tá falando... Procuro não fazer reprodução. Até porque o meu estilo... A forma que eu tenho de imprimir o meu estilo, é desse jeito... De contar como eu entendi. Mesmo tendo que colocar uma fundamentação teórica que o estágio me exige. O estágio me exige... Por exemplo, no meu relatório botar agradecimentos a papagaio, cachorro... Eu acho que pra mim não é necessário. Pra outras pessoas, acham que é... Bota dez mil páginas de agradecimento.

Bia- Mas você tem essa liberdade.

Carol- Nem tanto... Que nosso amigo no semestre passado quis colocar os agradecimentos... Tinha certos palavrões e a supervisora não gostou... Agora, que aquilo pra ele é uma verdade... Que quando eu li eu achei bacana demais... Achei a cara dele... Uma coisa que era dele! Quando eu li disse: “Muito jóia!” Só que a supervisora não aceitou. Disse: “Você poderia até colocar isso em outro lugar. Mas aqui existem regras”. E eu acho que é necessário que a gente realmente esteja enquadrado nessas regras... Eu acho... A meu ver é isso... Mas nada impede que depois a gente publique aquilo que a gente bem entender. A gente vai ter liberdade pra isso...

Aqui Carol relata o seu modo de fazer o relatório, e demonstra uma certa tranqüilidade com as regras que têm que cumprir. Porém, parece que essa tranqüilidade ocorre devido a uma liberdade prometida, e até mesmo esperada, que se dará com o final do estágio.

Bia- Não vejo a hora de ter essa liberdade pra mim!

Filippia- Comigo acontece do mesmo jeito... / / lico que voc tem que ter um m[un]do de dire[ç]ão a seguir... Tem algumas coisas que voc tem que ter... Tem que fazer. Agora, na maioria do espa[ço]... Do momento... A gente tem... De se posicionar... Tanto que tem uma parte que a gente coloca a nossa opini[ão] sobre tudo.

Flávia utiliza uma expressão que me chama atenção: “tem... de se posicionar”. Parece que ao contrário de Bia, na supervisão de Flávia é exigido que ela se posicione, se mostre na consecução do relatório final. Seria essa uma forma de avaliar o supervisando?

Posteriormente, ela faz referência ao “relato de experiência”, que é uma parte do relatório onde os alunos contam em primeira pessoa como foi a experiência no estágio como um todo. Não é à toa que Bia afirma que essa é a parte mais interessante do relatório, após tantas reclamações de não ter liberdade para se mostrar mais verdadeiramente. O relato de experiência parece ter se transformado para Bia em uma abertura pela qual ela pode expressar mais livremente seus sentimentos e percepções.

Bia- É, o relato da experiência tem que fazer.

Carol- O meu já um pouco diferente... É difícil colocar uma opinião minha lá. Eu vou tentar... A gente faz um levantamento bibliográfico e depois a gente faz a análise de um caso. E quando a gente vai fazer a análise de um caso, é difícil colocar “eu acho que...”

Bia- No relato de caso tudo bem... Mas é porque tem a parte do relato de experiência também.

Flávia- /, das atividades...

Carol – O meu não precisa disso...

Bia- Eu acho a parte mais interessante...

Flávia- Fora a análise do caso...

P.- Engraçado, porque vocês estão falando da diferença de...

Carol- Abordagens?

P.- ... De abordagem e como essa escolha por cada abordagem de vocês tá completamente misturada à visão de vocês, até a forma de fazer o relatório, que é uma coisa burocrática e que a gente imagina que é uma reprodução mesmo... Mas até em mínimos detalhes... Da forma de fazer. Engraçado que tem três pessoas da área humanista aqui... Só Carol no bloco do eu sozinho (risos) da psicanálise. E fica bem claro essa diferença... Não tem relato de experiência. Porque é uma outra forma...

Carol- As meninas fazem muito vivência... Não, a gente não tem isso... Não tem essa coisa você ver a experiência que eu to vivendo... Isso você vai ver na tua análise.

P.- Supervisão não é o espaço pra isso.

Carol- Não... Apesar de que você ainda... Na supervisão... Às vezes o supervisor, quando você ta relatando um caso, ele te aponta uma coisa. “Olha, eu acho que quando o teu cliente te falou alguma coisa, mexeu contigo. Veja isso aí”. Você não vai ver isso... Aqui você não vai ver isso... Então diz muito assim... Mas fazer rolle play, fazer representações de como seria no atendimento... Me lembro porque eu estudei com M. e tinha aquela... Só pra gente fazer uma diferença, tinha aquelas possíveis intervenções. Que você pode fazer e tem um nomezinho pra cada uma delas... A gente não tem isso... A gente não tem um... Não é que você tenham um roteiro já pronto, de forma alguma... Mas na teoria de vocês, vocês conseguem fazer uma reprodução daquilo que tava na sessão e reproduz uma intervenção a partir do que o cliente falou. Na psicanálise de forma alguma... Até porque é uma escuta completamente diferente, que é a escuta do inconsciente... Então é algo totalmente diferente... Por isso que a gente não tem essa coisa de vivência, de compartilhar, porque é algo muito particular... Então não pode ser compartilhado... Porque não é algo que pode ser reproduzido... Do ponto de vista da psicanálise é completamente diferente... Não é à toa que não é vista como psicologia... É vista como uma corrente, não contrária... Mas uma corrente que é diferente... Que se difere... Não vai pra consciência, pra psicologia do ego. De forma alguma...

Carol nos aponta como acontece sua supervisão em termos “do que pode e do que não pode”. Lembra-me a teorização que fiz no segundo capítulo do presente estudo, onde conto um pouco a história da supervisão, no qual afirmo, baseado em Band (1995), que quando a supervisão surge como exigência para a formação do analista, houve uma preocupação de delimitar os espaços correspondentes à análise e à supervisão. Parece-me que essa preocupação está presente até os dias atuais. Porém, Carol afirma que sua supervisora aponta para aspectos que “mexeram” com ela e que merecem ser levados para sua análise pessoal. Será que a fronteira entre análise e supervisão é tão bem delimitada assim?

Luzia- O trabalho com L. também não segue essa direção dessa vivência... Das vivências... E de estar trabalhando questões pessoais mesmo na supervisão não... Mas como ela falou também... A partir de algumas intervenções, de alguns momentos nos contatos terapêuticos... Ela pode observar alguma dificuldade... Que aquele cliente ta mobilizando determinados sentimentos na gente enquanto terapeuta- estagiário... E ai ela... De forma superficial isso pode ser abordado na supervisão. Mas se for realmente uma dificuldade que esteja repercutindo de uma forma negativa no contexto da sessão terapêutica, ela indica a terapia individual. Mas isso não é uma coisa que é trabalhada profundamente na supervisão não. A gente percebe que a gente encontra realmente... Apesar de não lidar com muitas questões que a gente ta vivenciando e ta abordando ali na supervisão... Mas ela percebe dentro do possível, como cada uma ta prosseguindo e as dificuldades que ta encontrando... E a gente sente esse apoio nela... A gente sabe que pode contar com ela... De repente ligar pra ela, pra falar sobre o que está acontecendo... Existe uma abertura da

parte dela... E ela é bastante compreensiva diante das nossas dificuldades... A postura que a gente aprende com a teoria da abordagem humanista... De respeito ao outro... De respeitar esse tempo do outro... Ela ensina muito a gente que isso tá presente em todas as relações... Não é só na relação terapeuta-cliente... É nas relações humanas de uma forma geral... É na relação pai e filho... É na relação supervisor - estagiário... Isso é fundamental. E a gente percebe quantas coisas... Por essa atitude de respeito... Quantas coisas a gente vivencia e é mais fácil enfrentar... É mais nesse sentido. E também ajuda a gente a refletir sobre outras posturas que a gente tem em outras relações.

Luzia nos traz em seu relato que sua supervisora atua de modo semelhante à de Carol, mesmo sendo da área humanista, o que talvez nos indique que essa tentativa de delimitar uma fronteira entre psicoterapia e supervisão não seja de exclusividade da abordagem psicanalítica. Inclusive vimos referência a isto no Capítulo 2 do presente estudo, através de Buys (1988), quando tentar nos mostrar a diferença entre psicoterapia e supervisão na ACP.

Além disso, algo me chamou atenção no discurso de Luzia, quando a mesma afirma que sua supervisora intervém apenas quando observa que o cliente está mobilizando determinados sentimentos e que isto está dificultando os atendimentos. Como é essa supervisão que aponta apenas para determinados afetos que repercutem de forma negativa nos atendimentos? Como se dá esse processo de indicar a terapia individual para essa mobilização? Isso provoca a divisão da experiência pelo fato de o estagiário trabalhar em outro espaço e com outro profissional questões que lhe afetam no atendimento?

No trecho recortado de sua entrevista individual, Luzia nos conta que apesar de não tratar de questões mais pessoais na supervisão, sente em sua supervisora uma figura confiável e disponível para dar apoio em momentos de dificuldade.

Carol- E até de forma muito sutil isso é colocado.

P. – É como se fosse uma coisa mais pontual.

Carol- É... Ela só pontua... E que vá ajudar a continuar o atendimento daquele cliente... Ainda hoje eu escuto isso da minha supervisora... Mas mais ainda no início, que ela ainda me dizia: “Isso tá te angustiando, veja o que é que tá te deixando assim”. Então é algo que eu vou trabalhar fora... Não na vivência, como vocês fazem na ACP.

Nesta fala de Carol fica bem clara a situação, quando ela afirma “Então é algo que eu vou trabalhar fora...”. A supervisão não seria um espaço adequado para se trabalhar essas questões? O fato de buscar a elaboração pessoal em outro espaço e com outro profissional provoca a divisão da experiência? Não quero com isso afirmar que sim ou que não. Mas talvez seja uma questão que valha a pena ser interrogada.

Bia- É... Essa questão da vivência a gente faz mais na parte teórica. Nas supervisões a gente não faz muito... Mas de repente pode surgir. Não é vetado que você fale. De repente a pessoa tá num momento que tá realmente precisando da escuta ali... E aí termina virando o que a gente chama de sensibilização... Mas essa parte de vivência em grupo... Do grupo... De conhecimento... A gente faz mais na parte teórica... Nas sensibilizações. Dura em média quatro horas ininterruptas... Mas hoje, durante a supervisão da prática, a gente não faz.

Flávia- Às vezes ocorre também...

Bia- É mais nesse sentido... Pincela assim... "Porque que foi difícil você fazer?". Aí você fala: "é, foi difícil pra mim atender hoje..." Aí faz uma pergunta ou outra... Mas mais pontual, no mesmo sentido... Agora quando a gente tava na teoria é que a gente fazia a questão do grupo... Trabalhava um pouco o grupo...

Carol- Talvez a diferença seja assim, "ah, isso mexeu contigo", mas jamais perguntar porque... Não pergunta porque... "Isso mexeu, veja isso". E não de tentar discutir, ou fazer com que aquela pessoa consiga elaborar o que... Vocês tem esse espaço.

Flávia- Hmm...

Carol- E a gente não... Aquilo a gente vai descobrir na nossa análise pessoal.

P.- Mas tu sentes falta, Carol?

Carol- Não.

P.- Tu prefere...

Carol- Prefiro. Eu acho que quando você se identifica com determinada teoria é assim... Talvez as meninas sintam realmente necessidade de ter isso... Não sei se vocês acham isso.

Carol, Flávia e Bia discutem o formato da supervisão de cada uma. Parece que Bia e Flávia passam por situações parecidas em suas supervisões. Carol associa o formato de sua supervisão com o referencial da mesma, ou seja, a psicanálise. Em que medida o fato de a abordagem ser a psicanalítica influencia no modo como o supervisor desenvolve esta prática, visto que a supervisora de Luzia é da abordagem humanista e tem uma postura parecida? O referencial teórico determina o formato da supervisão?

P.- Na minha época, o pessoal até brincava quando a gente às vezes saía "moído" da sensibilização... E diziam: "ainda bem que eu não tenho isso". Então é uma coisa de identificação mesmo. É como se dissesse: "isso aqui não é pra mim".

Carol- É... Eu não sinto essa necessidade de forma alguma... Muito pela minha identificação com a psicanálise... Mas é engraçado, porque tem essas histórias... Quando você começa a se identificar mais com uma teoria, você fica com aquela...

Achando que as outras não... Mas hoje eu consigo diferenciar aquilo que é a minha identificação e qual é o do outro. Consigo ver que as meninas se identificam com uma outra teoria e que pra elas é uma coisa que completa... E tem muito dessa neuras durante o curso... Hoje eu vejo assim: É muito do outro. Tem gente que não se identifica... Vai procurar um analista... Ai já dizem que é uma questão de resistência... Mas eu vejo que tem muita gente que não se identifica mesmo... Tem gente que não suporta a técnica... O enquadre... Não suporta. Quando vai procurar uma outra abordagem é que se sente mais a vontade. Eu acredito nisso... Não sei se outras pessoas que são da área de psicanálise podem me contestar... Eu consigo ver assim... Eu tenho duas visões: Uma de que é uma pessoa que talvez resista. Ou que simplesmente não se identificou e foi procurar uma outra alternativa... Ta ai a cognitivo comportamental curando, digamos... A questão da fobia... Tem gente que se enquadra nisso ai... Que se enquadra nessa técnica... E ela funciona, as vezes não funciona... Na psicanálise a mesma coisa... Imagine se todo mundo resolvesse... Acho que isso mostra a diferença de cada um. O homem vai criando e recriando certas coisas e a gente vai caminhando pra isso... Não é à toa que o curso da gente tem cinco ou seis anos... Pra ser criado um monte aí... Eu digo nas possibilidades de estágio da gente... Na nossa área de psicologia... Ta sendo aplicada em diversos segmentos... Isso é uma coisa muito interessante...

Bia- A psicologia hoje ta em todos os segmentos...

Carol- Eu acho muito interessante... Quem se sentir identificado ou motivado com determinada área, que siga em frente... Eu respeito muito isso... Respeito muito... Agora também, eu não deixo de puxar a sardinha por meu lado... (Risos) Eu sou apaixonada pela psicanálise. Eu sou apaixonada e o que me... Foi mais a minha análise pessoal... “Meu Deus do céu, isso existe! O inconsciente ta lá! O inconsciente ta lá!” Mas é impressionante como é uma técnica que acho até meio revolucionária mesmo... Mas também não deixo de acreditar nas outras abordagens. De forma alguma... Respeito demais o trabalho das outras abordagens, dos outros profissionais...

P.- Tu começasse a fazer análise antes ou durante o estágio?

Carol- Eu? Faz quatro anos que eu faço. Foi logo no primeiro ano de curso. Não foi logo no primeiro que comecei, lógico... No começo... Nossa Senhora, a resistência é grande... Com dois anos de análise foi que eu comecei a perceber “não, eu quero estudar a psicanálise”. Mas não foi uma coisa assim “Hoje eu acordei e decidi estudar psicanálise”. Foi uma coisa que foi caminhando...

Bia- Embora a gente já tivesse visto isso desde o começo do curso.

Bia afirma que desde o início do curso as pessoas já percebiam em Carol uma tendência para a Psicanálise. Será que Bia percebeu certos indícios subsidiários em Carol que implicitamente formaram uma figura de Carol no papel de analista? Obviamente já existia um interesse da parte de Carol, tanto que ela procurou a análise no início do curso. Porém, as pessoas já a

percebiam com a postura de uma analista. Como seria essa postura? Houve uma espécie de antecipação tácita?

Carol- E olha que a gente não vê psicanálise... E todo mundo acha que sim... Todo mundo acha que estudar Freud... A fase oral, anal, é psicanálise. Não é psicanálise! A gente não vê nada de psicanálise... Eu procuro fora... Procuro participar das jornadas das outras instituições... Dos grupos de estudo... Eu procuro ta buscando mais fora. Eu tive mais contato com a psicanálise agora no final do meu curso... No estágio... Que foi quando eu peguei duas disciplinas com essa minha supervisora... Que foi quando eu vi psicanálise e foi muito pouco... E tem que buscar fora realmente.

Anteriormente, Carol havia nos falado que determinados aspectos pessoais seus são trabalhados fora do contexto da supervisão, ou seja, em sua análise pessoal. Agora ela nos conta que busca fora dos muros da universidade também o conhecimento teórico. Que espécie de formação é essa que dá tanta margem para que o aluno vá buscar o conhecimento em outros lugares? Seria novamente a questão do “currículo suficientemente bom” (FIGUEIREDO, 2004) que deixa a desejar nos alunos algo mais, ou seria mesmo um currículo insuficiente?

P.- É engraçado que vocês começaram falando da prática... Que é pouco tempo... E o próprio estágio tem um tempo só pra teoria... E agora na fala de Carol... Nem a teoria... Porque a gente reclama muito que é muita teoria... Mas nem a teoria ela é dada como deveria... Não é que ela não é vista, não exista... Ela existe, mas é uma coisa muito superficial.

Bia- Eu acho assim, eu sempre falo pra sobrinhos, amigos meus... Que escola quem faz é o aluno. Acho que a mesma coisa é a universidade... É isso que Carol fala... Se a gente fica bitolado só na sala de aula... Só no conteúdo que o professor traz... A apostila tal pra amanhã... E ai você lê só aquela apostila... Capítulo tal pra gente discutir... E você vê só aquele capítulo do livro...

Carol- Aí você vê... Que foi num determinado momento do curso que eu me dei conta que eu tinha que me libertar disso... Então foi uma descoberta muito particular minha. Tem pessoas... E eu acho que é muito pouco ainda... Hoje eu consigo ir na biblioteca e pegar um livro do meu interesse. Independente se foi fulano ou sicrano que indicou. Lógico que o professor indica... Hoje eu consigo ir na biblioteca e pegar um livro que me interesse. Mas houve determinada época que não... Que eu tava aquela coisa presa... Acho que é de cada um... Hoje eu procuro mais... Mas eu também tenho a consciência de que foi no meu tempo. Também teve aquela época de vagabundar... (Risos). Acho que isso ta muito associada à questão da descoberta mesmo... Do caminho que a gente ta trilhando... Pessoal mesmo...

Flávia- Do amadurecimento...

Bia- Do amadurecimento... É porque eu falo... Que a gente vê muito isso no dia a dia em sala de aula... Tem muita gente que só faz isso. É como Carol disse, em

alguns momentos a gente faz isso... Até que você vê que se você ficar só naquilo, que tipo de profissional você vai ser? Teve até uma discussão em sala de aula... Era um trabalho que tava sendo apresentado... Que eu vejo muito as meninas esperarem um príncipe encantado chegar num cavalo alado... Na floresta e de repente chega aquela luz... Vai lhe iluminar e você vai ser feliz pra sempre... Você tem que ampliar... Ver que o mundo não é isso... Não é sala de aula... Não se resume à sala de aula. Você tem que ir na biblioteca buscar conhecimento... Uma palestra que as vezes a gente pensa que não tem nada a ver...

Carol- Você tem razão... Mas também é de saber que você pode ter chegado a essa opinião antes de outra pessoa. Acho que quando você diz isso... Acho que você pode ajudar outras pessoas a questionarem...

Bia- E foi com essa intenção que eu falei no dia...

Carol- Só que também tem que respeitar o tempo de cada um... Eu acho que isso é fundamental. Não sou eu que vou dizer: "Vai pra biblioteca. Vai pegar um outro livro que não seja da disciplina". Não sou eu que vou fazer isso... Acho que tem que vir de cada um... A descoberta tem que ser do outro.

Bia- A descoberta tem que ser do outro... Mas eu não sei se é... É porque é toda uma metodologia... Toda uma visão que cada um tem. E eu vejo... Ainda hoje vejo... Com colegas de estágio não só da mesma área... Mas de você se prender ao que o professor diz... Fazer o que o professor manda fazer... Não que você tenha que ser reacionária, ser radical, "ah, eu vou pegar uma bandeira..."... Não é nesse sentido... Mas eu vejo que tem muita gente que entra na faculdade... E sai e nunca entra numa biblioteca central... Tem gente que não conhece...

Carol- É dele...

Bia- É dele, mas...

Bia e Carol nos falam da descoberta de si que o processo de ensino/aprendizagem contempla, porém de perspectivas diferentes. Ambas concordam que cada pessoa tem o seu tempo e seu modo de se libertar de uma postura apenas receptiva, daquela pessoa que apenas recebe os ensinamentos, sem questionar ou sem ter força o suficiente para romper com o pré-estabelecido e buscar o que ela própria gostaria de estudar. Porém, Carol nos aponta para uma perspectiva mais individual, no sentido de que a universidade segue o modelo do sistema escolar de ensino em massa, e cada um que busque a sua forma própria de se diferenciar. Carol parece demonstrar um certo conformismo com a situação, afirmando que depende de cada um individualmente superar isso. Já Bia parece demonstrar seu inconformismo com esse modelo, como se dissesse que algo poderia ser feito para modificar

isso. De uma forma provocadora, ela nos mostra uma visão mais ampla, do todo.

P.- É dele, mas ele ta se formando no mesmo curso de vocês.

Bia- Que nível de profissional a gente ta... Foi uma discussão que a gente fez até enquanto Centro Acadêmico... Que enquanto Centro Acadêmico a gente faz essas discussões... E iam 10, 15... Sempre os mesmos... Que tipo de profissional a universidade ta formando? Que tipo de profissional eu to me tornando? Eu vou ser? Tanto que eu já levantei várias polêmicas em sala de aula e não só em sala de aula, até mesmo em discussões de outros grupos, com sobrinhos, irmãos... Que às vezes você tem que sair daquela coisinha a saber que o mundo não é só... Só isso... Tem muita coisa pra você ver. Às vezes eu ia pra uma palestra e o povo dizia: "o que é que tu vai fazer numa palestra dessa? Não tem nada a ver com a psicologia!". Mas eu não quero ficar só bitolada na psicologia. Às vezes uma palestra de sociologia me enriquece muito. Antropologia... Filosofia... Cansei de assistir. E o povo dizia: "ah, é porque você é do centro acadêmico". É não!

Talvez a minha intervenção tenha provocado essa fala de Bia. Senti como se ela tivesse com alguma dificuldade de expressar essa sua preocupação com a classe como um todo de uma forma mais clara.

Bia relata um pouco de sua experiência enquanto membro do Centro Acadêmico e sua inquietação com o estado de "letargia" da maioria dos estudantes, que passam pelo curso sem questionar o destino para o qual se dirigem e o contexto no qual estão inseridos. Ela parece ter uma postura atuante na tentativa de fazer algo contra isso. Além disso, Bia nos coloca a sua necessidade de conhecer outras ciências que ampliem o seu conhecimento.

Carol- Mas é porque lhe motiva!

Bia- É! É enriquecimento!

P.- Parece que tu ta dizendo que a psicologia não dá conta.

Bia- Não dá! Não dá. Não dá. A psicologia não dá conta e eu vejo que é meio a contradição do que a gente vem falando no começo... Da gente entrar aqui e não ser preparado... Já vem com toda aquela bagagem de escola... Que você tem aquele livro... E o professor não sai daquilo e você se acostuma com aquilo. Eu vi na universidade uma oportunidade maior de abrir isso. Não desrespeitando o momento de cada um... Não é isso... É porque a gente vê, que como a gente já falou aqui, a psicologia hoje está em todos os lugares... Em todos os campos, em vários campos de atuação. A clínica não vai acontecer só no consultório... Então é isso... É de abrir... Eu fico me perguntando... Ai você diz "ah, tu tem que te preocupar contigo". Claro! Eu me preocupei com a minha formação. Mas não quer dizer que eu não fique angustiada porque eu vejo que minha colega que ta do meu

lado não perceba isso... Que a formação dela vai além da sala de aula, vai além daquelas quatro paredes.

Carol- Ta inserido no coletivo.

Bia- Então... É isso... Eu vejo que muita gente sai da universidade e só abre reproduzir aquilo que viu em sala de aula e só reproduz! Às vezes com as mesmas palavras que ouviu em sala de aula ou que leu num livro... Não to dizendo que isso é errado, é condenável... Vai pra força! Não vai pra força porque fez isso... Mas a gente trabalha... A nossa profissão... Eu vejo que é uma área que você precisa ter conhecimento de muito mais. É por isso que eu digo que só a psicologia não dá conta... Por isso que às vezes você vai numa palestra de filosofia, de ciência política, de antropologia... Áreas que você vê e pensa: "não tem nada a ver", mas que quando você vai realmente ver, tem muita coisa.

Bia procura ampliar o seu campo de visão. Na verdade, ela já apresenta uma perspectiva mais ampla não só da psicologia, mas do campo onde a psicologia está inserida. Bia parece perceber de modo implícito que a psicologia diz da experiência de ser humano, logo, necessita da compreensão de outros modos de ver este ser humano. Talvez por isso ela sinta esta necessidade de buscar outras ciências em que possa transitar. Ela parece encontrar pontos de interseção entre as várias ciências. Novamente lembro-me de Jung, quando ele afirma que devemos estudar várias ciências, mas devemos esquecer tudo ao atendermos àquele que demanda atenção e cuidado. Se tomarmos Polanyi (1958) como referência, podemos afirmar que Bia utiliza todos esses seus conhecimentos que extrapolam a psicologia como recursos, tacitamente, em sua ação clínica?

Uma frase de Bia me chamou atenção: "A clínica não vai acontecer só no consultório". Teria Bia a compreensão da clínica como uma postura e uma inclinação e não como um espaço?

P.- Deixa eu abrir um parêntese. Eu queria ouvir de vocês o que é que vocês acham disso, de a psicologia não dar conta... E se poderia ser feito alguma coisa... Você fala que a própria universidade reproduz o modelo escolar... Estimula isso. E tem que ser um caminho pessoal... Se você quer ir além, é você que tem que ir atrás, porque a universidade não vai te dar. Se vocês acham ou vislumbram se poderia ser de outro jeito... institucionalmente. E essa outra questão, se a psicologia da conta ou não da conta...

Carol- Essa questão de se a psicologia da conta, eu achei muito... Eu não to entendendo bem a questão... qual é. Em que sentido, da conta de quê?

Bia- Eu falei que a psicologia não da conta... Desse conhecimento todo... dessa visão mais concreta de mundo... de sociedade... de conhecer... De conhecimento mesmo.

Luzia- As ciências vêm a se complementar.

Bia- É... as ciências se complementam... Não é a psicologia isolada que vai te formar. Eu vejo assim... Que não foi a psicologia que me formou. Só a psicologia? Não.

Carol- Nem a mim...

Bia- É por isso que eu digo que a psicologia não da conta. A psicologia que a gente vê aqui dentro na universidade... O tipo de formação que a gente é preparado a ter... Não dá conta. É nesse sentido...

Aqui eu volto a me questionar: a formação em psicologia cumpre o que se propõe cumprir?

P.- E o que é que vocês acham?

Carol- Eu volto mais pra questão do que te motiva a conhecer. Me motiva muito mais além da psicologia estudar filosofia... Não estou dizendo coisas que eu já li... Eu li poucas coisas. Mas eu já consigo buscar. Beber de outras fontes... E de fontes que sejam próximas da psicologia. A filosofia é uma delas. Mas eu não sei... Ta meio confuso essa questão se a psicologia da conta, se não dá... Eu volto pra questão que é de cada um. Outras coisas... Interesses culturais mesmo...

Apesar de Carol afirmar que sente motivação para “beber de outras fontes”, em especial da Filosofia, demonstra não compreender muito bem o que Bia quer dizer com “a psicologia não dá conta”. E volta a bater na mesma tecla, de que o interesse por determinada área é uma questão individual.

P.- E você Luzia, ta tão caladinha...

Luzia- Tem essa questão pessoal que motiva de buscar outros conhecimentos... Mas uma coisa que eu penso é nesse profissional que ta saindo daqui formado e que não ta capacitado realmente pra atuar no mercado de trabalho... E isso compromete a imagem da nossa profissão, da nossa categoria profissional. Isso tem implicações sérias. Porque a gente vê todo dia... Diversos profissionais que estão atuando e que vem realmente a denegrir a imagem...

Carol- Não é à toa que a gente é comparado a jogador de búzios, cartomante... Se você for na Livraria, na prateleiras...

Bia- Auto-ajuda...

Carol- Auto-ajuda é o mínimo! Tem conversando com Deus, como conversar com fantasmas, o que uma lésbica pode dizer pra um homem pra saber se a mulher sente prazer... Eu chego pras atendentes e digo: “olhe, isso aqui não tem nada a ver com a

psicologia”. Isso vai muito da questão de qual é o objeto de estudo da psicologia. Então isso ultrapassa as paredes da universidade... Ai chega a atendente e me diz: “Olha, a gente não tem nada a ver com isso... você pode até falar com a gerente, mas isso é questão da matriz...” Então tem que se mandar um e-mail pra matriz... Porque se um cliente chega lá e diz eu quero o livro tal tal tal e diz o autor do livro.... Lá, todo livro é catalogado e tem a sua área... Então se a matriz diz que esse livro é psicologia, ele tem que colocar na prateleira... Eu fico danada!

P.- Onde foi que a matriz descobriu que era psicologia é a grande questão...

Carol- É do senso comum. Todo mundo não diz que todo mundo de psicólogo tem um pouco? Faustão apresentou uma moça, no programa dele, que mexia com búzios como psicóloga.

Bia- A imagem que se forma é... É por isso que eu digo... Tu diz: “tu tem que se preocupar contigo”. Claro! Mas é como Luzia falou... Colocou muito bem essa questão. Que profissional ta saindo da universidade?

Carol- A gente não vai ter respeito... Nesse sentido... Realmente...

Luzia chama atenção para um outro aspecto desta discussão: a imagem da profissão de psicólogo. Lembro-me de uma frase clichê que diz “quem faz a profissão é o profissional”. Parece ser disso que Luzia está falando. E que isso traz repercussões, como lembram Carol e Bia, da quantidade de assuntos diversos que são classificados como psicologia em livrarias.

Carol, então, aponta para uma questão importante: “Isso vai muito da questão de qual é o objeto de estudo da psicologia. Então isso ultrapassa as paredes da universidade...”. Carol percebe que a problemática tem uma raiz mais profunda, a da dispersão da psicologia. Este seria o motivo da “falta de território” sentida por Carol? Essa discussão parece provocar em Carol uma certa preocupação com o coletivo, o que antes não estava presente.

P.- E institucionalmente, burocraticamente, vocês acham que alguma coisa poderia ser feita?

Carol- Poderia... Mas é muito difícil... Faz parte de um sistema que encobre. Eu acho muito difícil... Em diversos momentos durante o curso... Eu digo isso porque estudamos juntas, eu e Bia... Bia sempre participou do movimento estudantil junto com outras pessoas... E eles sempre lutaram pra que muitas coisas se modificassem. A exemplo de metodologia de professores... Eu já não me sentia tão à vontade pra lutar em relação à isso... Porque eu percebia que outras pessoas se sentiam motivados a tentar modificar... E com razão... Mas eu via que eu não tinha força e que é muito difícil você romper com essas coisas... Eu sei que uma minoria unida pode modificar uma maioria. Mas eu vejo como um problema institucional... Do país... Do mundo... De um sistema que ta globalizado. Então eu acho que é difícil dizer assim... Não sei... Poderia ser melhor? Poderia. Mas como? Eu não sei te dizer como. Eu não sei te dizer como seria. Mas de dizer que poderia ser melhor... Lógico que sim... Lógico que sim...

Mas eu vejo um problema do todo... De um sistema que cada vez mais exige da gente. Que exige que a gente obedeça certas coisas e que a gente não lute contra. É difícil dizer isso, mas é a realidade...

Flávia- Alguma coisa... A gente pode até ter uma visão. Dizer: aqui que tinha que melhorar, ali que tinha que melhorar Mas como fazer pra isso melhorar?

Carol- Você vê que desde que a gente entrou no curso se fala em reforma curricular. A minha supervisora diz que desde a época dela tem isso. Eu conversei com uma coordenadora que... Ela é coordenadora do curso de psicologia de uma faculdade no Recife, particular, e durante muito tempo foi coordenadora da UFPE, do curso de psicologia. E ela me disse “Carol, o que você passa... se passa aqui... se passa nas demais universidades federais”. Então é uma coisa muito difícil... Envolve tanta coisa... É tanta complexidade... É difícil de a gente romper com isso... Eu lamento... Só que a gente não pode ficar lamentando, achando que a gente deve ficar parado... Não, a gente pode se movimentar sim. Mas eu tenho consciência de que é algo muito difícil que exige muito mais do que a gente... Muito mais do que nossa luta... Nossa luta enquanto estudantes.

P.- Acho que tem uma questão do mundo mesmo, como você falou, e da própria psicologia como ela se inseriu... Psicologia como ciência.

Carol- Muito recente.

P.- Muito recente e muito dispersa. Muito dá conta de tudo e acaba se enfiando em tudo que é lugar e não existe um consenso nem do que seja o objeto da psicologia.

Carol- Não existe consenso... Exatamente.

P.- Então, como modificar uma coisa que a gente nem sabe o que é ainda...

Carol- E ir pra onde? A gente já não sabe onde a gente tá, imagine... A gente se pergunta: “Pra onde a gente vai então?” Modificar... Às vezes até se encontra algumas justificativas pra mudança, mas vamos pra onde? Se você perguntar hoje pra qualquer pessoa: “Vamos mudar?” “Vamos.” “Mas pra que?” “Pra onde?” “Como vai ser essa mudança?” Eu não sei... Acho difícil responder isso...

Neste trecho da discussão, Carol relata como se sente perante a realidade do sistema educacional, e, em particular, da psicologia. Parece demonstrar uma espécie de enfraquecimento perante a grandeza do sistema, como se não se sentisse capaz de transpor as dificuldades. Nesse sentido, Carol aparenta tentar fazer individualmente o seu melhor dentro desta realidade. Mas não se sente motivada a realizar ações cotidianas que provoquem mudanças. Parece sentir uma espécie de conformismo, ou de descrença que haja realmente uma transformação da realidade. Além disso, Carol nos mostra o quanto se sente perdida perante esta situação.

Bia- Eu concordo em partes com o que foi dito por Carol... Mas talvez por eu ter sido do movimento estudantil, por eu trabalhar com isso... Com movimento social... Ter me inserido numa outra forma de luta... De acreditar numa outra forma... Eu já não vejo assim... Questão de dizer assim "como fazer essa mudança?". Isso tem que ser discutido no coletivo... Então é uma pequena minoria... A gente sempre brigava muito no CA pra fazer assembléia... Ia pra Praça da Alegria... Tentava fazer na Praça da Alegria porque aluno não ia pro auditório... Tentava motivar o aluno com sorteio de livro, de camisa... É complicado... É complicado porque quando você consegue fazer uma leitura de que o curso da gente termina formando esse tipo de profissional, que a gente vê saindo muito daqui da universidade, sem ter essa visão... respeitando o momento de cada um, mas eu fico p***! Porque eu acho complicado alunos que são altamente prejudicados... Num curso que a gente vê que é altamente defasado em diversas áreas... Que a gente poderia ter muito mais... Por isso que eu digo que tem que sair pra procurar... Da busca pelo conhecimento... Não só o que a gente tem aqui. Poderia ser feito algum tipo de mudança institucional? Poderia. Pra nossa realidade... Mas o que acontece é o que Carol falou... É uma minoria que se junta, que discute, que consegue... Até porque hoje... O curso de psicologia... A visão que eu tenho é que essa área de humanas é muito... Meio jogada de escanteio... E também não era muito elitizado como hoje eu vejo a psicologia... Não é só isso... Até porque a gente tem muita gente que tem grana, que tem isso e aquilo e que participa das discussões... Que vai pra movimento estudantil... Que briga... Que tá ali... Mas hoje eu vejo que é também um problema pra gente na psicologia isso... A gente tem muitos alunos e alunas que dizem: "ah, não tô nem aí, já tô me formando"... A gente tem problemas de ter supervisor... A gente vai na sala do primeiro período, aí eles dizem "ah, quando eu for fazer meu estágio vai ter". É muito da gente ainda olhar pro nosso umbigo! Você olha pro seu, o outro que se vire! Quantas vezes a gente já não teve problemas aqui de não ter supervisor de estágio? De ter alunos brigando pro professor lhe pegar?

Carol- Eu acredito que é uma questão cultural, da modernidade...

Bia- É! É uma questão cultural... Se a gente for ficar discutindo aqui vão ser horas e horas... Porque se a gente for pensar assim, que é uma questão cultural então nada muda! Não acredita na mudança... Então a gente já vai contra o que a gente tava dizendo no começo que o ser humano está em constante processo de mudança.

Carol- Que tá inserido numa cultura, e essa cultura é modificada a cada dia!

Bia- É! Mas é meio contraditório, porque quando a gente diz que a gente tá inserido... É a globalização... E que é institucional... Todas as universidades

passam por isso? Passam. Mas não é porque a casa do vizinho ta pegando fogo que eu não vou pegar um balde d'água pra jogar.

Carol- A luta continua, companheiro! A luta continua! A luta ta em cada dia! Só que eu volto a dizer que a gente tem uma barreira na frente da gente e que a gente tem que enxergar isso... É difícil... Isso não impede que a luta continue.

Bia- É difícil, mas não é impossível... Só que quando teve a mobilização... Quando o pessoal teve um problema aqui... Que teve a mobilização... Todo mundo de preto na Praça da Alegria... E foi pra Reitoria e parou o curso de psicologia... De repente se resolveu alguma coisa. Outras não porque... Termina aquela coisa, vamos fazer grupo pra discutir tal coisa, isso e aquilo outro... É aquela coisa que a gente sabe que não dá certo. Mas quando teve aquela mobilização, que mostrou a cara e que disse: "olha, nós estamos aqui, o problema existe, agora nós vamos resolver" A mesma coisa a história da reforma curricular... O que acontece? Ta todo mundo acostumado... Ai o que acontece? "Ah, isso acontece desde o meu tempo". Todo professor diz isso pra gente... Em sala de aula ou fora dela, todo professor diz isso... "Ah, isso é do meu tempo, esse currículo é desde 78, 74... Não adianta que não vai mudar nunca..." Ai é aquela coisa, a gente vai ficar sempre esperando: "Vou ficar aqui, já que vou passar cinco anos aqui dentro, se acontecer a reforma, bem... se não acontecer... bem também..." Você tem a visão de buscar coisa fora... Massa! Ótimo! Mas e aquele aluno que não tem? Aquele aluno que poderia ser instigado por nossos professores? O quê que a gente vê? A gente vê professores que saíram pra o doutorado pra quando voltar se aposentarem com uma aposentadoria melhor!

Carol - Aí vai muito também da visão que você tem de sujeito. A visão que eu tenho não é de ficar instigando isso...

Bia - Mas a visão de sujeito que eu tenho, Carol... Mas vai um pouco além disso. Eu penso assim... Eu quero um dia ter um filho e que ele estude numa escola pública... Não é questão de "ah, tu não vai poder pagar uma escola particular". Se Deus quiser! Tomara que eu possa pagar uma faculdade particular pra um filho meu! Mas eu gostaria muito que ele estudasse numa escola pública...

Carol- Mas aí tem muito dos teus princípios individuais, entendeu, Bia? No seu discurso tem traços muito pessoais seus... E que é muito respeitado... É que eu acho que a gente ta entrando numa discussão que vai muito além... É muito complexo...

Bia- É muito complexo... A gente vai passar horas e horas e não tem... Não bate muita coisa... E são concepções completamente diferentes... Agora dizer que você fica estagnada... Que tem aquela barreira na frente e que você não pode passar aquilo ali... Eu discordo totalmente.

Carol- Você pode passar, mas há barreiras.

Bia- É justamente isso... Não se pode mudar de um dia pro outro... Mas se você não fizer uma coisa hoje, quem chegar aqui amanhã, vai continuar com a mesma visão que se tem hoje.

Carol- É uma coisa de acreditar...

Bia- A gente chegou aqui pensando que reforma curricular não vai ter nunca. Quantas e quantas vezes a gente foi na secretaria, na coordenação, chamar o povo pra discutir... Porque tem muita coisa que seria interessante pra gente enquanto formação acadêmica que a gente não vê! Muita coisa mesmo! Você pega currículos de outras universidades, públicas mesmo... Federais... Totalmente diferente! O nosso é totalmente defasado!

Carol- Totalmente! Totalmente!

Bia- Então isso é uma coisa que me prejudica, que te prejudica, que prejudica a nós todos! Então, é uma barreira? É! Mas não é porque ela tá ali, que eu não possa me juntar com meus alunos... Com meus amigos... Vamos pressionar! A gente sabe que a gente vive... É uma democracia, mas não é... E se a gente não brigar, não acontece... E que a gente sabe que acontece em determinadas épocas... A mesma coisa que acontece aqui dentro da universidade, acontece na política, na prefeitura, no governo do estado... Então na próxima eleição da coordenação, a gente tem mil promessas... Na próxima eleição do departamento, a gente já tem outras mil promessas...

Carol- Freud já dizia que tarefa impossível é governar e educar... E é.

Bia- É quase impossível... Eu não diria que é totalmente impossível... É pior pra quem é governado... Você ser governado... Acho que você ser governo é, teoricamente, mais fácil. Agora você ser governado e se deixar guiar só pelo seu governo... E você ser governado mesmo... Literalmente ser mandado... "Faça isso, faça aquilo". Porque é isso que a gente faz durante todo o curso... Durante todo nosso curso... É da instituição? É.

Carol- Mas a gente precisa de instituição, Bia.

Bia- Não, eu não digo que não precise! Em nenhum momento eu tô dizendo isso.

Carol- Até porque a gente busca líderes. A gente busca referências.

Bia- A gente precisa de instituição... Mas será que a gente precisa da instituição que a gente tem? É essa instituição que nós queremos?

Carol- Ah, é isso que a gente tava discutindo: pra onde nós iremos. Mudar pra onde?

Bia- Eu quero que meu filho estude em escola pública... Mas eu quero que ele estude nessa escola que a gente tem hoje? Não... Não quero... Agora se eu não fiz nada enquanto eu tava aqui dentro... Se eu só passei por aqui... Já ouvi isso de n pessoas... Não só do nosso curso, mas de outros cursos... "Ah, eu to aqui durante o meu curso, depois... Vai privatizar? To terminando o meu curso". Como agora, que se a gente quiser fazer uma segunda... Como a gente tem licenciatura e formação... Quem quiser fazer uma segunda opção... Continuar... Tem que pagar uma taxa. O que é isso? Já é começando a privatizar a universidade pública.

Carol- Como é? Não sabia disso não...

Bia- É... Você agora tem que pagar uma taxa! Se você terminou a licenciatura e vai fazer a formação, tem que pagar uma taxa. Se não me engano é vinte cinco ou é trinta e sete reais... Você viu alguma discussão sobre isso?

Carol- Não!

Bia- Pois é...

Carol- Que palhaçada é essa, hein? E isso é o quê? Foi de onde isso?

Bia- Mas isso é uma coisa que foi instituída e ficou todo mundo calado.

Carol- Eu não sabia... Prazer.

Bia- Quando você vai tirar o seu diploma, você paga cinquenta reais.

Carol- O quê?

Bia- É!

Carol- Pra pegar meu diploma de licenciatura eu tenho que pagar cinquenta reais?

Bia- É! E pra pegar o outro carimbo, da formação... Eu nunca peguei o meu de licenciatura porque eu não vou pagar... Mas quando você for pegar o seu da formação, você recebe primeiro o da licenciatura... Que você se formou primeiro. "Ah, porque a gente não pode... Material... Porque material ta caro..." Cinquenta reais por uma folha de papel? Então são coisas que acontecem... Que vão acontecendo e que vão passando e a gente vai deixando... "Ah, o RU é pra todo mundo" Hoje você tem que dar um atestado de miséria... Não é nem de pobreza... É de miséria... Pra comer uma comida horrível... Muitas vezes nojenta... É como Carol disse, talvez não tenha nada a ver com o propósito da sua tese... Mas é essa

coisa que eu digo que são coisas que vão passando... E que a gente vai deixando... E que ninguém vai lá e levanta a bandeira e diz: "Não é assim!" E que se você é motivado... Eu tenho minhas motivações pra levantar a bandeira? Tenho! Mas a partir do momento que eu chego na sala de aula... Pra falar com os alunos... Dizer o que ta acontecendo... Ta sem supervisor pra isso... E você escuta coisas do tipo: "eu não to precisando de supervisor agora, ainda to no segundo período".

Carol- Também é imaturidade, Bia!

Bia- Carol, entenda... Eu não to dizendo que não é... Eu não to dizendo que todo mundo tem o seu momento... Mas é ainda aquela visão... Você entra pensando em você, no seu umbigo! Você não vê os outros... Você não vê que quando você chegar lá na frente... Eu acho que um trabalho que o CA fez, e que eu acho que ainda faz... Porque eu também me afastei do CA quando comecei com outras atividades... Com outros movimento sociais... Eu me afastei do movimento estudantil... Mas aquela coisa de recepcionar os feras... De mostrar... De tentar conscientizar um pouco sobre isso... Não é tudo... Num café da manhã em três dias de encontro você não consegue mostrar tudo... Pra tentar abrir um pouco a cabeça pra isso. Não é dizer "ah, porque você tem que ser assim, assim" Não... É mostrar. E acho que a gente fazia muito isso, de mostrar.

Carol- E indicar...

Bia- É... Mas se você diz que cada um tem seu momento... Então ao mesmo tempo que você pode não ter a sua motivação pra ir lá, como você mesmo disse... Que vê gente participando do centro acadêmico mas não se sente motivado... É seu... É de cada um, lógico... Mas isso também desmotiva quem ta ali brigando. Quando faz uma assembléia pra discutir reforma curricular e vão 10, 15 alunos num curso que tem 450, 500 alunos... É preocupante... Porque? Porque quando você chega na coordenação com a ata de uma assembléia assinada por 10, 15 e você vê que desses 10, 15... 9 ou 10 são do centro acadêmico... Ai a coordenação diz "e vou me preocupar com isso porque? Se é uma ínfima minoria que ta buscando? O resto não ta nem ai... então vamos continuar." Então é isso... Eu acho que o problema da instituição... Da gente no curso... Eu me preocupo muito quanto a isso, com essa formação... Que formação nossa a instituição ta dando pros nossos colegas... É nesse sentido que eu falo...

Carol e Bia travam uma discussão acalorada. Ambas apresentam perspectivas bem diferentes sobre o mesmo tema. Enquanto Carol defende que é muito difícil entrar numa briga, que pelo que parece, ela percebe como perdida, Bia defende a necessidade premente de que se faça algo para que as mudanças ocorram dentro do curso de psicologia. Bia nos conta ainda, algumas experiências pelas quais passou durante a época em que era integrada ao movimento estudantil. Recordo-me agora de Guattari e Rolnik

(1986, p. 28), quando falam da problemática da micropolítica, afirmando que esta não se localiza na superfície da representação, mas sim na superfície da produção de subjetividade. Na micropolítica, não se trata de criar uma referência geral, mas sim de fazer uma operação inversa, que, “apesar dos sistemas de equivalência e de tradutibilidade estruturais, vai incidir nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade”. Bia teria feito parte de um movimento que tentava criar saídas para os processos de singularização?

Ela nos conta também de sua decepção ao entrar em contato com alunos que não dão o mesmo valor às questões que ela relata, como a defasagem do currículo, a dificuldade de se fazer uma reforma curricular, a falta de supervisores, a privatização da universidade pública e o desinteresse de alguns professores em participar mais ativamente dessas questões institucionais. Apesar de todas estas dificuldades, Bia demonstra acreditar na possibilidade de mudança.

Recordo-me agora, de uma palestra que assisti em que era discutido o desenvolvimento de competências no ensino superior, na qual o palestrante afirmou que os currículos dos nossos cursos de graduação são também formas de poder. Pois aquele currículo determina o que o aluno deve aprender, deixando de fora outras possibilidades. Até que ponto nossos currículos servem para nos prepararmos para a nossa profissão, e não para obedecermos a um sistema que nos diz o que devemos aprender?

Apesar de Bia em seu discurso apontar para a questão da coletividade e Carol para a individualidade, em determinado trecho da discussão, Bia fornece informações com relação a taxas que estão sendo cobradas no curso, que antes não existiam, e Carol parece se indignar. Ela parece ter sido afetada por algo que a atinge diretamente.

O interessante é que Luzia e Flávia não se colocam nesta discussão acerca da instituição. Será que não havia o que ser dito?

P.- Eu acho que tudo que foi falado aqui, é válido sim... Porque eu acho que faz parte da formação de vocês... A instituição não está isolada da formação de vocês... Apesar de perceber que você tem uma ligação mais forte com o movimento estudantil, mas todo mundo passa por esses problemas... Eu to vendo vocês já querendo ir embora... Então... Só pra gente fechar... Eu queria escutar como é que foi participar disso aqui hoje... Não sei nem porque é que eu to perguntando isso... Mas eu queria escutar de vocês como é que foi essa discussão hoje aqui.

Eu não havia premeditado fazer esta pergunta no fechamento do grupo. Porém, naquele momento achei que seria esclarecedor para mim e para o grupo tornar explícito como foi para elas participar desta discussão, já que vários temas foram abordados, gerando inclusive, nos momentos finais uma discussão mais “animada”. Então achei que seria satisfatório para o encerramento uma retomada do todo.

Carol- Eu particularmente achei muito válida. É muito bom escutar Bia... E porque eu também desconheço um pouco o trabalho de cada um... De cada abordagem... Lógico que a gente não se aprofundou... Eu não vou saber de tudo que vocês fazem... Mas eu acho que contribui pra que a gente conviva bem dentro da nossa categoria. Dentro aqui da nossa própria instituição... De forma que proporcione uma melhoria

realmente pro social. Porque a gente ta aqui? A gente tem um propósito... Se a gente ta numa sociedade, a gente tem um propósito para com ela... Então acho que é importante a gente tentar dialogar esse tipo de questão, inclusive de movimento estudantil... Que eu acho que enriquece a gente e a gente tenta entrar em um ponto comum... As divergências sempre vão existir... Em qualquer lugar. Mas eu acho que a gente pode chegar num lugar que possa reinar essas possíveis afinidades... E eu gostei muito, meu gravadorzinho... (Risos)... E até pra saber um pouco do teu trabalho também... Pesquisadora, na área clínica... Porque é sempre muito difícil de delimitar e de a gente também aprender um pouco com isso... Pra mim foi válido demais e foi muito importante pra mim estar participando disso aqui.

Bia- Eu também concordo plenamente com o que Carol falou... Acho que todo momento que a gente tem oportunidade... Já que quando a gente entra no estágio é uma correria... Que a gente não tem mais oportunidade de sentar, conversar, discutir, discussões de todo tipo... Então um momento desse... Por isso que eu disse "se chegar meu cliente tu me chama", porque é um momento enriquecedor... Acho que qualquer conversa, qualquer diálogo, qualquer momento que você tenha oportunidade de falar, de ouvir, de escutar a opinião dos outros, é um crescimento... Aí você começa a conhecer... Eu não sei tudo de psicanálise a partir de agora, lógico... Mas você conhece um pouco mais... Começa a desmistificar algumas coisas... Então acontece isso de desmistificar alguns tabus, algumas coisas que você tem... É aquela questão... Da visão mesmo, você começa a abrir um pouco mais pra olhar com olho assim... Como Carol falou que a gente tem aquela rixa, então você começa... Quando a gente chega no estágio a gente deixa de ter essa oportunidade... E essa questão mesmo de conhecer teu trabalho, de saber como é a tua pesquisa... O objeto de pesquisa... Tudo... Eu achei muito interessante, eu adorei estar aqui hoje... E falar, que é coisa que eu não gosto (risos). Como Carol falou, ela adora conversar comigo, eu também acho que Carol é uma pessoa super centrada.

Carol- Centrada na pessoa! (Risos)

Bia- Então a gente entra nos conflitos... Nas discussões... Nas divergências... Mas sempre muito respeitando muito a opinião da outra. Sempre vi durante todo o curso... Era uma das poucas que sempre perguntava "e aí como é que ta?", por mais que estivesse afastada do movimento... Sempre tava interessada e perguntava como era as coisas... Então eu sempre falo... A gente já discutiu outras vezes... Não discutir de briga, mas discutir de debater de mostrar opiniões...

Carol- Isso é vital.

Bia- É... Até porque a gente vive numa sociedade, a gente não vive isolado. Querendo ou não, a gente ta no social.

Flávia- E aí porque o objetivo comum... / o desenvolvimento do outro... Os métodos vão mudar. A gente tem que respeitar cada abordagem... Aí porque a nossa não é a... / a nossa ou não é / como a psicanálise... Alguns casos a gente vê... Determinada abordagem acho que seria mais legal pra esse caso... Facilitaria melhor o cliente a se trabalhar melhor... A se desenvolver melhor... A crescer. Eu acho que foi super interessante aí pra gente ver... A psicanálise eu já... Acho que eu conversei mais com Carol do que... Nem sempre o que a gente conversa tem mais a ver com... Nunca a gente entrou... Então minha abordagem, a tua abordagem, isso é aquilo. Mas acho que da infantil eu tinha pouquíssima informação. Como legal, você ter mais esse contato. Tudo aprendizagem, eu gostei muito. Achei muito legal... Foi uma experiência muito bacana mesmo. Acho que foi muito enriquecedor. Porque a gente passa cinco anos dentro da universidade... E eu me lembro quando a gente comentava... Quando discutia com os outros alunos... Então, a gente só sabe psicanálise. Mas quando a gente se juntou eu vi que a gente não sabe nada praticamente! A gente sabe pouquíssimo da nossa abordagem, quanto mais das dos outros... Eu acho que foi uma experiência maravilhosa... E antes de sair, eu vou tentar sugerir aqui na clínica encontros desse tipo, P. ... Pra gente poder conhecer... Entrar em contato com uma outra abordagem... Entender como ela funciona também... Eu acho interessante... Eu sei que tem muita gente que pensa assim: Então, não. Eu sou dessa abordagem... E nela fica e levanta a bandeira e critica tudo que não seja de sua abordagem... Mas eu acho que tudo conhecimento que a gente adquire... E que tudo vai... Era mais nesse sentido de conhecer... Que foi legal a discussão... Saber a opinião de... Acho que a de Luzia porque existencial... Tava bem próximo... Eu sei que em muitas coisas divergem a psicanálise da ACP... Muito de entrar em contato a psicanálise e a ACP... De achar que algumas coisas que a gente achava assim mesmo... E ver que outras não tem nada a ver... / mais nesse sentido. Gostei muito...

Luzia- É uma oportunidade válida porque é um espaço que a gente tem aqui... Se disponibilizando pra ajudar você, mas é um espaço que a gente tem pra discutir e conhecer um pouco... Um pouco... Bem superficialmente da abordagem do outro, mas também de saber quais são as preocupações do outro... E também refletir sobre as nossas preocupações... Acho que é mais ou menos nesse sentido mesmo.

Bia- E conhecer um pouco mais da prática clínica, porque eu também não conhecia... Principalmente da psicanálise, que a gente vê muito teoricamente... E a partir da tua experiência, a gente pôde conhecer um pouquinho mais sobre a prática que cada um vivencia...

Luzia- E que cada um enfrenta dificuldades nessa etapa e aí a gente percebe que não é só você... Outros também tem.

Flávia- /... Outros também tem.

Bia- Dificuldades de todas as abordagens...

P.- Independente de linha e de público...

Flávia- Todos temos dificuldades...

De maneiras diferentes, cada uma coloca que a participação no grupo foi positiva por o mesmo ter se mostrado como um espaço para que se possa conhecer mais a prática do outro, e desmistificar algumas coisas que muitas vezes não condizem com a realidade. Neste momento, percebo com clareza o tamanho da falta de um espaço para que os alunos possam se reunir e compartilhar suas experiências como aspirantes a psicólogos. Carol questiona inclusive a existência de espaços “oficiosos” (como vemos abaixo). Não há um espaço oficial dentro do curso para discutir as questões cotidianas, mas também não há um espaço “oficioso”? Será que os alunos incorporam a dispersão da psicologia e acabam se tornando dispersos também?

Como vimos em outros momentos da discussão, os alunos vão buscar fora do contexto da universidade (psicoterapia ou análise) um espaço para que eles possam elaborar suas afetações no decorrer do curso. Ou, alguns ainda têm a oportunidade de ter a supervisão como um espaço para elaboração. Mas isso não é uma regra geral.

Além disso, Luzia compartilha de forma sutil que a participação no grupo a fez perceber que as dificuldades pelas quais ela passa, outros passam de forma semelhante. Solitários sim... Solidários também.

Por fim, reconheço a qualidade interventiva deste tipo de pesquisa. Na fala de Flávia, percebemos isso com clareza, quando a mesma afirma que vai inclusive sugerir para que haja outros encontros como este.

P.- É gente... Pra mim foi muito rico... Vocês não tem noção de como foi rico... Vocês estavam falando em falar um pouco da pesquisa e tudo... Primeiro a minha experiência no estágio foi o que me levou a querer pesquisar melhor... Ouvindo a experiência de outras pessoas... Que é o que a gente ta fazendo aqui. A minha experiência no estágio foi muito desalojadora... Como eu ouvi um pouco de vocês também. Porque quando eu comecei na prática... Que é quando a gente pode sentir mesmo como é ser psicólogo... É quando você ta praticando... E eu vi que nunca nenhuma uma teoria ia dar conta, que nunca eu ia estar preparada... De dizer assim: “pronto, agora chegou. Eu sei atender”. Nunca vai deixar de me desafiar. Então quando eu comecei a praticar, eu vi que isso... Que ia ser um eterno desafio... Então eu fiquei muito desalojada... Porque não era uma questão de “eu estou no estágio... estou aprendendo e quando eu me formar eu vou saber” E pensei em desistir da clínica e voltar pra organizacional, que era onde eu tinha mais prática... Mas aí também... Eu vi como isso é encantador. É uma relação de amor e ódio... Lhe desaloja... Lhe traz angústia... Mas você gosta de estar ali... Então eu comecei a ver que o caminho é muito pessoal... Que a gente imprime uma marca da gente ali... Que não é só o livro que lhe dá. Que a sua própria leitura é pessoal... E que isso ta tão misturado... E às vezes a gente não tem nem onde elaborar isso. Porque às vezes a própria elaboração pessoal fica relegada só à terapia. E talvez devesse, coubesse, à universidade também um espaço pra que a gente pudesse elaborar a

experiência de estar se tornando psicólogo. E não ficar dando só cadeira, cadeira, cadeira... Que houvesse um espaço oficial e não oficioso, como a Praça da Alegria... Pra discutir essas questões também, da formação da gente.

Carol- Às vezes oficioso né?

P.- Foi minha experiência que me levou à minha questão pra pesquisa... Que me fez voltar ao estágio... Com a formação... Porque a psicologia quando ela se inseriu na ciência, ficou um pouco enquadrada. Esqueceu um pouco essa questão de que psicólogo é gente... E que tem a questão da elaboração pessoal mesmo... Porque você psicanalista não vai reproduzir o que Freud fez, nem Lacan, nem Melanie Klein, nem ninguém! Só que isso não é reconhecido oficialmente... Aqui dentro... E é como você falou... Você brigando pra ter essa marca... Então é uma preocupação... Eu me voltei pra clínica, mas isso poderia ser visto em qualquer área? Poderia. Eu me voltei pra clínica porque foi minha experiência. E é uma questão da formação... Tem uma preocupação política também... Mas não só... Da prática clínica mesmo... Que foi o que me motivou. Eu vejo que a aprendizagem da gente se marca na pele como tatuagem quando a gente vai pra prática... Quando você... É aquilo que você falou, que é uma abertura não só pro outro, você se olha... Então eu quero entender melhor isso.

Carol- E deu pra entender? (Risos)

P.- Eu ainda não tive nem tempo! Vou ouvir as fitas... A discussão hoje foi riquíssima pra mim. Tanto que eu não precisei nem falar quase... Deixei vocês levando... Porque foi muito rica... Ainda não sei o que é que eu vou tirar daqui, claro... Mas foi muito bom escutar vocês.

Encerro o grupo contando um pouco de minhas inquietações que me fizeram chegar ao mestrado e encontrar uma questão como guia. Ao final, Carol me pergunta se “deu pra entender” o que eu estou querendo saber. Eu afirmo que ainda não sei, mas ao mesmo tempo digo que foi uma experiência riquíssima para mim. Talvez este tenha sido um momento de antecipação tácita, de que tinha nas mãos algo que me subsidiaria a compreender o que me propus. Uma matéria bruta que não precisa nem ser lapidada, mas sim observada mais de perto, em suas interfaces.

Percebo que a metodologia que utilizei para a consecução da pesquisa foi extremamente válida para uma melhor compreensão da questão que me interpela e que ela realmente se caracteriza como uma pesquisa interventiva. À medida que as experiências vão sendo trocadas, é como se algo fosse se movimentando e a elaboração fosse ocorrendo contemporaneamente. Compreendo, então, na prática, como a questão é posta em ação.

A seguir apresento como acolhi as aprendizagens vividas durante esta jornada. É um movimento parecido com olhar um álbum contendo fotografias tiradas durante uma viagem. São recordações... Histórias que vão ser contadas e recontadas... Experiências que agora podem ser melhor elaboradas e refletidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ACOLHENDO AS APRENDIZAGENS

*Viajante, não lhes peça nada
Além de esperança e alento
São folhas, são cadernos, são palavras
São indecifráveis madrugadas
Deixe-as seguir no vento*

Flávio Venturini e Ronaldo Bastos

A cada passo dado desta jornada, meu corpo foi assimilando e retendo as aprendizagens proporcionadas pelos desafios do trajeto percorrido. Agora a jornada *chega* a algum lugar. Surgem, então, as lembranças da viagem, em um movimento quase natural de tentar decifrar as marcas que ficaram gravadas, ao mesmo tempo em que explícito, enfim, todas as aprendizagens por mim acolhidas.

Contar com a companhia dos interlocutores proporcionou, através da escuta da experiência, uma compreensão de como é o vir a ser psicólogo clínico. Pude ser atravessada por estas experiências e, com isto, acredito que tive recursos para ter uma visão mais límpida acerca das várias facetas da mesma questão. Assim, parto agora para expressar, de forma mais pontual, como vejo estas pequenas faces, que a mim se apresentaram como fazendo parte da questão norteadora:

- Tanto na busca de recursos teóricos quanto na escuta dos interlocutores, aparecem referências quanto a aspectos estruturais do curso de psicologia. A começar pelo próprio **currículo** do curso. Percebe-se a insatisfação dos participantes da pesquisa com relação às disciplinas oferecidas, tanto quanto ao conteúdo quanto à própria forma em que são organizadas, não havendo uma clara articulação entre elas. Parece que esta desarticulação gera uma espécie de “falta de território” nos alunos. É como se todo o conhecimento fosse se acumulando sem encontrar uma destinação. Além disso, os alunos

parecem compreender todo o conhecimento aprendido como distanciado de si próprios. Não há uma abertura para que os alunos possam articular não apenas as disciplinas entre si, mas entre eles mesmos também.

- Esta insatisfação seria positiva por provocar nos alunos o desejo de buscarem, por conta própria, recursos fortes o suficiente para sustentar a formação deles? Ou estaríamos mesmo frente a um currículo que sozinho não oferece sustentação? É possível que estas perguntas se complementem, e que não necessariamente sejam reciprocamente excludentes.
- Acolhemos as narrativas de estudantes de duas instituições distintas. Há diferenças marcantes, ocasionadas principalmente pelo fato de uma instituição ser privada e a outra pública, o que obviamente gera uma diversidade quanto às disciplinas oferecidas, à estrutura da instituição, o tempo de formação (em virtude das constantes greves nas universidades públicas que atrasam o curso), entre outras. Porém, para além destas diferenças, percebemos que a insatisfação quanto à estruturação do curso é semelhante. Vemos que ambas seguem o modelo de que é preciso antes haver uma preparação teórica, para que só então haja a vivência da prática. Desta forma, vemos que a própria organização do curso provoca a cisão da experiência, visto que não articula prática e teoria durante quase todo o tempo de formação.
- Ouvimos dos interlocutores o quanto o momento da **prática** é esperado, dando uma conotação de legitimação do que foi aprendido nos anos anteriores. A prática parece abrir a possibilidade de descobertas nos alunos não apenas acerca da psicologia clínica em si, mas também de aspectos pessoais, que se desvelam a partir da abertura à experiência de prestar

atenção e cuidado ao outro. De certa forma, é um encontro com o inesperado que, ao exigir improvisação e invenção, propicia uma abertura para o pré-reflexivo. Neste sentido, a clínica provoca uma aprendizagem autodescoberta assimilada na experiência. A prática possibilita que cada um possa se perceber fazendo, da forma como estão fazendo. E esta “forma” parece dizer muito da experiência de ser humano de cada um, e não apenas do que foi aprendido durante o curso. Pudemos ouvir dos interlocutores a alegria, a ansiedade, a emoção, o medo, a tristeza, enfim, os sentimentos ambíguos que o encontro com o outro provoca. Vimos, portanto, a surpresa de se perceberem implicados com o próprio fazer.

- A **supervisão** mostra-se, então, como contexto essencial para que os alunos possam finalmente se perceber como parte integrante de tudo aquilo que foi aprendido. O momento da supervisão permite (ou exige) que o aspirante a psicólogo clínico se interprete como futuro profissional. A supervisão proporciona que o estagiário perceba a forma como ele próprio pratica a psicologia clínica. Desta forma, se transforma no espaço onde há uma constante relação entre os conhecimentos “por mim” aprendidos e a prática “por mim” realizada, e não sobre o que o outro aprendeu ou praticou, provocando, assim, a incorporação de um saber e de um fazer próprio.
- A escuta das narrativas dos interlocutores nos trouxe interrogações pertinentes acerca da supervisão. Vimos acima que a supervisão ocupa um lugar especial na formação do psicólogo clínico. Porém, apesar de este espaço ser institucionalizado, não há um formato único que o defina. Os alunos se vêem diante de uma diversidade de linhas teóricas e de especialidades dos supervisores. Como é essa formação clínica que abrange

tantas diferenças? Qual a função da supervisão? Ouvimos de nossos interlocutores como seus supervisores têm modos diferentes de supervisionar, mesmo que sigam linhas teóricas semelhantes. Outrossim, vimos como supervisores têm um modo semelhante de atuar, mesmo seguindo linhas teóricas distintas.

- Outro ponto que chamou a atenção, foi a delimitação da fronteira entre supervisão e **psicoterapia**. Os colaboradores deste estudo são alunos de instituições que obrigam o aluno a estar em processo psicoterápico durante o período de estágio supervisionado. Qual seria o intuito desta obrigatoriedade? Qual o papel que a psicoterapia está representando nesta situação? O dever de estar em psicoterapia provoca algum tipo de desobrigação nos supervisores, visto que podem encaminhar o aluno para trabalhar questões mais profundas na terapia? Ou não seria mesmo função da supervisão servir como espaço para elaboração de questões vivenciadas mais intensamente pelos alunos? Acredito que estas perguntas são pertinentes, à medida que na narrativa dos interlocutores, há uma indicação de que a psicoterapia estaria tendo uma repercussão pedagógica, e que na supervisão acontecem momentos terapêuticos. Mais uma vez, nos deparamos com o extrapolamento dos limites entre supervisão e psicoterapia.

Diante do exposto, parece que se tornar psicólogo clínico é um vir a ser que envolve uma gama de elementos, sejam eles reconhecidos e oficiais ou não. Neste movimento de “olhar o álbum de fotografias”, recordo-me dos co-laboradores, quando afirmam a mistura de fatores que envolvem a formação em clínica: o conteúdo teórico, as conversas “desinteressadas”, a psicoterapia, a prática clínica, a

supervisão, a aprendizagem significativa que envolve a atribuição de sentido e a descoberta de si próprio...

Podemos até afirmar que se tornar psicólogo clínico envolve a nossa própria condição de sermos seres de projeto. Há um ponto de partida, mas não há um fim certo. Há uma destinação que nos guia para onde imaginamos que vamos chegar. Ou seja, de concreto mesmo, só há o lugar de onde estou partindo e o horizonte que vislumbro poder chegar. O meio do caminho, ou como diria Serres (1993), a verdadeira passagem, é uma travessia que pode surpreendentemente fazer com que nos percamos, pois é lá, neste meio, que ocorrem o cruzamento e o trânsito de todas as possibilidades.

A presente pesquisa, então, aconteceu tentando compreender este “meio do caminho” do vir a ser psicólogo clínico, onde ocorre a mistura e a mestiçagem, no sentido dado por Serres (1993), que é quando somos atravessados e viramos nós mesmos interseções. Uma mestiçagem que ocorre de forma misteriosa, uma mistura que acontece por dentro do corpo, ou seja, incorporada.

Vale ressaltar, que a própria pesquisa também só contempla uma referência de partida e uma destinação, assim como o processo de vir a ser psicólogo clínico. Desta forma, mestiça também me reconheci, ao atravessar o meio do caminho e encontrar outras possibilidades.

A laboração desta pesquisa me proporcionou a mudança de “turista” para “viajante”. Desde o princípio deste trabalho me apresentei desta forma, baseado no diálogo que ocorre entre três personagens (um casal e um amigo) no filme de Bernardo Bertolucci *O céu que nos protege*, (SCHMIDT *apud* MORATO, 1999, p. 91), e que agora recorro novamente no intuito de mostrar como me vejo após todo o labor da pesquisa:

Amigo: Terra firme. Devemos ser os primeiros turistas desde a guerra.

Mulher: Somos viajantes, não turistas.

Amigo: Qual a diferença?

Marido: O turista pensa em voltar para casa assim que chega.

Mulher: E o viajante pode nem voltar.

Dessa forma, ao final desta jornada, me apresento ainda como viajante, no mesmo sentido em que me apresentei no início deste trabalho: desprendida da necessidade de voltar para algum lugar que sinto pertencer... Mais confiante no saber da experiência que impregna nosso cotidiano e que naturalmente incorporamos.

A experiência de cruzar os caminhos indicados pela questão norteadora provocou a mestiçagem de novos gestos, novos olhares, novos costumes que foram por mim acolhidos de forma silenciosa e tácita, como se estas diferenças se escondessem embaixo da pele. Assim, a “viagem” não termina por aqui. A viajante continuará seguindo caminho, sendo movida e atravessada por outras questões que surgiram e que irão surgir clamando por atenção e cuidado.

REFERÊNCIAS

- ADVÍNCULA, Iaraci Fernandes. **Experiências desalojadoras do eu e escuta clínica**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2001. 227 p.
- ANDALO, Carmem S. de A. A prática da supervisão nos estágios de formação do psicólogo (área educacional). *In: Anais do Primeiro Encontro Nacional de Supervisores de Estágio na Formação do Psicólogo*, São Paulo: UNIMARCO, Editora e Publicidade, 1993, pg 41-46.
- ARENDRT, Hannah. **A Condição Humana**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1999. 352 p.
- BACCHI, Carolina. Supervisão de Apoio Psicológico: espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. *In: MORATO, Henriette T. P. (Org). Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 209-221.
- BAND, Ary. **Supervisão: a permanente fugacidade do sentido buscado**. Disponível na Internet. <http://www.artesdecura.com.br> Acesso em: 19 de maio de 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 256 p.
- BUYS, R. C. **Supervisão de Psicoterapia: na abordagem humanista centrada na pessoa**. São Paulo: Summus Editorial, 1988. 111 p.
- CABRAL, Bárbara E. B.; MORATO, Henriette T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. **Interlocuções**. 3 (12), 12.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **Re-aprendendo o mundo através do corpo**: um estudo sobre a experiência perceptiva em Merleau-Ponty. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1996. 154 p.

CARVALHO, Ana Carolina; BACCHI, Carolina; KOVÁCS, Maria Júlia. A formação de psicólogos: um serviço a serviço de alunos. *In*: MORATO, Henriette. T. P. (Org). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 235-249.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981. 309 p.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996. 142 p.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983. 732 p.

DUTRA, Elza M. S. **Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000. 221p.

FIGUEIREDO, Luís C. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 1. p.89-95, 1993.

_____. A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica "negativa". **Boletim de Novidade Pulsional**. (Centro de Psicanálise), São Paulo, n.57. p.17-22, 1994.

_____. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos. 3. ed. rev. e amp. Petrópolis: Vozes, 2004. 183 p.

FEYERABEND, Paul K. **Adeus à razão**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. 371 p.

GENDLIN, Eugene T. **Experiencing and the creation of meaning**. Nova York: The Free Press o Glencoe, 1962.

_____. Experiencial Phenomenology. In: NATALSON, M. (org.) **Phenomenology and the social sciences**. Evanston, Northwestern University Press, 1973.

_____. Befindlichkeit: Heidegger and the philosophy of psychology. **Review of existential psychology and psychiatry**. [S. l.: s.n.], 1978/1979. p. 43-71.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. 327 p.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Cadernos de Tradução**, n. 2, DF/USP, 1997, p 40-93.

LÉVY, André. **Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido**. Belo Horizonte: FUMEC, 2001. 223 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

MICHELAZZO, José Carlos. **Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 1999. 227 p.

MORATO, Henriette T. P. **Eu-supervisão: em cena uma ação buscando significado sentido**. 1989. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

_____. (Org). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 440 p.

_____. Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In:_____. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 27-43.

_____. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. *In*:_____. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 117-130.

MORATO, Henriette, T. P. ; SCHMIDT, Maria L. S. **Aprendizagem Significativa**: informação e narrativa. Disponível em: http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0004.shtml. Acesso em: 20/10/2004.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUSCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 358 p.

POLANYI, Michael. **Personal Knowledge**: towards a post-critical philosophy. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

_____. **The tacit dimension**. Gloucester: Peter Smith, 1983.

POLANYI, Michael; PROSCH, Harry. **Meaning**. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda., 1985. 329 p.

_____. **Tornar-se pessoa**. Lisboa: Moraes Editores, 1961. 346 p.

_____. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 1983. 156 p.

_____. **Psicoterapia Centrada en el Cliente**. Buenos Aires: Paidós, 1966. 459 p.

SAIANI, Cláudio. **O valor do conhecimento tácito**: a epistemologia de Michael Polanyi na escola. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. 201 p.

SANTOS, Boaventura. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1996. 348 p.

SCHMIDT, Maria. L. S. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa.** Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1990. 212 p.

SCHMIDT, Maria. L. S. Aconselhamento psicológico e instituição: algumas considerações sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP. *In:* MORATO, Henriette. T. P. (Org). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 91-106.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: ARTMED, 1998. 256 p.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 189 p.

SILVA, Dimitri C. G. **Oficina de criatividade:** dispositivo para supervisão.

Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco: UNICAP, 2003. 289 p.

TEIXEIRA, Maria da Conceição. **A dimensão ética e política da supervisão na prática clínica.** Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco: UNICAP, 2001. 111 p.

TRINCA, W. **A etérea leveza da experiência.** São Paulo: Siciliano, 1991. 232 p.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Tornando-se Psicólogo Clínico

Eu _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) do Projeto de Pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador **MARCUS TÚLIO CALDAS**, professor da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo da pesquisa é:
Compreender aprendizagem significativa como o trânsito entre um modo de saber prático, ancorado na experiência pessoal, e um modo de saber advindo de uma teoria, uma focalização temática, através da experiência de estagiários de psicologia, em formação clínica.
2. Durante o estudo participarei de um encontro em grupo para discussão acerca do objetivo supracitado, juntamente com outros estagiários de Psicologia Clínica. Estou ciente de que há a possibilidade de haver mais de um encontro em grupo. Participarei também de uma entrevista individual para a autenticação do que foi dito por mim no grupo. Estou ciente de que tanto a discussão em grupo quanto a entrevista individual serão gravadas em áudio para que os dados sejam colhidos com fidedignidade.
3. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.
4. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa.
5. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados, apenas, para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
6. Poderei contatar o Comitê de Ética da UNICAP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone (81)32164000 o qual encaminhará o procedimento necessário.

João Pessoa, ____ de _____ de _____.

_____/ RG: _____

Voluntário

MARCUS TÚLIO CALDAS
Coordenador da Pesquisa

ANEXO B

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS²

Participantes do Grupo Um

Entrevista com Késia

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

(Olha rapidamente a discussão transformada em texto, dando mais atenção às suas falas)

Késia- Eu ainda lembro quando eu disse isso...Dos conceitos... Sobre as nossas crenças, os nossos conceitos... Não deixar passar pra o cliente... Não deixar que isso interrompa o processo, porque eu não aceito e a pessoa aceita. Eu lembro bem...

Késia- Na verdade aqui não é dez reais, é quinze, eu que me enganei. Ta aprovada a transcrição (risos).

P.- Está fiel ao que você...

Késia- Ta. Eu to achando engraçado porque é interessante você ver escrito o que você disse depois de um tempo. Mas com certeza ta.

P.- Tu não tens nada a acrescentar ou modificar?

Késia- Só o preço lá... O restante é tudo que eu penso ainda. Eu continuo pensando... A única coisa que eu tenho pra acrescentar... É quando eu falo assim: "a prática já deveria ter começado a mais tempo". Mas agora eu me pergunto: "será que se a prática tivesse começado mais cedo eu estaria preparada?". Somente... Só pra deixar essa pergunta no ar. Será que se tivesse há mais tempo... Mas não deixa de ser uma coisa que poderia ser testado pra ver se a gente tem capacidade... Em um ano antes, quando a gente já começa no nono período da formação, se a gente já tem essa capacidade. Acho que só tentando pra que haja isso... Somente... Será que essa prática deveria começar mais cedo?

² Os trechos sublinhados foram inseridos no Capítulo 5 – Uma interpretação ou o “Lugar Mestiço”.

Entrevista com Máisa

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Maísa - Tem uma coisa que mudou aqui... Que você perguntou e eu disse que não... Se algum atendimento já tinha me feito recorrer a alguma coisa minha... Quando eu fui pra minha terapia, eu disse pra minha terapeuta que aconteceu uma coisa que eu nunca pensei em passar por ela. Que um cliente trouxe uma questão relacionada a um problema de saúde, e que tava ocorrendo risco de morte, que poderia ocasionar a morte dele. E eu tinha vivido uma experiência de perder minha avó assim... Com uma doença, um problema de saúde que poderia trazer algumas coisas futuras ruins, mas não era uma coisa tão clara... E quando eu tava com ele... Ele começou a me falar... Eu comecei a me sentir mal... Um sentimento tão diferente... Eu fiquei meio perdida, sem saber... É como se eu tivesse vivendo emocionalmente o que ele tava trazendo... e eu não conseguia... eu tive que ficar mais calada na sessão... Eu tive que começar a elaborar na minha terapia pra dar continuidade e também não queria dizer pra ele que não... Porque na hora que ele chegou... Foi uma coisa bem interessante... Ele sentou ai disse: "olhe, eu trabalho aqui no posto de saúde e eu queria dizer a você que eu gostei de você, que eu tive empatia... Porque já vieram outras psicólogas e eu nunca tive coragem de falar isso... E eu to depositando toda minha confiança em você". Foi logo depositando toda essa confiança... E eu pensei: "Meu Deus, o que é?". Quando ele foi começando a relatar... realmente foi uma coisa que mexeu comigo. E eu fiquei mais escutando... fiz uma intervenção bem *light*... Levei pra minha terapia... conversei com ela... comecei a trabalhar na terapia pra quando fosse atender ele já estar com um suporte maior pro atendimento. Foi uma coisa bem interessante, porque eu nunca pensei que pudesse me pegar de surpresa. Ai eu comecei a entender quando você relacionou com a história da vida e de alguma coisa pessoal sua no atendimento.

P. - Mexeu contigo...

Maísa - Foi... E eu pensei que eu já tivesse mais resolvida... já faz dois anos... Mas no momento eu vi que não. Ai eu senti esse tipo de situação. Porque a gente nunca espera que isso aconteça... Porque eu não queria também... Como eu disse a ela, que fiquei em dúvida se eu dava continuidade ou se eu desistia. Ai ela disse: "Não... A gente vai trabalhando... Se você sentir que tem condições, você dá continuidade. Se realmente é uma coisa muito forte, então a gente vai trabalhar pra você falar com ele, que não está tendo condição". Ela começou a me dar algumas dicas... Eu fui trabalhando e fui sentindo se poderia dar continuidade. Até porque era uma pessoa que eu conhecia, dentro do Posto. Apesar de não ter intimidade, era uma pessoa do convívio no Posto. Então seria essa a mudança. Mas só foi essa situação que eu senti diferente... E pra terapia eu sempre levo alguma coisa... Não em toda terapia, mas eu sempre levo... alguma coisa que eu tenha sentido diferente... Eu sempre levo pra terapeuta e acho muito bom... Porque você faz aquela troca e parece que aquilo lhe dá uma força maior pra você organizar e avaliar o que fazer... É por aí... O que eu senti de diferente foi isso. E quando você falava, eu não tinha passado ainda... É engraçado como a gente não espera.

P. - É realmente, na hora pareceu que tu não estavas entendendo...

Maísa - E a gente vai observando como é importante a supervisão... É fundamental... É importante mesmo. Eu acho que quando a gente termina a universidade, da aquele alívio... Que terminou a universidade... Você se sente mais livre pra estudar... Tem opção de escolha pra fazer algum curso que você deseja... Estudar mais em casa... Não fica com aquela responsabilidade... A monografia também... Porque é um momento um pouco impróprio, eu acho. Porque você está ali, numa experiência totalmente nova, de atender, estudar, estudar os seus casos, ta na sua terapia, ta estudando a sua abordagem... E tem que dar conta de um monte de coisa... E quando a gente pára, pensa: "agora eu vou ter tempo de reler um monte de coisa dentro da minha abordagem..." De ir criando nossos próprios passos... Criando o caminho que realmente eu quero...

P. - Um caminho teu e não da universidade...

Maísa - É exatamente... Eu senti um alívio... Poder estar livre pra trilhar outros caminhos...

P. - Que bom que essa sensação veio... Sinal que tem algum caminho pra seguir...

Maísa - É...

P. - Tem mais alguma coisa, fora isso, que tu queiras acrescentar ou corrigir?

Maísa - Não, fora isso não. Tenho a mesma percepção anterior.

Entrevista com Diva

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Diva- O diálogo foi se desenvolvendo sobre as questões... Então tudo que eu coloquei com relação à teoria, à prática... O que eu talvez mude aqui é quando Rui acrescenta que é mal distribuído, que eu não coloquei... Então as disciplinas que a gente pagou atrapalhou muito a prática... E isso deveria ser visto no período anterior, pra que a gente não ficasse tão sobrecarregado quanto a gente ficou agora. Foi realmente muito corrido... Monografia, relatório, disciplina, prova... Isso ai atrapalhou com certeza o desempenho da gente. Mais essa questão do curso... que poderia haver uma distribuição melhor de disciplinas nos períodos, pra que o último período seja só a prática e monografia, sem disciplinas. Acho que é só isso mesmo.

P.- Tu tens mais algo a dizer?

Diva- Ah, eu to muito aliviada... Como eu te falei, tava muito sobrecarregada... Então quando a gente entrega a monografia que defende... Tira um peso das costas enorme. E to com gás muito grande pra começar... Vou realmente desenvolver essa área e tentar. To com uma vontade imensa de começar. É isso... Eu to feliz...

P.- Que bom!

Entrevista com Rui

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

(Olha atentamente toda a discussão)

Rui - Eu não entendi muito bem isso aqui. Se eu disse isso aqui, não foi isso que eu quis dizer.

P. - Às vezes a gente fala uma coisa e quer dizer outra... Por isso que esse momento da pesquisa, que a gente chama de autenticação, é importante.

Rui - Se eu falei isso... Só tem um erro ai, que se eu falei não era aquilo ali. Ou talvez eu tenha falado uma coisa e tenha sido colocada outra.

P. - Não... A transcrição foi literal...

Rui - Quanto à minha opinião a respeito do curso, a respeito do psicólogo, a respeito da terapia... Continua sendo a mesma coisa.

P. - O que será que foi, em relação à terapia?

Rui - É uma palavra que fala... terapia... Vamos ver se eu acho, porque é isso que você quer, não é?

P. - Exatamente.

Rui - A respeito da autenticidade e da honestidade... Você diz: “você falaram de uma palavrinha que é muito utilizada na ACP, mas que outras abordagens também falam com outras palavras, que é essa questão da autenticidade. Como é que vocês vêm essa questão de ser autêntico, de na hora ter que recorrer ao que vocês... Só tem você e ele ali... Tem que ser você naquela hora”. Ai eu respondi: “Acho que se o camarada não for autêntico ele é desonesto. E se você for um profissional desonesto... Pronto, acabou! Então autenticidade está relacionada à honestidade. Você pode até chegar pra um paciente e dizer: ‘olha, no momento, não me ocorre nada para que eu possa responder ou satisfazer suas questões. Mas eu lhe prometo que na próxima eu lhe trarei uma resposta’. Até a esse ponto... Mas é preferível isso do que ser autêntico”.

P. - Ficou contraditório...

Rui - Porque se eu to relacionando que a autenticidade está intrinsecamente ligada à honestidade... Pra ser autêntico ele é honesto. Seria assim: “Até a esse ponto... Mas é preferível isso do que *não* ser autêntico...”. Pronto! Ta certo! É preferível você dizer isso ao paciente, que não tem uma resposta, de que não ser autêntico... de chegar e inventar alguma coisa, de mentir ou enganar o paciente... Ser desonesto com ele... Isso aqui deveria ser o seguinte: “é preferível isso do que ser desonesto com o paciente”. Dizer uma coisa que você não ta sabendo no momento. Era só isso.

P. - Eu entendi o que você estava querendo dizer, mas é que às vezes quando a gente fala, a gente engole as palavras...

Rui - A gente tem umas afasias, que você pensa uma coisa e diz outra. Há uma interrupção entre o pensamento e a palavra. Era só corrigir isso. O resto continua a mesma coisa. Isso aí não é nem uma modificação de pensamento, é uma correção de que eu tenha falado alguma coisa e por uma questão ou outra eu não falei...

Participantes do Grupo Dois

Entrevista com Bia

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Bia- Caramba... Eu nem imaginava que tinha dito tanta coisa assim.. Engraçado eu tava vendo aqui uns trechos em que eu falei da dificuldade com minha cliente, de ela não trazer as coisas e tal...Eu lembrei das últimas supervisões antes de terminar... Eu to em processo de fechamento com ela, de encerrar... E quando eu entrei na sala de supervisão eu desabei a chorar... De ver o processo todo... Eu fiquei encantada... Mais ainda do que eu já tava... Com a experiência clínica... Eu não sei se eu não achava que eu fosse capaz... Mas uma coisa que eu nunca esperava, que era entrar na clínica... De escutar, de conhecer, de me apaixonar mesmo pelo que eu to fazendo... E ver toda mudança naquela minha cliente... Eu lembro desde o primeiro dia... Lembro de todas as sessões dela... Dos altos e baixos, dos encontros e desencontros, tudo... Eu não sei se é porque eu sou chorona mesmo... Mas quando eu comecei a falar dela... Acho que foi um crescimento dela e meu também... Dessa minha cliente, que foi a mais focada, fiz o relatório e tal... Foi muito bom... E eu tava lendo aqui e lembrando... A gente vai lembrando as coisas... É muito interessante... Realmente, é apaixonante quando você começa a conhecer. Eu era uma das pessoas mais preconceituosas... Eu nunca me imaginei na clínica... Nunca mesmo. Minha expectativa era outra.

P.- Te surpreendeu...

Bia – Eu achava que eu nunca ia conseguir ficar numa sala atendendo uma pessoa. “Eu vou lá ficar atendendo, esperando menininha de 15, 16 anos que acha que ta difícil encontrar uma roupa pra ir numa festa! Não vou ter paciência pra isso”. E você percebe que a clínica não é isso. Pelo menos até agora não foi... (risos) E eu pensava assim: você fica na sala com uma pessoa, você diz isso e aquilo. Aquela visão das respostas prontas... E não é assim. E claro que eu me dei conta porque eu tenho o meu jeito... E agora eu estou tendo total liberdade... É tão bom! (risos) Pra fazer do meu jeito! Isso ta me dando muito prazer na clínica... Muito bom mesmo! Depois que eu parei de usar esse bandido gravador... Me deu uma liberdade... Pra cliente a gente até entende mais isso, de ela ficar se sentindo mais à vontade... Me deu uma liberdade total... E logo depois do que meu supervisor falou, que eu tenho que fazer do meu jeito... que cada um tem o seu... que você tem que buscar... você vai se encontrando... E realmente foi isso... Eu fui me encontrando durante toda parte de teoria. Eu já sabia mais ou menos como eu queria fazer, como eu queria seguir. Sem querer burlar as regras... Mas eu já tinha o meu jeito... E agora eu estou querendo usar de uma forma mais livre, com maior liberdade. Então eu estou mais encantada ainda do que eu já tava. Bem mais. E lendo aqui, fico lembrando... Foi muito bom naquele dia! Pelo que eu vi aqui... (risos)

P.- É, a discussão foi bem frutífera, digamos assim.

Bia- Foi muita coisa... Eu tinha realmente esse preconceito. E hoje vejo... Tenho outros colegas que partilhavam dessas mesmas opiniões que eu, e que hoje

também está aqui. É engraçado isso... Você passa realmente uma experiência na universidade... É um universo de coisas mesmo, que acontece ao seu redor. Você vai mudando, mudando, mudando... Hoje eu vejo algumas pessoas aqui na clínica... (risos) Eu também era desse jeito, achava que nunca... E to aqui...

P.- É uma descoberta...

Bia – É. Muito boa. Acho que foi uma das melhores descobertas que eu tive dentro da universidade foi essa. Sem sombra de dúvida. Teve outras coisas que eu participei... Eu me encantei mesmo... É algo assim que muita gente não imaginava... Nem eu! Nem eu imaginava! E nem do jeito que eu to saindo... Encantada, querendo dar continuidade... Não imaginava mesmo! Pensar em sair, ter um consultório e atender. Ave Maria! Não passava nem em sonho pela minha cabeça! Não passava mesmo... E hoje eu vejo que acho que eu não sei fazer outra coisa... (risos) O pior é isso! O pior é isso...

P. - A clínica é muito movimento...

Bia - É... Eu achava... “Ah, meu Deus! É a menina que não sabe se vai trair o namorado... Eu não vou agüentar um negócio desse não!”. E o movimento é outro! É outro totalmente diferente! É bem dinâmico, é bem... Cada cliente que entra na sala é diferente... Te abre pra outras coisas... Você além de facilitar isso no cliente, você vê em você também... É um crescimento muito grande... Pra mim talvez tenha sido o que mais me encantou... Foi isso... A minha possibilidade também... As minhas possibilidades... A minha abertura pra... Até mesmo pra própria clínica, que eu tinha uma visão tão preconceituosa, tão arcaica... Acho que também vai muito da experiência... Eu acho que a gente teve uma sorte muito grande de ter pego um supervisor na primeira parte do estágio... Que foi quem abriu o leque pra gente... Então acho que a gente deve muito a ele... O longo tempo que tivemos de estudo... A troca no grupo também foi muito boa... Então pra mim foi uma oportunidade maravilhosa, uma coisa que eu não esperava, que eu não me via... O meu futuro, no passado, eu não via esse... Assim que eu entrei aqui, que comecei a trabalhar com movimento estudantil, com movimentos sociais... Eu não me via... Eu tinha aversão à clínica... Não sei se também porque eu tive um atendimento aqui que não... Ai pensei: “Ih, isso aqui não é pra mim não!” (risos). Até isso também ajudou a ter essa barreira, esse preconceito... Porque quando eu vim tentar atendimento aqui... Depois da entrevista e tal... Fui encaminhada e não deu certo. “É isso?” Não é isso que eu quero pra mim não... É aquela coisa de que cada um tem seu método... Apesar de ficar sabendo de outras coisas da pessoa que me atendeu, mas acho que cada um tem seu jeito, é aquela coisa de respeitar mesmo o jeito do outro...

P. - E agora tu ta encontrando o teu né?

Bia - Ah, mas eu to tão feliz com isso (risos). É bom demais! Não ter perguntas nem respostas. Acho que o que mais me encanta é isso. Não vir preparada... E hoje eu não ter mais que ouvir aquelas respstinhas prontas, que eram coisas... Angustia-me... Eu não consigo me ver... Por isso que eu digo que hoje eu estou com total liberdade... Porque hoje eu posso me colocar... Meu jeito... Sem que a pessoa vá ouvir e dizer: “Ah, mas tu devia ter dito assim”. E eu saber que eu colocando daquele jeito, naquele momento foi bom pro meu cliente. Isso pra mim ta sendo maravilhoso... Ter essa liberdade... E vendo que ta legal, ta dando certo... Me enche

de orgulho! (*risos*) Me enche de orgulho mesmo... Pra mim continua sendo... Já tava... E agora com o encerramento dessa minha cliente eu vi que eu posso, com meu jeito... Ta dando certo... Que eu posso fazer e não vai causar nenhum...

P. - Dano irreversível? (*risos*)

Bia – Dano irreversível... (*risos*) Pelo contrário, acho que a dinâmica tem sido outra... Desde que esse negócio foi abolido... (*referindo-se ao gravador*) ta sendo perfeito... Ta sendo muito bom mesmo. Não que eu não sinta falta da supervisão... Tanto que eu pensei numas supervisões fora... Porque você tem... Não vou dizer que sou a psicóloga, a boazuda e tal...Eu sei que eu não sou. Mas eu sei que eu posso fazer. Eu acho que eu estou muito confiante em mim. Eu sei que eu não sou a perfeita, a certa, que os outros é que estão errados. Mas eu acredito no que eu faço, da forma que eu faço. Acho que por isso que eu to fazendo bem feito. Não sei se amanhã ou depois eu vou dizer “lh, ta tudo errado!” (*risos*). Não sei... Até agora não me disseram não... Mas pra mim ta sendo assim... A questão da confiança mesmo, de acreditar no meu trabalho... De hoje eu dizer assim: “Ta vendo? Tu que pensava tanta coisa, ta ai hoje besta, que não fala de outra coisa...” (*risos*) Eu tenho muito orgulho de mim... Não sei se isso é falsa modéstia ou não... Mas eu tenho orgulho de estar vivendo assim hoje... Acho que por isso tudo que eu disse... Essas questões do preconceito... De ter tido um certo trauma no início, que foi uma barreira pra clínica... E hoje não... Hoje eu vejo que isso tudo me fez crescer... Cada um no seu momento certo, de alguma forma propiciou esse meu crescimento... Mudar essa visão... Estou muito melhor...

P. - To vendo! (*risos*) Como tu falou, tu ta encantada... A palavra é essa... Apaixonada...

Bia - Eu to naquele momento da paixão.. (*risos*) Aquela paixão cega! (*risos*) Mas eu realmente estou passando por essa fase mesmo... Estou apaixonada... E to muito bem com isso. Eu ainda não tive medo do amor não... (*risos*) To na fase de mergulhar de cabeça mesmo e fazer. Agora é aquela coisa... To fazendo especialização... Numa área que não tem muito a ver, mas não deixa de ser, que é em psicologia da saúde... Mas sempre pretendo trabalhar juntando as duas coisas... A área da saúde, hospitalar com a clínica... Até na monografia eu tava pensando nisso... Eu tenho que juntar as duas coisas pra trabalhar isso... A clínica no hospital... Eu não sei como! (*risos*) Mas eu vou conseguir!

P. - A clínica pode ser feita em qualquer lugar...

Bia – É porque ambiente de hospital é meio complicado...

P. - Mas com sua postura clínica você pode conseguir...

Bia - Eu vou conseguir! (*risos*) Quero trabalhar as duas coisas...

P.- E quanto ao texto, tem alguma coisa pra corrigir?

Bia – Não... Eu não to dizendo que eu tava vendo os diálogos! (*risos*) No dia eu pensei: “Caramba, só eu e Carol falamos”. Ai eu fui ver aqui e vi que, realmente, eu e Carol ficamos num bate-bola. (*risos*) Mas é sempre assim eu e Carol... É bom demais discutir com ela, nesse sentido...

Entrevista com Carol

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Carol- Não sei... Acrescentar alguma coisa talvez não... Só se eu der uma lida pra ver como é que ficou no papel. Eu lendo assim, me vi muito na discussão... pensar como foi a discussão... Mas acrescentar... eu não teria o que acrescentar não. Eu volto a dizer que foi rico pra mim... demais... Principalmente também, pra entender o teu trabalho enquanto pesquisadora... Pra escutar um pouco das minhas colegas que estão no mesmo momento que eu, que é de final de curso... Estudam em áreas diferentes, que não sejam a minha... Procuo sempre ta ouvindo essas pessoas... Pra aprender um pouco, um pouco mais... Eu achei enriquecedor mesmo. Você escutar o outro... Algo diferente do seu... Acho que sempre você aprende com isso. Era isso... Acrescentar acho que não... Eu acho que já falei até isso na discussão. A transcrição das falas foi 100%, foi perfeita, é isso aqui mesmo o que tava lá... O que aconteceu... Inclusive até os momentos de descontração estão bem presentes... Ta bem marcante aqui no texto... Os momentos que a gente riu, outros momentos mais sérios também... Eu percebi isso na minha leitura... Aqueles momentos em que as coisas estavam mais... a tendência a ficar séria ou então mais descontraído. Achei bem interessante! E é tão engraçado olhar o que eu falei... Nossa! E as concordâncias nominais e verbais? (Risos) Tem uns erros de português, mas... Quando a gente fala... Eu falo bastante. Eu deveria escutar mais do que falar... Eu falo muito... Eu percebi nesse texto o quanto das minhas emoções estão na minha fala... Do quanto que eu acho que é verdade, verdadeiro pra mim... O quanto eu falo e a minha fala vem com muita emoção... E eu percebo que não foi só nisso não... Eu sou assim no dia a dia. A minha fala me diz mais do a simples linguagem, a essa simples linguagem... É algo que está subjacente a isso... E isso ta muito presente no texto... Eu achei... Como das meninas também. Eu vejo a diferença de todas nós. As características são muito peculiares a Bia, a Luzia, a Flávia... Deu pra perceber as diferenças... O que é marcante em cada uma... É isso que eu teria a dizer.

P.- Realmente você participou bastante... Você está muito presente no texto... A sua visão está muito clara... Achei muito interessante essa diferença de visão... Sua e de Bia... Fica bem clara... Bia puxando pro social e você bem...

Carol- Particular e individual. E ela não... Ela vê o todo... Pensando primeiro no coletivo... Não é que eu deixe de pensar no coletivo, mas a partir do sujeito inserido no coletivo. Talvez eu esteja errada, mas eu penso por aí...

P.- Mas isso diz da tua experiência...

Carol- Isso foi visível na discussão. Ela dizia o que ela acha, eu dizia o que eu acho. A gente sempre se respeitou muito. E eu acho interessante isso... Você ter liberdade de ser quem você é e você ser respeitado por isso. Porque ai você passa também a respeitar o outro. O que motiva, o que move ela é isso... A paixão da vida dela é essa... Da minha são outras paixões... Agora a gente nunca deixou de se respeitar... de conversar... de eu também aprender um pouco com ela... É engraçado ver minha participação... Realmente eu procurei participar de todos os pontos que eram levantados... Eu me senti participativa realmente...

P.- É, foram levantados por vocês... Eu só fiz uma pergunta inicial... Tudo foram você que foram levando... Você vê que foi o movimento do grupo mesmo... O que eu achei interessante na sua fala... Ficou muito claro... Eu lembro muito dessa frase: “o caminho é teu”. Porque eu acho que isso faz parte da minha pesquisa... Porque tem a teoria, tem a técnica, mas o caminho é teu mesmo... Como tu vai levar essa teoria não é igual... Daí tem o pessoal de cada um mesmo...

Carol – Você vê aí a quantidade de autores... As pessoas que sempre buscaram as respostas pra suas interpelações, seus questionamentos... É aí que está a pesquisa... Você vê o corpo teórico de milhares de autores, mas ali é uma interpretação que vai ser tua...

P. – Só que a gente não tem essa noção... Bem, eu não tinha e conheço muita gente que não também. A gente não sabe o quanto da gente vai estar presente na hora da prática. A gente acha que quando escolhe uma linha, um autor... Na hora da prática acha que vai ser suficiente... Mas não imaginamos o quanto temos que estar presente... E no curso não é passado isso pra gente.

Carol- Não há uma neutralidade. O trabalho... É mais uma transferência sua... Tem algo ali... O desejo mesmo, que tá te movendo. Então isso diz muito de você... Algo muito particular seu... Bia falava muito na questão da reprodução... Isso acontece muito... Mas com o tempo, com os anos, com a maturidade, com a prática... É que você vai imprimir um estilo próprio seu. Acho que é por aí... Eu vejo assim. Porque não tem supervisor... Eu ainda penso assim, porque estou no estágio... Então algo está me orientando... É como um tutor mesmo. Tem alguém, superior a mim... “olhe, não se preocupa não porque se tu der uma escapada aqui, tem alguém que pode te apoiar nesse sentido”. Mas se bem que quando você vai atender fora, você no começo precisa de um supervisor. Mas já não é a mesma coisa... Você está ali, no seu campo de trabalho... Você é um profissional liberal... Então você é responsável por tudo... É um trabalho que é teu... Então não é a mesma coisa... Realmente... Eu não tive esse pensamento antes... Mas vou ter agora... Vou me formar... Deve ser essa sensação mesmo... Minha supervisora sempre diz isso pra mim, pro grupo... “Vocês precisam se soltar mais”. Principalmente com as crianças... Porque a gente atende crianças... Não se prenda muito à técnica... Porque realmente não há neutralidade... É você que está ali... Quando você tranca a porta e entra na sua sala com seu cliente, é você e ele... Então acho que precisa disso... Agora acho que é com o tempo... Lógico que eu não adquiri isso ainda porque eu estou muito no começo... A gente fica sempre preocupado em dar conta daquilo que surge... Quando eu levo o caso pra supervisão... E a minha supervisora meio que extrai o que foi aquilo... É tão interessante, porque não é a mesma coisa... Quando você tá ali no atendimento... Às vezes eu não tenho idéia... “Eita, é isso mesmo!”. Às vezes quando eu chego em casa, é que fico pensando: “Eita, isso aí... é...”. Aí é engraçado porque na sessão seguinte você já tem uma compreensão... E que ajuda você a se sentir cada vez mais à vontade... Se sentir livre com o cliente... Mas eu ainda fico um pouco nervosa... Não, não é nervosa... Digamos que eu fique um pouco preocupada... Principalmente quando eu atendo os pais... Mas no começo dos atendimentos eu ficava muito tensa... Muito... Hoje não... Hoje eu já consigo controlar, como a gente chama, o manejo da transferência... Consigo trabalhar com os pais de forma mais tranqüila... Sabendo o que eu estou fazendo... Antes a tensão reinava... Hoje não... Hoje eu me sinto mais tranqüila pra fazer isso.

P.- É uma coisa que vem com o tempo... Mas também que nunca vai chegar por completo...

Carol- Nunca... Acho que todo conhecimento não é fechado... É um conhecimento aberto... Nunca vai acabar... Eu tava lendo os casos clínicos que a gente estuda bastante, de Winnicott... Ai ele tava dizendo de um caso clínico dele e das intervenções que ele fazia. Tem um momento que ele diz "essa intervenção aqui não surtiu efeito"... Ai ele foi tentando... Achei tão interessante... É difícil a gente desmistificar... A gente ficar pensando numa pessoa que tem mais experiência... Acha que ele detém todo o saber... Porque a gente tem essa fantasia... Só que aos poucos isso vai sendo quebrado. À medida que a gente vai adquirindo mais seguranças, mais conhecimento... A gente vai estudando mais... A gente vai percebendo que a gente também pode deter o conhecimento...

P.- A teoria é metabolizada... Está na sua visão de mundo, inclusive...

Carol- Até os traços dos diferentes autores... Freud tem o traço dele em determinada época... traz uma bagagem cultural daquela época... O estilo próprio dele... Diz muito dele... E assim vai... Carl Rogers... A gente vê a biografia de Carl Rogers, a gente vê muito o que foi a vida dele, no que ele acreditava... Então o corpo teórico dele ta ali dizendo quem foi ele... Um traço que é dele...

Entrevista com Flávia

P.:Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Flávia – Eu li tudo... Achei muito legal... Foi uma experiência muito bacana mesmo. Acho que foi muito enriquecedor. Porque a gente passa cinco anos dentro da universidade... E eu me lembro quando a gente comentava... Quando discutia com os outros alunos... “Ah, a gente só sabe psicanálise”. Mas quando a gente se juntou eu vi que a gente não sabe nada praticamente! A gente sabe pouquíssimo da nossa abordagem, quanto mais das dos outros... Eu acho que foi uma experiência maravilhosa... E antes de sair, eu vou tentar sugerir aqui na clínica encontros desse tipo, P. ... Pra gente poder conhecer... Entra em contato com uma outra abordagem... Entender como ela funciona também... Eu acho interessante... Eu sei que tem muita gente que pensa assim: “Ah, não. Eu sou dessa abordagem”... E nela fica e levanta a bandeira e critica tudo que não seja de sua abordagem. Mas eu acho que tudo é conhecimento que a gente adquire... E que tudo é válido... Era mais nesse sentido de conhecer... Que foi legal a discussão... Saber a opinião de... Acho que a de Luzia porque existencial... tava bem próxima... Eu sei que em muitas coisas divergem a psicanálise da ACP... Muito de entrar em contato a psicanálise e a ACP... De achar que algumas coisas que a gente achava é assim mesmo... E ver que outras não tem nada a ver... É mais nesse sentido. Gostei muito... Porque a gente entra em psicologia... Passa pelas mãos de vários professores... Algumas disciplinas a gente não aprender praticamente nada se não for atrás, se não tiver... Mas como é vasto o campo que pode ter a atuação do psicólogo... E como a psicologia se divide... Como tem várias abordagens... Mas se parar pra pensar, você vê que não sabe praticamente nada! O que é que eu sei da Psicanálise? Pouquíssimo. O que é que eu sei? Tem muitas aí... Tem a Gestalt, tem n coisas que a gente praticamente não tem formação nenhuma. E que eu acho que deveria ter, até pra poder facilitar a nossa escolha. Porque é aquela questão, se você não for atrás... Porque deveria clarear no começo do curso... Acho que a gente vê tanto... A gente começa a ver psicologia mesmo na metade do curso. Porque antes é tudo muito abstrato... Foi como eu... Eu pouco antes, quase deixo o curso de psicologia porque eu não tinha motivação... Eu via tudo menos psicologia... E o pouco que eu via... Muito mal dado... Professores totalmente desqualificados, que eles botam... Olhe, é impressionante! Às vezes eles botavam professores que não tinham nada a ver... Por exemplo, estava querendo colocar M. pra ensinar Personalidade e outro professor pra ensinar ACP. Porque? Se a especialidade dela é ACP, porque não colocam ela dentro da área dela mesmo? Eu estudei com G. ... Era viagem, viagem, viagem... Eu não vi nada de Personalidade... Ai disseram que ela deu um show em psicologia da religião, que é a área dela. Quem me falou, eu quase não acreditava... Se não fosse uma pessoa que realmente eu confio, que é um amigo meu, eu não acreditaria! Mas como tem isso na universidade! E dificulta pra gente! Como que fica difícil!

P. - É muito limitador mesmo... Principalmente porque geralmente se entra muito novo no curso... Passa um período, passa outro... Quando vai chegando no final, se descobre que existe n outras coisas que não vai ser visto. Já sabe que não vai ser visto... Por exemplo, aqui só se pode escolher ACP e Psicanálise. Quantas outras coisas existem...

Flávia- E isso em relação à área clínica, porque em relação à universidade toda mesmo é Psicanálise e Social. E o movimento que se não tomar cuidado... É porque M. tem pulso... Mas se fosse uma pessoa que se abestalhasse, acho que eles acabavam... Porque o movimento acho que é pra isso... É pesquisa... é isso, é aquilo... Eu me lembro de uma disciplina que eu paguei... O professor adorou a turma... Ai foi ensinar uma outra disciplina já porque sabia que ia pegar essa turma... Mas dois períodos na frente... Mas ele se frustrou completamente. Porque pelo que ele via, ele achava que todo mundo ia se direcionar pra pesquisa... Foi terrível a disciplina com ele! Foi terrível! Ele fez um terrorismo do começo ao fim... Sabe aquelas loucuras de um dia dizer uma coisa e de no outro dia modificar totalmente o que ele tinha dito... Fazia acordos com a turma sobre as avaliações, ai no outro dia já dizia totalmente... Olhe, foi uma coisa! Ai combinou um trabalho que ia valer ponto... Botou metade da turma na final... Quando chega na final, ele simplesmente disse que não vai ter mais aquele ponto... A gente teve que dar o braço a torcer... A gente tava certo, mas é aquela coisa "eu sou professor, eu sou acima de vocês"... E não ter diálogo de nada... A gente teve que dar o braço a torcer pra ir conversar com o professor... Ai quando chega ele diz: "Vocês estão preocupados com nota? Vocês passaram em tudo... Vocês deveriam estar preocupados com o que vocês estão aprendendo". Ele não ensinou nada! Enganou todo mundo! Ai chegar e dizer que os homens é que vão arrumar trabalho pra sustentar as mulheres e as mulheres trocar receita... São experiências que a gente passa aqui... Se a gente fosse publicar um livro tinha muita história pra contar... Quanto que a gente deixa de aprender... Poderia estar aproveitando de outras formas... Eu não sei de quem deveria partir isso... Eu sei que tem essa história de reforma, que nunca sai... Mas muita coisa ta totalmente defasada... Eu estudava no UNIPE, e quando eu vim pra cá eu tive que voltar pra pagar matemática, já tendo pagado as duas estatísticas. Quando eu olhei... Ter que ver conjunto, equação, função... O que é que isso tem a ver com o curso? A gente poderia aproveitar se fosse uma programação mais voltada pro curso... mais voltada pra passar a informação... pra preparar melhor o aluno... Porque muita coisa aqui que a gente aprende que se juntar vai pro lixo direto. É isso...

P.- E como é que tu vê a psicologia hoje, depois da prática, depois que tu deu sentido ao teu curso?

Flávia- Eu vejo como é maravilhoso... E o que eu tava perdendo, entendeu P.? Mudou totalmente minha visão... É como se antes não tivesse nada! Nada! E depois da prática... Como você tem que ir atrás... Como você sabe tão pouco... Apesar de um ano... Eu comprei vários livros, apesar de não ter tido tempo pra ler... Alguns eu já li... Mas como você tem coisa pra aprender... E o meu movimento é esse, de estar como se tivesse descobrindo... Eu estou fascinada com meu curso... E de querer sempre estar... "O que é que eu posso fazer?" Todo dia quando eu acordo, eu penso: "O que é que eu posso fazer? Como é que eu posso estar aprendendo mais?" Porque até então eu estava bem mais estressada... Porque eu não via futuro pra mim... Quando eu for pra Fortaleza... Porque meu marido trabalha na AmBev... Nunca ele passou um ano em lugar nenhum... Sempre é dez meses... Onze meses... E a tendência de quem é bom dentro da empresa é de estar sempre mudando. Eu sei que ele, modéstia parte, é um danado mesmo... Mas eu quero fazer uma especialização... Eu quero dar outros rumos... Eu quero me aperfeiçoar... Eu quero melhorar... Eu quero estar mais próxima... Mas o futuro próximo eu sei que

não... Eu estou esperando saber pra onde eu vou pra poder direcionar minha vida... É uma coisa que até certo ponto... Eu me sinto bem limitada... Mas minhas pretensões são essas... Estar sempre melhorando, sempre aperfeiçoando... Eu quero fazer uma pós-graduação, quero fazer uma especialização... Eu estou com muitas dúvidas do que eu vou fazer agora... Eu quero parar num canto e ver... “Pronto eu quero isso pra minha vida”... Porque são muitas descobertas... Foi muita informação que eu obtive no final do curso... Eu to meio atordoada... Com muita coisa e sem saber ainda o que fazer com essas coisas que estão chegando pra mim...

P.- É, você falou no começo da discussão do teu crescimento pessoal, que era o que estava te fascinando muito... Além do profissional... Como você falou, é uma descoberta mesmo...

Flávia- É impressionante como prestando mais atenção em mim... “Olha, isso aqui eu não gosto”... E aos pouquinhos... É como se a gente tivesse sido preparado, tivesse sido formado pra ser assim... É um processo... É lento... Mas se você chegar, parar e pensar como que você era antes... como que eu era antes... E como que eu sou agora... Já estou percebendo bem mais coisas... Coisas que eu gosto, coisas que eu não gosto... Dificuldades que eu tenho... Por exemplo, lá em casa... de expressar meus sentimentos... Aos poucos eu to... A partir do momento que eu comecei a trabalhar, que eu comecei a enxergar isso... de aos pouquinhos... como eu estou sempre buscando estar melhorando, buscando... “Olha, isso não dá pra fazer agora, de imediato”. Mas é como se fosse comendo a barrinha de chocolate aos pouquinhos... Um quadradinho, dois... Mas sempre procurando melhorar... Sempre estar mais de acordo comigo. Porque eu já observei... Foi uma coisa demais nesse estágio... Como quando você está bem, está mais congruente consigo... como o seu contexto, como seu mundo totalmente se modifica... É isso... É outra dificuldade que eu tenho, às vezes é tanta informação, eu quero dizer tanta coisa, que eu sinto que eu passo tudo confuso... Muita coisa eu quero dizer ao mesmo tempo e assim vai... Mas deu pra entender?

P.- Deu, claro... Foi muito rico pra mim também. Não tenho nem o que comentar...

Entrevista com Luzia

P.: Eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar ou modificar em relação à nossa discussão.

Luzia – Eu tava pensando muito esses dias nessa fase que a gente vivencia... É realmente muito difícil... Nós temos uma responsabilidade muito grande, que é a de cuidar do outro... E isso exige também que a gente cuide um pouquinho de nós mesmos... Como cuida do outro se não cuidar de nós mesmo primeiro? Se nós não sabemos cuidar de nós mesmos... Eu to num momento... que eu to um pouco perdida... Acho que é por causa desse final de curso... Tanta responsabilidade... E eu percebo que isso reflete também no acompanhamento dos processos... E que não só eu, mas como todo mundo acaba passando por isso e enfrenta muitas dificuldades na vontade de acertar e de ajudar o outro... Mas é uma fase que a gente também erra... É muito bom quando a gente encontra na supervisão, na supervisora, a que eu tenho... Esse respeito às capacidades individuais, ao momento que cada uma enfrenta... O incentivo... que principalmente na minha supervisão a gente tem por parte de L. ... Então isso fortalece um pouquinho mais a gente enfrentar essas dificuldades... que são naturais dessa fase... Eu to um pouquinho preocupada... Eu sei que no momento o meu andamento não tem sido muito bom não... E que eu to precisando cuidar mais de mim... É uma fase de muitas mudanças em mim... E às vezes eu me sinto perdida com tudo que ta acontecendo...

P.- Isso reflete na tua prática... É você que ta ali... Se você ta perdida, fica perdida também no atendimento...

Luzia- Exatamente. E é aquela coisa... A gente ta aqui... tem tudo que a gente vivencia aqui... Mas tem as nossas vidas pessoais também... Elas vão andando ali lado a lado. A gente não pode separar: “aqui é minha profissional, lá é minha vida pessoal”. A gente não consegue fazer isso... E a gente percebe o quanto isso influencia às vezes... Tem dias que a gente não ta muito bem e tem que vir atender... Ai cabe uma reflexão pra saber se realmente ia ser possível atender naquele dia ou se não... Não sei... To passando por essa fase...

P.- É complicado mesmo... Parece que no momento do fim...

Luzia- Tem também outras mudanças... Não é só isso. Eu to perdida não é só por causa disso. É por diversas outras coisas que estão acontecendo na minha vida... Coisas que estão findando e coisas que vão se iniciar. E ai como será essa nova etapa? Eu acho que é natural... Acho que todos os estagiários, todos o concluintes, passam naturalmente por essa fase. Eu to meio balançada...

P.- Parece que quando vai chegando o final, que é quando a gente tem mais prática, volta pro começo... “Será que eu aprendi?”

Luzia- É... A sensação é realmente essa... De estar se questionando mesmo se realmente já aprendeu o suficiente pra ta ai no mercado de trabalho... e se dispendo realmente a trabalhar e a ajudar o outro... Percebo que é uma carga muito grande de responsabilidade. E às vezes pesa um pouquinho... Mas cabe a gente também saber aprender a lidar com isso...

P.- E decidir se quer encarar ou não...

Luzia- Pois é...

P.- Tu tens mais alguma pra acrescentar?

(Silêncio)

P.:Tu estás bem pensativa mesmo...

Luzia- É... Um monte de coisas que estão acontecendo na vida...

(Silêncio)

P.- To me lembrando do grupo... Você tinha esses momentos de silêncio...

Luzia- Eu sou assim mesmo...

P.- Foram participações bem pontuais, mas muito ricas. Depois quando entrou no debate da instituição, tu não participou muito... Mas com relação aos outros pontos... Como a prática... a supervisão...

Luzia- É porque isso ficou muito evidente na supervisão que eu e as meninas temos... De valorização ao estilo pessoal mesmo... Que a teoria muitas vezes não dá conta de realidade... E como eu coloquei ai, a questão do bom senso, de acreditar em si mesmo... Utilizar da intuição mesmo... Pra intervir tem que ousar, se atrever de vez em quando... pra dar conta de uma demanda... Teve situações dessa caminhada que eu me saí muito bem... Me deparar com uma situação nova e realmente saber conduzir adequadamente... Mas tem outras situações, como agora, que eu estou vivenciando tantas dificuldades com tantas coisas acontecendo, que eu percebo que realmente isso está me influenciando e não está me permitindo conduzir adequadamente o processo... às vezes. Isso tá influenciando e os processos não estão caminhando tão bem como poderiam ser... Mas também eu sei que tem essa questão pessoal da minha vida... de tudo que tá acontecendo e que tá repercutindo... Mas também tem determinados casos que influencia muito mais a questão circunstancial do próprio caso, do próprio cliente... que muitas vezes não permite um andar mais rápido... tem que dar um tempo mais lento pra que ocorra alguma melhora, algum avanço... E também é outro ponto de reflexão. Não achar que somos nós os responsáveis por toda a mudança na vida de um cliente... Jamais. São diversos outros fatores... Nós somos um instrumento... Mas são diversos outros fatores que estão influenciando e que às vezes estão impedindo a melhora de um cliente.

P.- Com certeza... É muito impalpável, digamos assim... E isso ficou muito claro na tua fala... Essa questão do estilo pessoal... Do respeito na supervisão...

Luzia- A gente percebe que a gente encontra realmente... Apesar de não lidar com muitas questões que a gente tá vivenciando e tá abordando ali na supervisão... Mas ela percebe dentro do possível, como cada uma tá prossequindo e as dificuldades

que ta encontrando... E a gente sente esse apoio nela... A gente sabe que pode contar com ela... De repente ligar pra ela, pra falar sobre o que está acontecendo... Existe uma abertura da parte dela... E ela é bastante compreensiva diante das nossas dificuldades... A postura que a gente aprende com a teoria da abordagem humanista... de respeito ao outro... de respeitar esse tempo do outro... Ela ensina muito a gente que isso ta presente em todas as relações... Não é só na relação terapeuta-cliente... É nas relações humanas de uma forma geral... É na relação pai e filho... É na relação supervisor – estagiário... Isso é fundamental. E a gente percebe quantas coisas... por essa atitude de respeito... quantas coisas a gente vivencia e é mais fácil enfrentar... É mais nesse sentido. E também ajuda a gente a refletir sobre outras posturas que a gente tem em outras relações.

P.- É uma aprendizagem que vai além da...

Luzia- É um crescimento pessoal mesmo. É nesse sentido...